A Liahona 34/8 AGOSTO 1981





Re
Co
de
Cr
do

"

da e
P
dos
supr
na s
gera
Kim
peit
enca
ra P
tripl
*
Senh
tribo
*
do-c
evar
do-c
*
orde
que
O
aos
dian
bore
pios
T
ram
— q
no c
ram

Relatório da 151ª Conferência Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

"Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar imortalidade e vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.)

Procurando focalizar os esforços dos líderes e membros da Igreja neste supremo objetivo espiritual, anunciou na sessão de abertura da conferência geral da igreja o Presidente Spencer W. Kimball: "Meditando e orando a respeito da grande obra que o Senhor nos encarregou nos últimos dias, a Primeira Presidência e os Doze sentem que é tripla a missão da Igreja:

* Proclamar o eterno evangelho do Senhor Jesus Cristo a todas as nações, tribos, línguas e povos;

* Aperfeiçoar os santos, preparando-os para receber as ordenanças do evangelho, e instruindo e disciplinando-os para ganharem a exaltação.

* Redimir os mortos, realizando as ordenanças vicárias do evangelho pelos que viveram na terra."

O Presidente Kimball recomendou aos líderes e membros a, daqui por diante, pautarem suas prioridades e labores segundo esses "sagrados princípios".

Todas as sessões da conferência foram presididas pelo Presidente Kimball — quatro no sábado, 4 de abril, e duas no domingo, 5 de abril. As sessões foram dirigidas por ele e pelo Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro.

Estavam presentes todas as Autoridades Gerais da Igreja, inclusive o Élder Angel Abrea de Buenos Aires, Argentina, novo membro do Primeiro Quorum dos Setenta, apoiado nesta conferência, e primeira autoridade geral sul-americana. Com isto, o Primeiro Quorum dos Setenta passa a contar quarenta e um membros. Foi comunicado ainda que o Élder Abrea, presidente da Missão Argentina Rosario, presidirá o templo da Igreja a ser construído em Buenos Aires.

Dias antes da conferência geral, o Presidente Kimball anunciou os planos para a construção de mais nove templos nos Estados Unidos, América Latina, Ásia, África e Europa. Com referência a este assunto, disse ele na conferência: "À medida que a obra progride, haverá grande número de templos espalhados pelo mundo."

Nas sessões da conferência, houve seguidas referências às "difíceis experiências e provações" de nossos dias. Disse o Presidente Kimball: "Ao nos preocuparmos com necessidades econômicas básicas... precisamos voltar aos princípios básicos." "Temos sido aconselhados a preservar nossos recursos e aliviar os fardos financeiros de nosso povo.". "Não devemos sobregarregar a nossa gente. Tendo isto em mente, a Primeira presidência redigiu uma carta contendo "algumas diretrizes destinadas a ajudar a liderança de ala, estaca e missão a cumprir essa recomendação e instrução".

Essa ênfase em ajudar os membros a se tornarem auto-suficientes e a reduzir os encargos deles exigidos foi exaustivamente debatida no Seminário de Representantes Regionais, na sexta-feira, 3 de abril, e na reunião noturna no Tabernáculo sobre o assunto.

L69470
A34
1981

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAZINE»:
M. Russell Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders Seção Infantil;
Roger Gylling, desenhista;

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção

Índice por Assunto

Os assuntos a seguir foram abordados nos discursos que começam na página indicada:

Amor (22,53,59)
Auto-suficiência (90)
Caridade (47,81)
Casamento (13)
Coligação de Israel (16)
Convênios (43)
Desvios sexuais (73)
Diários (73)
Escritura (64)
Exemplo (40)
Fé (25)
Finanças familiares (83,85)
Genealogia (73)
Gratidão (27)
Jesus Cristo (75)
Judeus (16)
Liderança da Igreja (20)
Luz e verdade (28)
Moralidade (61)
Obediência (61,68)
Obra missionária (11,71)
Ofertas de jejum (37,79)
Oração (49)
Preparação (83,85,87)
Princípios do evangelho (31)
Progresso da Igreja (5,78)
Propósito da vida (50)
Respeito próprio (8)
Responsabilidade familiar (22,34,45,66,81,90)
Revelação (66,81,90)
Sacerdócio Aarônico (40)
Sacrifício (79)
Trabalho (50)
Viúvas (47)

Oradores desta conferência por ordem alfabética:

Abrea, Angel, (27)
Ashton, Marvin J. (22)
Ballard, M. Russell, (85)
Benson, Ezra Taft, (34)
Brewerton, Teddy E. (68)
Brown, Victor L. (37)
Burton, Theodore M. (28)
Dunn, Loren C. (25)
de Jager, Jacob, (11)
Derrick, Royden G., (66)
Faust, James E. (8)
Goaslind Jr. Jack H., (59)
Haight, David B. (40)
Hinckley, Gordon B. (20)
Howard, F. Burton (71)
Hunter, Howard W. (64)
Kimball, Spencer W. (5,45,78,79)
McConkie, Bruce R. (75)
Monson, Thomas S. (47)
Packer, Boyd K. (13)
Paramore, James M. (53)
Perry, L. Tom (87)
Petersen, Mark E. (61)
Peterson, H. Burke (81)
Rector Jr., Hartman (73)
Richards, Franklin D. (50)
Richards, LeGrand (31)
Romney, Marion G. (16,43,90)
Smith, Barbara B., (83)
Tanner, N. Eldon, (49)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00*. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Índice

Relatório 151ª Conferência Geral de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 1

Sessão Matutina de Domingo
Apoio dos Oficiais da Igreja 5
Relatório de minha Mordomia, Presidente Spencer W. Kimball 6
A Dignidade do Eu, Élder James E. Faust 10
Somos Chamados para Espalhar a Luz, Élder Jacob de Jager 15
Casamento, Élder Boyd K. Packer 19
Restauração de Israel na Terra de sua Herança, Presidente Marion G. Romney 23

Sessão Vespertina de Sábado
Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja 27
Relatório Estatístico de 1980 28
O Documento de Joseph Smith III e as Chaves do Reino, ÉLder Gordon B. Hinckley 30
Servimos a Quem Amamos, Élder Marvin J. Ashton 34
Construir Pontes para a Fé, Élder Loren C. Dunn 40
Agradecimento, Élder Angel Abrea 44
Luz e Verdade, Élder Theodore M. Burton 46
O Chamado dos Profetas, Élder LeGrand Richards 50

Sessão do Sacerdócio
As Grandes Coisas Requeridas de seus Pais, Presidente Ezra Taft Benson 55
Ofertas de Jejum: Cumprimento de nossa Responsabilidade para com o Próximo, Bispo Victor L. Brown 60
Responsabilidade dos Portadores do Sacerdócio Aarônico, Élder David B. Haight 65
Convênios do Evangelho, Presidente Marion G. Romney 71
Prestar Serviço ao Próximo, Presidente Spencer W. Kimball 75

Sessão Matutina de Domingo
A Longa Fila dos Solitários, Élder Thomas S. Monson 78
Ele Está Presente, Presidente N. Eldon Tanner 85
Vida — O Grande Campo de Prova, Élder Franklin D. Richards 87
Amai-vos Uns aos Outros, Élder James M. Paramore 92
Estender a Mão aos Filhos de nosso Pai, Élder Jack H. Goaslind Jr. 96
As Bênçãos da Auto-suficiência, Élder Mark E. Petersen 100

Sessão Vespertina de Domingo
Ninguém Deverá Acrescentar ou Tirar Qualquer Coisa, Élder Howard W. Hunter 106
Valores e Recompensas Morais, Élder Royden G. Derrick 109
Obediência - Obediência Plena, Élder Teddy E. Brewerton 113
Salvando Outros Salvamos a Nós Próprios, Élder F. Burton Howard 118
Converter os Corações, Élder Hartman Rector Jr. 122
"Sobre Esta Rocha", Élder Bruce R. McConkie 126
Estamos a Serviço do Senhor, Presidente Spencer W. Kimball 131

Sessão de Bem-Estar
Buscai as Coisas Fundamentais, Presidente Spencer W. Kimball 134
Nossa Responsabilidade de Cuidar dos Nossos, Bispo H. Burke Peterson 136
Buscar as Estrelas, Barbara B. Smith 140
Satisfazer Nossas Necessidades, Élder M. Russel Ballard 144
Necessidade de Ensinar Preparação Pessoal e Familiar, Élder L. Tom Perry 148
Princípios Básicos do Programa de Bem-Estar da Igreja, Presidente Marion G. Romney 152

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Discursos da Conferência Correlacionados com o Currículo da Igreja 156

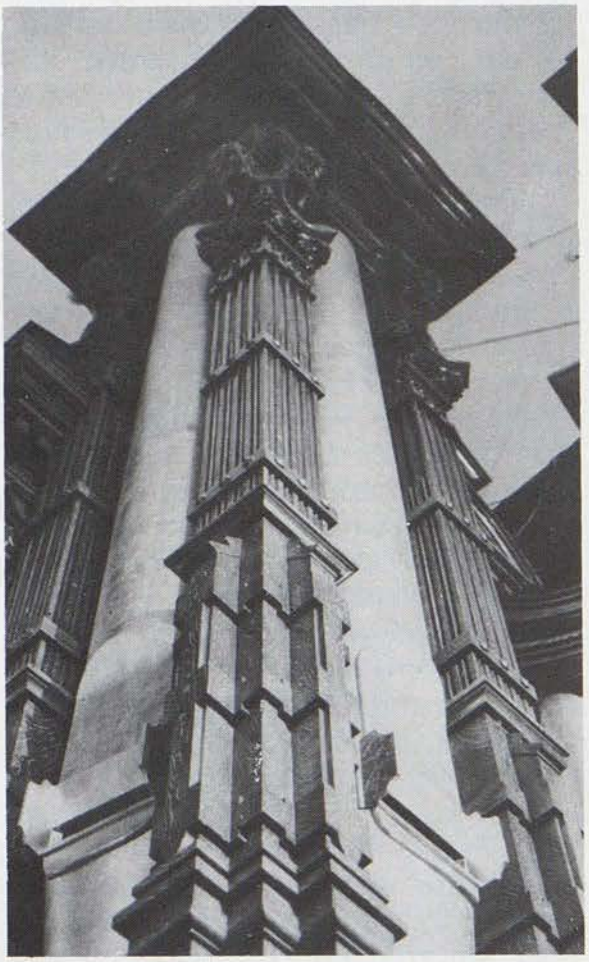
Participação adicional: As orações nas sessões de conferência foram proferidas pelos irmãos a seguir: Élder Robert D. Hales e Élder Hugh W. Pinock, sessão de bem-estar; Élder J. Thomas Fyans e Élder W. Grant Bangerter, sessão matutina de sábado; Élder Marion D. Hanks e Élder John H. Groberg, sessão vespertina de sábado; Élder Neal A. Maxwell e Élder A. Theodore Tuttle, sessão do sacerdócio; Élder Dean L. Larsen e Élder F. Enzio Busche, sessão matutina de domingo; Élder Paul H. Dunn e Élder Ronald E. Poelman, sessão vespertina de domingo.

Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

É proposto que apoiemos o Irmão Angel Abrea como membro do Primeiro Quorum dos Setenta. Todos a favor, queiram manifestar-se; se alguém discordar, que se manifeste.

Com exceção do Irmão Abrea, que acabamos de apoiar, não houve nenhuma modificação desde a última conferência geral. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos. Todos a favor, queiram manifestar-se. Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.



Detalhe dos tubos do órgão do Tabernáculo.

Relatório de Minha Mordomia



Presidente Spencer W. Kimball

Mais uma vez, meus irmãos e irmãs, regozijo-me na oportunidade de estar convosco numa conferência geral da Igreja. Em muitos aspectos, a conferência de outubro passado parece ter sido ontem, embora estivéssemos tão atarefados e acontecessem tantas coisas, que poderia estar fazendo seis anos.

Desde a última vez que nos encontramos neste histórico Tabernáculo, foram dedicados dois novos templos e iniciada a construção de outros quatro. Em 1980, grande número de conversos - 210.777 - filiaram-se à Igreja, e em 1981 serão ainda mais. Nas ilhas das Caraibas, a obra do Senhor teve um incremento maravilhoso entre aquela boa gente. Sem dúvida, o Senhor vem-nos abençoando abundantemente!

Meus irmãos, meditando e orando a respeito da grande obra de que o Senhor nos encarregou nos últimos dias, a Primeira Presidência e os Doze sentem que é tripla a missão da Igreja:

1. Proclamar o eterno evangelho do Senhor Jesus Cristo a todas as nações, tribos, línguas e povos;

2. Aperfeiçoar os santos, preparando-os para receber as ordenanças do evangelho e instruindo e disciplinando-os para ganharem a exaltação;

3. Redimir os mortos, realizando as ordenanças vicárias do evangelho pelos que viveram nesta terra,

Os três são parte de uma só obra — auxiliar nosso Pai Celeste e seu Filho, Jesus Cristo, em sua grandiosa e gloriosa missão de "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.)

Com estes sagrados princípios em mente - *proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos* - esforçamo-nos nestes últimos seis meses para cumprir nossas responsabilidades para com os santos, tanto aqui como lá fora. Gostaria, portanto, de apresentar-vos um breve relatório de minha mordomia, desde que nos encontramos na última conferência geral de outubro.

Dez dias após o término da conferência de outubro, o Presidente Romney e eu partimos, acompanhados de mais alguns irmãos, para dirigir conferências de área no Oriente. Nossas primeiras reuniões realizaram-se no Coliseu Araneta, em Manila, Filipinas, assistidas por vinte mil santos. Vistoriamos também eventuais terrenos para a construção do novo templo que acaba de ser anunciado para esse país. Tivemos um encontro bastante agradável com Ferdinando E. Marcos, presidente das Filipinas, que sacrificou uma manhã de sábado com a família, a fim de nos receber no palácio presidencial.

De Manila, fomos para Hong Kong, provavelmente a cidade mais densamente povoada do mundo, onde vivem 157 000 pessoas por quilômetro quadrado. Lá realizamos reuniões nos dias 20 e 21 de outubro, em nossa excelente sede de esta-

ca. No dia seguinte, voamos para Taipé, Formosa, onde nos reunimos nos dias 22 e 23 no belo Auditório Sun Yatsen. No hotel, tomamos o desjejum em companhia dos dois principais líderes da República da China, o primeiro ministro Sun e o Presidente Chiang, filho do falecido Chiang Kai-Chek. No almoço, mais tarde, fomos hóspedes do governador da Província de Taiwan. De Taiwan (Formosa), fomos para Seul, na Coréia do Sul, a "Terra da Calma Matutina". As reuniões realizaram-se nos dias 25 e 26 de outubro, ao ar livre, nos terrenos da Missão Coréia Seul, onde mais de seis mil membros suportaram um frio intenso devido à súbita mudança climática. Almoçamos no hotel como convidados do ex-primeiro ministro interino da Coréia.

Chegamos em Tóquio tarde da noite, no domingo, dia 26. Na segunda-feira, 27 de outubro, o Presidente Romney e eu assentamos a pedra angular do Templo de Tóquio e depois, às 15 horas, realizamos a primeira sessão dedicatória na sala celestial, transmitida por televisão em cores para todas as outras salas do templo. Nos dois dias seguintes, houve mais seis sessões dedicatórias. A dedicação do templo foi seguida pela conferência de área, realizada nos dias 30 e 31 no afamado Auditório Budokan. Em todos os lugares visitados, tivemos ainda reuniões especiais com os missionários, sendo que em Tóquio compareceram mil e quinhentos numa única reunião. Foi realmente uma visão entusiasmante e inspiradora. No sábado, 1º de novembro, realizamos as duas sessões, uma de manhã e a outra à tarde, da conferência de área de Osaka. Na mesma noite, viajamos de avião para casa, interrompida apenas no Havaí por três horas, a fim de podermos designar vários seladores para o Templo do Havaí.

No dia 14 de novembro, empossamos o Dr. Jeffrey R. Holland como nono presidente da Universidade Brigham Young, em substituição a Dallin H. Oaks, recentemente nomeado juiz da Corte Suprema de Utah.

Três dias depois, a Primeira Presidência viajou para Seattle, Washington, para a dedicação do novo Templo de Seattle situado em Bellevue. Treze sessões dedicatórias realizadas nos dias 17 a 21 de novembro, contaram com a presença de mais de quarenta e três mil membros vindos de todo o grande Noroeste Americano.

Seguiu-se um período bastante atarefado em Lago Salgado, do dia de Ação de Graças até o Natal.

Na quarta-feira, 11 de fevereiro, a Irmã Kimball e eu partimos para o Pacífico Sul. No Taiti, demos início à construção de um templo em Papeete e tivemos um encontro com os missionários. Visitamos ainda o assistente do governador de Taiti na residência oficial do governo.

No sábado, 14 de fevereiro, paramos em Rarotonga, a caminho da Nova Zelândia, para uma reunião com os santos, realizada num hangar de aviões situado nos arredores da cidade. Fui informado de que era a primeira vez que um presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias visitava Rarotonga.

Na Nova Zelândia, tivemos um encontro com algumas centenas de santos no aeroporto de Auckland, além de reuniões no templo, na escola superior da Igreja nesse país e com os missionários. Na quarta-feira, dia dezoito, seguimos de avião



A Primeira Presidência: Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro; Presidente Spencer W. Kimball; e Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro.

para Tonga, onde demos início à construção de um templo, num lindo coqueiral de Nukualofa. Os soberanos de Tonga, acompanhados de numerosos líderes desse reino, estiveram presentes a essa reunião e recebemos muitos aplausos do povo. Dos 247 missionários que encontramos em Tonga, 235 são nativos e 12 americanos.

Na quinta-feira, dia 19, seguimos para Samoa, onde demos início à construção de um templo em Apia. Milhares de santos ficaram ao relento, suportando pesado temporal durante toda a reunião. Na oportunidade, estiveram presentes o chefe de estado da Samoa Ocidental, o primeiro-ministro e vários membros do parlamento.

Bem cedo, no dia seguinte, vivemos uma das mais encantadoras experiências de nossa vida, visitando a escola da Igreja, na Samoa Ocidental. Ao entrar no ginásio, o maior edifício da escola, deparamo-nos com centenas de crianças sentadas no chão de pernas cruzadas, tão juntinhas quanto sardinhas em lata. A idade dos pequeninos variava de quatro e cinco anos do jardim de infância, na frente, até adolescentes do segundo grau no fundo do recinto. Que maravilhosa visão vê-los cantando "Sou um Filho de Deus". Estavam todos de uniforme escolar em tons de azul e amarelo. Com seus lindos cabelos escuros e grandes olhos castanhos, formavam um quadro de emocionante juventude e beleza. Choramos sem nenhum pejo. Ao final de minha mensagem, comuniquei aos alunos que, em honra daquela ocasião, teriam o resto do dia de folga. Julgando pelos aplausos, acho que me transformei numa espécie de herói — pelo menos naquele dia. Terminada a breve reunião, saímos do recinto acompanhados pela tocante melodia da canção de despedida dos samoanos "Tofa May Faleni".

Na mesma noite embarcamos para o Havaí, onde chegamos na manhã de sábado, 21 de fevereiro. No

decorrer do dia, visitamos o campus da BYU do Havaí e o Centro de Cultura Polinésia. No domingo de manhã, comparecemos à conferência da Estaca Oahu e a seguir, acompanhados dos élderes Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson e Boyd K. Packer, realizamos uma reunião no Templo do Havaí. Depois, visitamos o recém-remodelado centro de visitantes, onde tivemos um encontro com os missionários. Na segunda-feira, 23 de fevereiro de 1981, retornamos à sede da Igreja.

Depois de passar quatro dias em casa e em meu gabinete, a Irmã Kimball e eu partimos no dia 28 de fevereiro, para uma semana de reuniões com os santos, missionários e alguns líderes empresariais na Flórida. No sábado, 7 de março, demos início à construção do novo templo de Atlanta, Georgia. À cerimônia, compareceram umas dez mil pessoas, inclusive o governador do estado e esposa, diversos legisladores e os senadores dos EUA, Jake Garn e Paula Hawkins. Logo após a cerimônia, seguimos de avião para San Juan, Porto Rico. Na manhã seguinte, domingo, reunimo-nos com mais de dois mil e seiscentos novos membros da estaca e missão da ilha. A seguir, visitamos a República Dominicana, onde tivemos uma reunião em São Domingos, na segunda-feira. Dois anos atrás, havia nessa ilha apenas duas famílias membros da Igreja. Na reunião, porém, estavam mais de mil e quinhentos novos membros. Partimos de São Domingos na terça, 10 de março, e na mesma noite, dedicamos um novo centro de visitantes numa propriedade da Igreja, o *Deseret Ranch,* perto de Orlando, na Flórida.

Na quinta-feira, visitamos o centro de visitantes de Washington, D.C. e a seguir nos reunimos com a presidência do Templo de Washington para a designação de novos seladores. Na manhã seguinte, sexta-feira, 13 de março, acompanhados do Élder Gordon B. Hinckley, fomos recebidos pelo Presidente Ronald Reagan no Gabinete Oval da Casa Branca, ao qual entregamos sua genealogia pelo lado materno. Fomos recebidos com igual cordialidade pela Sra. Reagan. Ficamos sensibilizados pela bondade de que fomos alvo na Casa Branca.

A Irmã Kimball e eu seguimos diretamente para o Arizona, onde no sábado comparecemos aos funerais de minha irmã, Alice Nelson, falecida durante nossa ausência. No domingo, 15 de março, voltamos para casa, a fim de nos prepararmos para esta conferência geral.

Foram seis meses movimentados, mas gostosos e frutíferos, nos quais cobrimos uns oitenta mil quilômetros em viagens aéreas. Somos gratos ao Senhor por ter-nos abençoado, e estamos satisfeitos de verificar a vitalidade e o progresso da Igreja em sua expansão. Em toda parte onde estivemos, sentimo-nos emocionados e humildes pelo carinho e devoção dos membros.

Dando início a esta conferência nesta manhã, trago-vos o amor e saudações dos santos e missionários do Oriente, Pacífico Sul e ilhas das Caraibas. Acrescento a estes o meu amor e saudações, e deixo-vos minhas bênçãos.

Eu sei que Deus vive e que seu Filho, Jesus Cristo, vive. Ele é nosso Salvador e Redentor, nosso Mediador junto ao Pai. Possa ele abençoar-nos a todos durante esta grande conferência, oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Dignidade do Eu



Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Damos graças a ti, ó Deus amado, por mandares a nós... um profeta".

Nesta manhã, quero dizer algo que, espero, seja de proveito e talvez sirva de orientação para as pessoas jovens. Nunca antes senti tão agudamente a necessidade do auxílio do Espírito divino e também da compreensão dos que me ouvem. Rogo humildemente que ninguém me interprete mal.

Gostaria de começar, contando uma maravilhosa visão de Joseph Smith a respeito dos Doze Apóstolos, que tem um profundo significado para mim. Heber C. Kimball registrou: "A visão a seguir foi-lhe manifestada (a Joseph Smith) segundo consigo recordar:

"Ele viu os Doze indo avante aparentemente numa terra distante. Passado algum tempo, encontraram-se de repente, parecendo em grande tribulação, com as vestes em frangalhos, joelhos e pés feridos. Eles formaram um círculo, ficando todos de pé com os olhos fixos no chão. Apareceu o Salvador, postou-se no meio deles e chorou, querendo mostrar-se a eles, mas eles não o viam." (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball,* 2ª ed., Salt Lake City: Bookcraft, p. 93; ver também *History of the Church,* 2:381.)

A mensagem que se poderia inferir da cena é que, por terem sofrido tanto, suportado tanto e se exaurido liderando a batalha da retidão, os Doze estavam prostrados, incapazes de olhar para cima. Tivessem apenas erguido o olhar, veriam o Senhor Jesus que desejava ser visto, chorando e sofrendo com eles, e presente no meio deles.

Há poucos meses estivemos numa das mais antigas cidades da terra, onde se encontram algumas das grandes maravilhas do mundo, mas também crime, sordidez, miséria e imundície. Nosso bondoso anfitrião observou, ao abrirmos caminho entre a massa do povo — entre jumentos sobrecarregados, a imundície e odores nauseantes — que tudo era belo naquela cidade desde que se levantasse os olhos e não contemplasse nada, a menos de trinta centímetros do chão.

Nos últimos tempos, o preço do petróleo, ouro e outros minerais preciosos sofreu consideráveis aumentos. Essas preciosidades são todas conseguidas olhando-se para baixo. São úteis e necessárias, porém são riquezas tangíveis. E quanto aos tesouros que podemos encontrar erguendo o olhar? E quanto às riquezas intangíveis que se conquista buscando a santidade? Estêvão olhou para cima: "Mas ele, cheio do Espírito Santo, fitando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus." (Atos 7:55.)

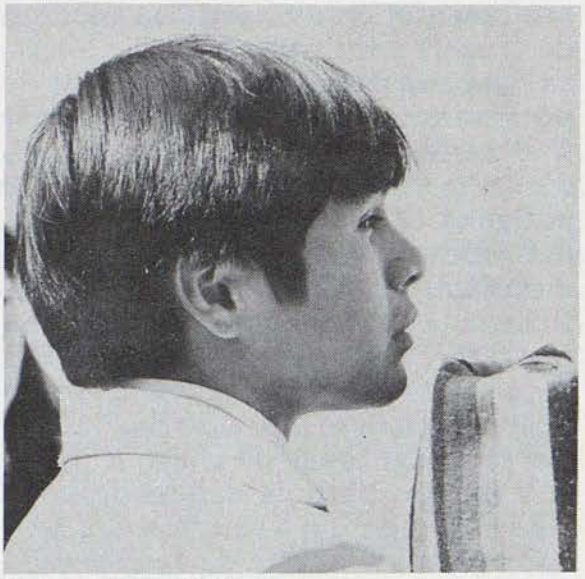
Meu coração e compreensão se voltam para nossos jovens. Eles estão sendo obrigados a enfrentar uma escuridão e cerração moral tão pesada como muitos de nós jamais conhecemos. Vivemos num mundo em que o sucesso parece medir-se principalmente pelo ter. De que forma os bens foram obtidos muitas vezes é aparentemente irrelevante. Honestidade, decência, castidade e santidade são freqüentemente consi-

deradas de menor valor que as posses. E os nossos jovens, será que estão sendo induzidos a olhar para cima ou para baixo?

O desejo de ganhos polpudos e popularidade no mundo do entretenimento, pôs a nu de forma apelativa todos os males da raça humana. Os mais revoltantes hábitos e perversões são atraentemente disfarçados e até mesmo apregoados à nossa juventude inexperiente por algumas pessoas desejosas de tirar lucro da parte maléfica do comportamento humano. As consciências parecem cauterizadas; as células espirituais, destruídas. Promovem-se o vazio e a inutilidade da vida. A nobreza de pensamento e propósito parece não estar sendo suficientemente ensinada, incentivada ou valorizada.

A atitude do ladrão comum de "o que posso pegar sem ser pego?" parece ter-se tornado o padrão de muita gente, em lugar do que a própria integridade exige de nós. Onde foram parar o respeito próprio e a integridade pessoal, que não permitiam nem ao menos brincar com a idéia de fazer algo errado? Um exemplo poderia ser nossa relação com o crédito financeiro que rege o mundo do comércio. Muitas vezes nos esquecemos de que aqueles que nos oferecem crédito nos estão oferecendo igualmente confiança, envolvendo nossa própria integridade. Lembro que meu pai falava com profundo respeito de um homem que assistira num caso de falência. Dispondo de prazo, ele acabou pagando plenamente todos os seus credores que nele haviam confiado, embora legalmente estivesse isento de fazê-lo. Nossa integridade é uma parcela substancial de nosso valor como indivíduo.

De que maneira a fé e a moral cristã podem traduzir-se melhor em atos cristãos? Será que nosso compromisso fica aquém da consagração? O incrédulo Tomé queria acreditar; ele acreditava em parte. Estou firmemente convicto de que edificar a auto-estima a ponto de abandonar todo o mal exige consagração aos princípios e ordenanças salvadoras do evangelho sob a divina autoridade do sacerdócio. Tem de ser consagração aos princípios simples e fundamentais do cristianismo, incluindo honestidade para consigo próprio e os outros, abnegação, integridade de pensamento e ação. Os princípios do evangelho restaurado são tão simples, claros, compassivos, tão belos e repletos de amor não-fingido, a ponto de estarem impregnados da essência do próprio Salvador.



Visitante da conferência.

Há também necessidade de um confronto com os desafios da vida e de vencê-los, particularmente aos ligados à tentação. Em lugar de enfrentar os problemas da vida aberta e honestamente, muitos procuram contornar as dificuldades, racionalizando o abandono das grandes verdades que trazem felicidade e justificando a quebra de promessas e compromissos sagrados por razões apa-

rentemente lógicas, mas na realidade frágeis e injustificáveis.

Não consigo deixar de pensar se porventura não deixamos de atingir o alvo. Será que não estivemos medindo por padrões muito baixos e indignos de quem busca a santidade? Não estaremos por demais acomodados na idéia de que nos qualificamos comparecendo às reuniões ou esforçando-nos um pouquinho para aliviar a consciência? Acaso nossas diretrizes têm sido usadas como teto, em lugar de chão?

Voltando para cá depois de viver algum tempo na América do Sul, estarreceu-me a falta de auto-estima revelada na maneira de muita gente agora trajar-se em público. Visando atrair atenção ou em nome do conforto ou informalidade, muitos caíram não só na imodéstia como no desalinho. Em seu próprio prejuízo, apresentam-se aos outros da pior maneira possível.



Um visitante da conferência em cadeira de rodas aprecia o alvorecer na Praça do Templo.

Abandonando o grande princípio do recato, a sociedade pagou um alto preço pela violação de um princípio maior porém relacionado — o da castidade. Os defensores das relações sexuais irresponsáveis, que degradam e embrutecem os participantes, distorcem (mascaram) grosseiramente e ignoram por completo o propósito desse divino dom da procriação.

A castidade antes do casamento e fidelidade depois são ingredientes fundamentais para o desabrochar pleno do sagrado amor entre marido e mulher. A castidade promove e edifica o senso de valor próprio, e protege da destruição da auto-imagem.

Uma das raízes de nossos problemas sociais de hoje reside na falta de auto-estima.

Uma auto-imagem superficial não é melhorada deixando outros estabelecerem nossos padrões e sucumbindo habitualmente às pressões do grupo. Os jovens costumam depender demasiadamente da imagem de outro alguém em lugar da própria.

Insegurança e falta de auto-estima estão relacionadas à falta de respeito próprio. Acaso podemos respeitar-nos, quando fazemos coisas que não admiramos e talvez cheguemos a condenar nos outros? Arrepender-se das transgressões e superar as fraquezas, entretanto, representam um excelente remédio para a recuperação e fortalecimento do valor e dignidade humanos.

Como virtude e fé são freqüentemente consideradas de pouco ou nenhum valor pelo mundo, alguns talvez achem que podem viver segundo

padrões que bem lhes aprouver. Numa sociedade sem valores — sem moral, sem padrões — muita gente vive igualmente sem auto-respeito, sem dignidade e senso do próprio valor. Jovens demais e mais velhos, também, deixam de dar-se conta do que afirma igualmente o lema da cidade de Nottingham, Inglaterra: *Vivet post funera virtus* (A virtude sobrevive à morte.)

Como o valor da fé em Deus e o da virtude não podem ser medidos ou provados quantitativamente, segundo conceitos intelectuais, eles são freqüentemente rejeitados como sem nenhum valor. Este é um rumo destinado ao fracasso, pois não leva em conta a enorme importância das coisas subjetivas que podemos conhecer, mas não medir. Por exemplo, eu amo minha mulher e minha família, e sinto que eles me amam. É impossível medir-se a profundidade do amor que sentimos uns pelos outros, mas para nós ele é muito real. A dor é igualmente difícil de medir, apesar de ser real. O mesmo se dá com a fé em Deus. Podemos reconhecer sua existência sem sermos capazes de medi-la quantitativamente. Paulo afirma: "O Espírito mesmo testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus." (Rom. 8:16.)

Quais são os limites do compromisso íntimo dos que buscam a santidade? Felizmente, isto é uma questão que cada um deve decidir por si. Entretanto, alcançamos perfeição em muitas coisas e podemos ser aperfeiçoados em nosso intento de fazer todas as coisas.

A meu ver, o grande Criador jamais cogitou que homens e mulheres se destinem a espojar-se no egoísmo e autogratificação. Afinal, "à imagem de Deus... os criou". (Gên. 1:27.) "Que é o homem para que te lembres dele?", indaga o salmista.

"Contudo, pouco abaixo de Deus o fizeste; de glória e de honra o coroaste.

"Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés." (Salmos 8:4-6.)

Qual é o padrão da santidade? A resposta está nas escrituras: "Quem... é como tu, ó Senhor... poderoso em santidade?" (Êxo. 15:11.)

Assim como Estêvão, os que buscam a santidade contemplam a glória de Deus. (Vide Atos 7:55.) As bênçãos decorrentes da busca de santidade foram parcialmente descritas pelo Senhor:

"Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou." (D&C 93:1.)

No início, fiz referência à visão de Joseph Smith a respeito dos Doze Apóstolos em seu tempo. Ninguém deve supor que os Doze que deixaram de ver o Salvador por ficarem fitando o chão, haviam falhado em seu trabalho. Como grupo continuaram fortes e firmes no ministério deles. O desânimo foi apenas temporário. Sua labuta foi heróica; seus atos, destemidos e corajosos. No final da visão, o Profeta teve o privilégio de ver o resultado do trabalho dos Doze. Registra Heber C. Kimball: "Ele (Joseph) continuou vendo até que eles terminaram seu trabalho e chegaram ao portão da cidade celestial; ali estava Pai Adão e lhes abriu a porta; e ao entrarem, ele os abraçou um por um e os beijou. Ele (Adão) conduziu-os então até o trono de Deus, e o Salvador os abraçou a todos e os beijou, e coroou um deles na presença de Deus... A impressão dessa imagem na mente do Ir-



Visitantes da conferência das ilhas do mar.

mão Joseph foi tão profunda, que jamais conseguia deixar de chorar ao falar dela.'' (Whitney, *Life of Heber C. Kimball,* pp. 93-94.)

A dignidade do eu é grandemente intensificada olhando-se para o alto em busca de santidade. Assim como a árvore gigante, devemos estender-nos em busca de luz. A mais importante fonte de luz que podemos vir a conhecer é o dom do Espírito Santo. Ele é a fonte de força e paz interior.

Tenho visto a dignidade e o valor-próprio do homem eloqüentemente expressos na vida dos mais humildes, na vida de pobres como na vida de instruídos e abastados. Os frutos da busca de santidade são claramente visíveis na vida deles, expressos por sua dignidade interior, seu senso de respeito próprio e valor pessoal. Falando através do personagem Polônio, diz Shakespeare:

Sobretudo, sê leal contigo mesmo,

E assim como segue a noite ao dia,

Não poderás ser falso com ninguém.

(Hamlet, ato I, cena III)

Grande parte de nosso respeito próprio é produto de nosso próprio trabalho, nossa frugalidade e a procura da independência na medida do possível.

Possamos todos sentir nosso valor e dignidade pessoal nascidos do conhecimento de que cada um de nós é um filho de Deus, e ser fortalecidos olhando para o alto em busca da santidade. Mantendo os olhos erguidos, talvez mereçamos receber a inspiração que emana constantemente de Deus, e que é sagrada, real e muitas vezes absolutamente particular.

Estou convicto dessas coisas por causa de sagrados sussurros interiores. Sei que Jesus vive e que está à testa desta Igreja, testemunho que presto em nome do Salvador, Jesus Cristo. Amém.

Somos Chamados para Espalhar a Luz



Élder Jacob de Jager
do Primeiro Quorum dos Setenta

Meus caros irmãos e irmãs: No dia 4 de abril de 1950, trinta e um anos atrás, eu partia da Holanda para um trabalho profissional de três anos no Sudeste Asiático.

Esse trabalho permitiu-me fazer longas viagens a diversas ilhas remotas daquela parte do mundo, a fim de assessorar o planejamento e instalação de projetos de eletrificação rural.

Deu-me ainda oportunidade de observar pessoalmente, terminada a II Guerra, o rápido desenvolvimento dos povos daquela parte do mundo. Nas casas, simples lamparinas foram substituídas pela luz elétrica. Com tal inovação, para muitos transformou-se em dia com novas possibilidades de estudo individual e recreação após o anoitecer. Mas isso exigiu também a construção de usinas elétricas e instalação de linhas de transmissão de alta tensão e subestações redutoras para levar a energia elétrica a todas as casas.

Lembro-me das expressões de contentamento e olhos cintilantes dos jovens, mas também das lágrimas de gratidão dos mais idosos, quando o prefeito de suas aldeias ligava o sistema de iluminação elétrica. Seguiam-se bem-planejados festejos com música, canto e danças desde o pôr-do-sol até o amanhecer do dia seguinte.

Havia uma alegria genuína entre o povo!

Passados vinte e seis anos, novamente num 4 de abril, o Senhor me chamou do mundo para seu serviço permanente; e pouco depois, mas dessa vez como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, eu mais uma vez partia para o Sudeste Asiático, a fim de espalhar um outro tipo de luz — a luz do evangelho. E assim, a vida de muita gente conheceu uma outra marcante mudança.

A luz a ser espalhada era levada por um dedicado grupo de rapazes e moças que haviam aceito a responsabilidade de introduzir a luz do evangelho em todo lar que lhes desse acolhida. Suas usinas de força eram as casas de missão no Sudeste Asiático, e as linhas de transmissão, as linhas de autoridade do sacerdócio, sem o que o sistema jamais conseguiria funcionar.

Esses missionários igualmente testemunharam alegria e gratidão, quando os primeiros lampejos da luz eterna atingiam a vida dos conversos e quando os novos membros aprendiam a cantar em seu próprio idioma "Tudo é belo em derredor com amor no lar" (*Hinos,* 126) numa reunião de noite familiar.

Toda vez que se inaugura uma nova missão, se estabelecem ramos da Igreja ou organizam estacas de Sião, os raios de luz se intensificam, fazendo lembrar a letra do hino:

A alva rompe em Sião, e a verda-

de faz volver —

Depois da longa escuridão, depois da longa escuridão,

Bendito dia vai nascer.

(A Alva Rompe, *Hinos,* 179.)

Irmãos e irmãs, essa difusão da luz a todos os povos não é um milagre?

Esse encargo de procurar casa por casa, a fim de levar luz, amor e felicidade aos nossos semelhantes não é uma sagrada obrigação? Especialmente quando sabemos que o Senhor disse: "Na verdade digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja um estandarte para as nações." (D&C 115:5.)

Quem são "vós todos" hoje, 4 de abril de 1981?

Pelo que depreendo das recomendações missionárias recebidas diariamente pelo Departamento Missionário, a grande maioria continua sendo os élderes de dezenove anos e moças de vinte e um, que, por tradição já bastante antiga, se apresentam para servir como missionários de tempo integral.

Há também irmãs mais idosas que fazem um trabalho excepcional, quando chamadas a servir como missionárias.

E, finalmente, temos um número limitado de casais aposentados, digo número limitado, porque existem muito, muito mais casais com saúde entre sessenta e setenta anos que poderiam servir no campo missionário.

À medida que a obra continua a se expandir entre muitas nações da terra, haverá uma necessidade crescente de casais para servirem como missionários de tempo integral. Além do encargo fundamental de pregar o evangelho, eles podem receber designações adicionais. Por exemplo, em missões ainda carentes de líderes qualificados, esses casais podem servir como instrutores de liderança.

Entre os membros mais idosos e aposentados da Igreja, contamos também funcionários, guarda-livros e até mesmo contabilistas formados. Os casais com tais qualificações podem servir nos escritórios da missão como secretário do presidente da missão, historiador ou secretário financeiro. Além disso, temos casais idosos com excelente conhecimento de genealogia que poderiam ser aproveitados para instruir nesse campo membros de alas e ramos, quando especificamente designados para tal.

Existe ainda a possibilidade de servir na promoção do reino, ensinando o evangelho em centros de visitantes ou dando início à obra em áreas internacionais, fora da jurisdição de missões existentes.

Entretanto, muitos casais continuam pensando erroneamente que



Visitantes da conferência.

seu trabalho missionário se resumiria unicamente ao proselitismo. Espero que, pelo exposto, agora eles tenham uma visão mais correta do assunto e reconsiderem a possibilidade de servir, particularmente quando souberem que, contrariamente à norma estabelecida para outros chamados no reino, os casais podem externar o desejo de cumprir uma missão de seis, doze ou dezoito meses.

Muitos, porém, alegam: "Mas é muito duro deixar nossos netos." Aparentemente o problema não é ficar algum tempo longe dos filhos, mas sim do Juquinha ou da Ceci, o que lhes parece intolerável.

Tenho ouvido contar experiências realmente gratificantes de casais no campo missionário.

O Irmão Ralph Lambert e esposa cumpriram missão de dezoito meses na Missão Oklahoma Tulsa. No pequeno ramo em que serviram, havia uma irmã e seu filho adolescente que freqüentavam as reuniões todos os domingos. Embora o pai também fosse membro registrado, nunca aparecia.

Antes de se aposentar em Oklahoma, ele vivera em Utah e como diácono, era tão tímido, que não ia às reuniões por ter medo de ser chamado para orar ou para alguma outra designação.

De tempos em tempos, conversara com jovens missionários que lhe falavam da Igreja, porém sem jamais conseguir reativá-lo. O casal Lambert, entretanto, sendo mais ou menos da mesma idade e dotados de grande vivência, conseguiram fazer amizade com ele. Ele começou a aparecer na Igreja com a esposa e filho, mas nunca foi pressionado a fazer qualquer coisa que não estivesse disposto a fazer. Passado algum tempo, passou a perguntar quanto deveria contribuir para o orçamento do ramo. Quando este ponto lhe foi explicado de maneira amigável, ele fez sua primeira contribuição.



Um mês mais tarde, nas vésperas do domingo de jejum, ele quis saber qual era o procedimento atual para o pagamento do dízimo. Explicaram-lhe, então, que não mudara em nada nos cinqüenta anos desde que saíra de Utah! Ele passou a pagar essa contribuição voluntária para o reino.

Pouco tempo depois, disse que aceitaria qualquer chamado que lhe fizessem naquele pequeno ramo. Foi ordenado sacerdote, e isto lhe permitiu ordenar seu filho mais novo ao mesmo ofício no Sacerdócio Aarônico. Posteriormente, tornou-se

conselheiro na presidência do ramo, e no ano passado, foi ordenado élder e a família inteira selada no Templo de Salt Lake.

Testifico que o Irmão Lambert e sua esposa, assim como milhares de casais fiéis que serviram e estão servindo agora, serão grandemente abençoados pelo Pai Celestial e que passaram a compreender o verdadeiro sentido desta escritura:

"E, se acontecer que, se trabalhardes todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai." (D&C 18:15.)

Gostaria de compartilhar convosco mais uma interessante experiência vivida pelo Irmão Edwin Q. Cannon, Jr. e sua esposa em sua missão na África Ocidental.

A história se refere a uma extraordinária família negra SUD de nome Sampson-Davis, que reside em Acra, na República de Gana.

Em 1963, o Irmão Sampson-Davis graduou-se em engenharia eletrônica na Universidade Oxford, na Inglaterra, sendo contratado pela empresa eletrônica Philips, de Eindhoven, Holanda. A Irmã Sampson-Davis veio da África para encontrar-se com o marido na referida cidade holandesa, e um dia conheceu dois missionários mórmons, ganhou um Livro de Mórmon e ouviu a primeira palestra na pensão onde viviam.

Sinto-me um pouco embaraçado, contudo, tendo de contar-lhes que a dona da pensão proibiu à Irmã Sampson-Davis qualquer outro contato com os missionários. A família finalmente voltou para Gana, e quinze anos mais tarde, em 1978, a Irmã Sampson-Davis teve novo contato com a Igreja, passando a freqüentar fielmente as reuniões dominicais. A família ouviu as palestras missionárias, obteve forte testemunho, e o Irmão Ted Cannon batizou a mãe, dois filhos e uma filha numa piscina de Acra.

O rapaz mais velho, Crosby Sampson-Davis, passou a preparar-se para a missão, para a qual foi realmente chamado no começo deste ano. Duas semanas atrás, ele partiu do Centro de Treinamento Missionário para servir na Missão Inglaterra Manchester. Interessante notar que o pai se filiou à Igreja um mês antes do filho sair em missão. Assim, agora a família inteira está unida na mesma fé!

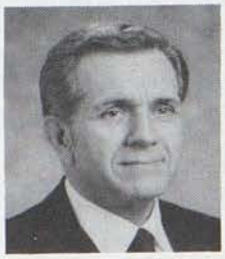
O casal Cannon realmente pôde ver os frutos de seu trabalho e guarda preciosas recordações do tempo que passaram na África com os filhos de nosso Pai Celeste.

Contei-vos as experiências desses dois casais, para que pudésseis sentir a importância do serviço missionário para casais de idade madura, e as bênçãos recebidas por todos os que estão empenhados na obra do Mestre.

Testifico-vos, como converso à Igreja, que o homem não pode ter maior alegria do que participar na difusão do evangelho entre todas as nações, tribos, línguas e povos.

Oro humildemente que o espírito missionário nos acompanhe sempre nos tempos vindouros e que possamos ser um instrumento na mão do Senhor para a edificação do seu reino aqui na terra, antes que retorne em glória, e faço-o em nome de Jesus Cristo. Amém.

Casamento



Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

O profeta Jacó predisse a destruição de um povo devido a sua cegueira quanto a coisas comuns, cegueira essa, dizia, "que lhes veio por olhar para além do marco". (Jacó 4:14.)

Muitas vezes buscamos coisas que aparentemente não conseguimos ver quando estão ao alcance de nossa mão — coisas comuns, óbvias.

Gostaria de falar-vos a respeito de uma palavra comum. Venho tentando há meses — tentando mesmo — descobrir algum meio de exibi-la de uma forma que vos deixasse profundamente impressionados com seu significado.

A palavra é *casamento*.

Desejei dispor de um escrínio ricamente lavrado e colocá-lo onde a iluminação fosse perfeita. Então, eu o abriria cuidadosamente, e com reverência mostraria a palavra - *casamento*.

Talvez assim vos désseis conta de que é de inestimável valor!

Não posso exibi-la assim, por isso farei o melhor possível usando outras palavras comuns. Meu propósito é endossar e favorecer, incentivar e defender o casamento.

Hoje em dia, muitos a consideram, no máximo, semipreciosa, e outros não lhe dão valor algum.

Por toda parte tenho visto e ouvido, assim como vós haveis visto e ouvido sinais cuidadosamente orquestrados para convencer-nos de que o casamento é ultrapassado e um estorvo.

Está-se difundindo o costume de casais viverem juntos num arremedo de casamento, na suposição de que podem ter tudo o que o casamento oferece sem arcar com as obrigações que implica. Eles estão redondamente enganados!

Por mais que esperem encontrar numa ligação assim, perderão muito mais. Coabitar sem ser casado destrói algo no íntimo dos participantes. Virtude, autoestima e refinamento de caráter se estiolam. Afirmar que isto não acontecerá, não impedirá a perda; e estas virtudes, uma vez perdidas, não são fáceis de recuperar.

Supor que algum dia poderão modificar seus hábitos e imediatamente reclamar tudo o que poderiam ter tido, não tivessem feito do casamento um arremedo, é esperar algo que não se concretizará. No dia em que "acordarem", colherão apenas desapontamento.

Não se pode aviltar o casamento sem manchar palavras como *rapaz, menina, masculinidade, feminilidade, marido, mulher, pai, mãe, criança, filhos, família, lar.*

Palavras como *abnegação* e *sacrifício* serão jogadas de lado. Então se estiola o respeito próprio e o próprio amor não quererá ficar.

Se vos sentis tentados a encetar uma relação dessas ou se já viveis com outra pessoa sem serdes casados, voltai atrás! Fugi! Não continueis assim! Ou, se possível, transformai-a num genuíno casamento.

Até mesmo um casamento vacilante poderá funcionar, enquanto os parceiros se empenham em evitar o insucesso.

E agora, uma palavra de advertência. Aquele que destrói um casamento, assu-

me uma responsabilidade muito, muito grande. O casamento é sagrado!

Destruir voluntariamente um casamento, seja o próprio ou de outro casal, é ofender a Deus, e não será considerado de pouco peso nos juízos do Todo-Poderoso nem facilmente perdoado no esquema eterno das coisas.

Não ameaceis nem destruais um casamento. Não transformeis certo desencanto com vosso próprio parceiro matrimonial nem a atração por outra pessoa em justificativa para qualquer ação capaz de destruir um casamento.

Essa gravíssima transgressão freqüentemente impõe fardos muito pesados a crianças pequenas. Elas não entendem os anseios egocêntricos de adultos descontentes, dispostos a comprar a própria satisfação às custas dos inocentes.

O próprio Deus decretou que a expressão física do amor, que a união de homem e mulher capaz de gerar vida é autorizada unicamente no casamento.

O casamento é o abrigo onde se cria a família. A sociedade que pouco valor dá ao casamento semeia vento e acaba colhendo tempestade — e a seguir, a menos que se arrependa, provoca seu próprio holocausto!

Alguns acham que todo casamento deve necessariamente terminar em infelicidade e divórcio, com as esperanças e sonhos predestinados a terminar num triste monte de cacos.

Alguns casamentos vacilam e outros chegam mesmo a fracassar, mas não devemos por causa disso perder a fé no casamento, nem ter medo dele. Os casamentos mal sucedidos não são a regra.

É bom lembrar que problemas atraem atenção! Rodamos pelas estradas com milhares de outros carros sem dar muita atenção a nenhum deles. Mas, quando ocorre um acidente, isto imediatamente desperta nossa atenção. Se acontecer um segundo caso, recebemos a falsa impressão de que a estrada não é segura.

Um só acidente pode ocupar a primeira página dos jornais, enquanto milhões de carros que trafegam em segurança não são considerados dignos de menção.

Os escritores acham que um casamento estável e feliz não tem nenhum apelo dramático, nenhum conflito que valha a pena mostrar num livro, peça teatral ou filme. Por isso ouvimos falar constantemente dos casos negativos e acabamos perdendo a devida perspectiva.

Eu acredito no casamento. Creio ser o padrão ideal para o viver humano. Sei que foi ordenado por Deus. As restrições implícitas destinam-se a proteger nossa felicidade.

Não conheço nenhum tempo melhor em toda a história da humanidade para um jovem par que se ama e tem idade suficiente para pensar em casamento. Não existe um tempo melhor, porque é o tempo *deles*.

Sei que vivemos dias difíceis. Os problemas que temos agora pesam bastante sobre os casamentos. Não percais a fé no casamento. Nem mesmo se tiverdes passado pelo desgosto de um divórcio e vos sentis rodeados dos cacos de um casamento fracassado.

Se honrastes vossos votos e vosso parceiro não o fez, lembrai-vos de que Deus vela por nós. Um dia, passados todos os amanhãs, virá a recompensa. Os que foram corretos e fiéis aos convênios serão felizes, ao contrário dos que o não foram.

Alguns casamentos tiveram insucesso, a despeito de todo o esforço de um dos cônjuges para fazê-lo funcionar. Embora possa ter havido culpa de ambas as partes, não condeno o inocente que sofre a despeito de tudo o que desejou e fez para salvar o casamento. E a este eu digo: não percas a fé no casamento em

si. Não permitas que o desapontamento te torne cínico ou justifique qualquer conduta indigna.

Se não tiverdes tido oportunidade de casar ou se a morte levou vosso companheiro, conservai a fé no casamento.

Anos atrás, um colega meu perdeu sua amada esposa. Ela morreu depois de longa doença e ele teve de ficar observando impotente sua lenta agonia, depois que os médicos perderam qualquer esperança. Um dia, perto do fim, ela lhe disse que desejava que ele voltasse a casar depois de sua morte e que não esperasse muito tempo. Ele protestou! Os filhos estavam praticamente criados e pretendia seguir o resto do caminho sozinho.

Ela voltou o rosto, chorando: — Será que fui tamanho fracasso, que depois de todos esses anos juntos, você prefere ficar só? Fui mesmo tamanho fracasso?

No devido tempo, ele encontrou nova companheira, e a vida em conjunto confirmou sua fé no casamento. Tenho a impressão de que sua primeira e querida esposa é profundamente grata à segunda que ocupou o lugar que ela não pôde reter.

O casamento ainda é seguro, com todas as suas doces satisfações, com todas as suas alegrias e felicidade. Nele podem realizar-se todos os anseios dignos da alma humana, tudo o que é físico, emocional e espiritual.

O casamento não é imune a provações de muitos tipos, mas elas servem para forjar a virtude e força. A têmpera adquirida no casamento e na vida familiar produz homens e mulheres que um dia serão exaltados.

Deus ordenou que a vida deveria ter início dentro do abrigo protetor do casamento, concebida numa consumada expressão de amor, nutrida e amparada por aquele afeto mais nobre que está sempre acompanhado de sacrifício.

O casamento oferece satisfação a vida inteira — na juventude e nos primeiros arroubos de amor, no casamento e luade-mel, na vinda e criação dos filhos. A seguir, vêm os anos preciosos em que a prole abandona o ninho para construir o próprio. Então o ciclo se repete, assim como Deus decretou.

Existe uma outra dimensão do casamento da qual sabemos na Igreja. Ela veio por revelação. Essa verdade gloriosa e suprema ensina-nos que o casamento se destina a ser eterno.

Existem convênios que podemos fazer, se quisermos, laços que podemos selar, se formos dignos, que preservarão o casamento seguro e intacto além do véu da morte. O Senhor declarou: "Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.)

A meta suprema de toda atividade na Igreja é que o homem, sua esposa e filhos tenham felicidade no lar e que a família continue unida na eternidade. Toda a doutrina cristã é formulada para proteger o indivíduo, o lar e a família.

Os versos a seguir dizem alguma coisa do lugar do casamento no progresso eterno do homem:

Temos em nós ardente chama,
Centelha capaz de outras inflamar;
A própria sagrada chama da vida
Que, abusada acaba gerando
Densa e sufocante nuvem
De dor, sofrimento e desdita.
Usada com justiça, ela produz
Vida, família, felicidade.

Demônios de tenebrosas paragens
Procuram tal força perverter,
Com atos iníquos, insidiosos,
Até chegar a hora final
Do julgamento e recompensa.
Então, lágrimas amargas choram





O poder precioso da procriação
Um dia possuído, agora morto, perdido.

Sei que esse poder é a chave,
A chave do próprio plano de Deus,
De dar ao homem vida eterna
E imortalidade lhe proporcionar.
O casamento é o cadinho
Em que se fundem da vida os elementos,
Onde concebidos são templos mortais,
No seio do plano divino.

A geração espiritual de Deus
Pode, então, na mortalidade nascer,
Tendo a chance de provas enfrentar —
Propósito nosso na vida mortal.
Aqui, bem e mal são iguais
Perante o soberano direito da opção.
Quem escolhe o justo caminho,
Há de romper o véu e a Deus retornar.

Como dom de Deus, o plano provê
Que meros, humildes seres mortais,
Tenham poder, o supremo poder
De gerar, fundindo-se em amor,
Um ser, um filho, alma vivente,
À imagem de Deus e do homem!
Que valor damos a tal sagrado dom,
Determinante de nosso rumo, nosso destino?!

Amor eterno, casamento eterno, progresso eterno! Este ideal, novidade para muitos, consegue manter um casamento sólido e seguro, quando considerado a sério. Nenhuma relação tem maior potencial de exaltar homem e mulher do que o convênio do casamento. Nenhuma obrigação na sociedade ou na Igreja o supera em importância.

Sou grato a Deus pelo casamento. Sou grato a Deus pelos templos. Agradeço a Deus o glorioso poder selador, esse poder que transcende tudo o que nos foi dado, e que permite que nosso casamento se torne eterno. Possamos ser dignos desse sagrado dom, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Restauração de Israel na Terra de sua Herança



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Meus amados irmãos e irmãs: Estou certo de que todos reconhecemos estar vivendo na dispensação da plenitude dos tempos, os quais culminarão na segunda vinda do Salvador.

Entre os sinais preditos de sua segunda vinda, constava a restauração da Igreja de Jesus Cristo, de cujo cumprimento todos somos testemunhas; outro será o estabelecimento de Sião na América; e um terceiro prediz que os filhos de Israel recuperarão a terra de sua herança.

A recente dedicação do Parque Memorial Orson Hyde, em Jerusalém, e as manobras diplomáticas das nações envolvidas a respeito da Terra Santa vêm aguçando o interesse no cumprimento desse terceiro sinal. Tendo em vista esses aspectos, interessou-me e acredito que seja interessante e informativo para todos nós, verificar o que se diz no Livro de Mórmon a respeito da restauração dos filhos de Israel na terra de sua herança e da segunda vinda do Salvador.

Pouco depois de a colônia de Léhi haver chegado à terra prometida (por volta de 580 A.C.), Néfi, tendo escrito a respeito do futuro nascimento, ministério e crucificação de Cristo, prossegue:

"E aqueles que estão em Jerusalém, diz o profeta, serão açoitados por todos os povos, porque crucificaram o Deus de Israel e desviaram seus corações, rejeitando os sinais e prodígio, e o poder e glória do Deus de Israel.

"E, por terem desviado seus corações, diz o profeta, e terem desprezado o Santo de Israel, vagarão na carne e perecerão, tornando-se objeto de escárnio e opróbrio e serão odiados entre todas as nações.

"Não obstante, quando o dia chegar, diz o profeta, em que eles não mais voltem seus corações contra o Santo de Israel, ele então se recordará dos convênios feitos com seus pais.

"E lembrar-se-á também das ilhas do mar; sim, diz o Senhor, segundo as palavras do profeta Zenos: Todos os povos que são da casa de Israel reunirei eu, dos quatro cantos da terra." (1 Néfi 19:13-16.)

Antes de cruzarem o oceano, Néfi havia falado aos irmãos "sobre a restauração dos judeus nos últimos dias.

"E repeti-lhes as palavras de Isaías," diz ele, "que havia falado sobre a restauração dos judeus ou da casa de Israel e depois de sua restauração não seriam

mais confundidos nem espalhados outra vez.'' (1 Néfi 15:19-20.)

Uns vinte e cinco anos mais tarde, Jacó, irmão de Néfi, referindo-se aos habitantes de Jerusalém, dizia ''que o Senhor... se (manifestaria) a eles na carne; e, depois de se manifestar, eles o afligirão e o crucificarão, de acordo com as palavras que o anjo me disse.

''E depois que tiverem endurecido seus corações e sua cerviz contra o Santo de Israel, eis que os julgamentos do Santo de Israel recairão sobre eles. E dia virá em que serão feridos e afligidos.

''Portanto, depois de terem sido levados de um para outro lado, conforme diz o anjo, muitos serão afligidos na carne; não lhes será, porém, permitido perecer, por causa das orações dos fiéis. Serão espalhados, feridos e odiados; não obstante, o Senhor terá misericórida deles e, quando chegarem a conhecer o seu Redentor, serão novamente ajuntados na terra de sua herança.'' (2 Néfi 6:9-11.)

Mais tarde, Jacó acrescentava: ''E agora, meus queridos irmãos, eu vos li estas coisas para que tenhais conhecimento dos convênios que o Senhor fez com toda a casa de Israel.

''E ele tem falado aos judeus pela boca de seus profetas, desde o começo, de geração em geração, até que chegue o tempo de sua restauração à verdadeira igreja e rebanho de Deus, quando serão juntados na terra de sua herança e estabelecidos em todas as suas terras de promissão.'' (2 Néfi 9:1-2.)



Élder Charles Didier, à esquerda, do Primeiro Quorum dos Setenta e Élder Henry D. Taylor, um membro Emérito do Primeiro Quorum dos Setenta.

''Mas eis que, assim diz o Senhor Deus: No dia em que acreditarem em mim, que eu sou o Cristo, então fiz eu convênio com seus pais que serão restaurados na carne sobre a terra, e nos países de sua herança.

''E acontecerá que serão reunidos de sua longa dispersão, desde as ilhas do mar e dos quatro cantos da terra; e as nações dos gentios serão grandes a meus olhos, disse Deus, por levá-los às terras de sua herança.'' (2 Néfi 10:7-8.)

Já beirando o fim da vida, Né-

fi, predizendo a futura história dos judeus, disse que, após a crucificação e ressurreição de Jesus, "os judeus serão espalhados entre as nações; e também Babilônia será destruída; portanto, os judeus serão espalhados por outras nações. (Foi de fato Babilônia que dispersou os judeus antes do nascimento de Cristo.)

"E depois de haverem sido espalhados, e de o Senhor Deus os ter castigado pela mão de outros povos pelo espaço de muitas gerações, sim, de geração em geração até serem persuadidos a acreditar em Cristo, o Filho de Deus, e na expiação, que é infinita para toda a humanidade; e quando o dia chegar em que eles acreditem em Cristo, adorem ao Pai em seu nome, com corações puros e mãos limpas, e não esperem por outro Messias, naquele tempo, então, dia virá em que será necessário que acreditem nestas coisas.

"E o Senhor estenderá sua mão pela segunda vez, para restaurar seu povo de sua queda e estado de perdição." (2 Néfi 25:15-17.)



Presidente Spencer W. Kimball com seu secretário D. Arthur Haycock.

No capítulo vinte de 3 Néfi, Jesus ressurreto, falando de nossa época em que o evangelho seria restaurado entre os gentios, como já aconteceu — disse: "... quando (os gentios) tiverem recebido a plenitude de meu evangelho, (se eles) endurecerem seus corações contra mim...

"... lembrar-me-ei da aliança que fiz com meu povo; e com ele fiz convênio de que o reuniria em meu próprio e devido tempo, e que novamente lhe daria a terra de seus pais por herança, a qual é a terra de Jerusalém, terra que lhe foi prometida para sempre, diz o Pai.

"E acontecerá que há de chegar o dia em que lhes será pregada a plenitude do meu evangelho;

"E crerão em mim, que sou Jesus Cristo, o Filho de Deus; e orarão ao Pai em meu nome,

"Então suas sentinelas levantarão a voz e cantarão unânimes; porque verão olho a olho.

"Então o Pai os reunirá novamente e lhes dará Jerusalém por terra de sua herança.

"Romperão então em cânticos de júbilo: Cantai juntamente lugares desolados de Jerusalém; porque o Pai confortou seu povo e redimiu Jerusalém!...

"Em verdade, em verdade vos digo que todas essas coisas seguramente virão, justamente como o Pai me ordenou. Então, esta aliança que o Pai fez com seu povo será cumprida, e Jerusalém

será novamente habitada por meu povo, e será a terra de sua herança." (3 Néfi 20:28-34,46.)

"Em verdade vos digo," disse o Salvador aos nefitas, "que vos dou um sinal a fim de que possais saber a hora em que estas coisas estarão prestes a suceder...

"... nesse dia a obra do Pai começará entre todos os dispersados de meu povo, sim, inclusive as tribos perdidas que o Pai tirou de Jerusalém.

"Sim, a obra será iniciada entre todos os dispersos de meu povo, com o Pai para preparar o caminho que todos deverão trilhar para chegar a mim, a fim de que possam invocar o Pai em meu nome.

"Sim, e então a obra será iniciada pelo Pai entre todas as nações, no preparo do caminho por onde seu povo possa ser recolhido à terra de sua herança." (3 Néfi 21:1, 26-28.)

Mórmon, finalizando seu relato resumido do ministério de Cristo entre os nefitas, diz:

"E agora, eis que vos digo que, quando o Senhor, em sua sabedoria julgar conveniente que cheguem estas palavras aos gentios, segundo sua promessa, então sabereis que a aliança que o Pai fez com os filhos de Israel, relativa a sua restauração nas terras de sua herança, já está começando a ser cumprida.

"E sabereis que as palavras do Senhor, proferidas pelos santos profetas, serão todas cumpridas; e não tereis que dizer que o Senhor retarda a sua vinda aos filhos de Israel.

"E não deveis imaginar, em vossos corações, que as palavras que foram faladas são vãs, pois eis que o Senhor se lembrará de sua aliança, feita com seu povo da casa de Israel...

"Sim, e já não tendes que escarnecer, desdenhar ou zombar dos judeus, nem de ninguém do resto da casa de Israel; porque, eis que o Senhor se lembra de sua aliança com eles e procederá para com eles de acordo com o que jurou." (3 Néfi 29:1-3,8.)

Concluindo o registro que Morôni haveria de depositar no Monte Cumorah, onde Joseph Smith o retiraria mil e quatrocentos anos depois, Mórmon escreve:

"... eis que estas coisas são escritas para os remanescentes da casa de Jacó;... e estas coisas hão de ser ocultadas para o Senhor, a fim de que apareçam em seu devido tempo...

"E eis que elas irão aos incrédulos entre os judeus; e irão com o fim de persuadi-los de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivente, para que o Pai realize, por meio do seu bem amado, seu grande e eterno propósito de restaurar aos judeus, ou a toda a casa de Israel, a posse da terra de sua herança, que o Senhor seu Deus lhes deu em cumprimento de sua aliança." (Mórmon 5:12,14.)

Estas predições dos profetas do Livro de Mórmon deixam perfeitamente claro que a restauração de Israel nas terras de sua herança será o sinal de que aceitaram Jesus Cristo como seu Redentor, o que testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por Wilford G. Edling
Encarregado do Comitê de Auditoria da Igreja

Examinamos o relatório financeiro anual da Igreja, datado de 31 de dezembro de 1980, bem como as transações referentes ao exercício findo. Os balanços e relatórios financeiros analisados pelo comitê referiam-se aos fundos gerais da Igreja e de outras organizações por ela controladas, cuja contabilidade é mantida pelo Departamento Financeiro da Igreja. Examinamos também os procedimentos empregados no orçamento, contabilização e auditoria, bem como a forma de recebimento dos fundos e controle de despesas. Concluímos que as despesas dos fundos gerais da Igreja foram autorizadas pela Primeira Presidência, de acordo com os procedimentos orçamentários. O orçamento é autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto pela Primeira Presidência, o Conselho dos Doze e o Bispado Presidente. O Comitê de Gastos, em reuniões semanais, administra as despesas de acordo com os orçamentos.

O Departamento Financeiro e demais departamentos empregam tecnologia moderna e equipamentos atualizados de contabilidade para fazer face ao rápido crescimento da Igreja e às modificações dos métodos de processamento eletrônico de dados. O Comitê Financeiro e o Departamento Legal, em conjunto, prestam constante atenção às questões fiscais referentes à taxação da Igreja pelo governo federal, dos estados e pelos governos estrangeiros.

O Departamento de Auditoria, que independe dos demais departamentos, cuida das auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses serviços são executados em ritmo contínuo e abrangem todos os departamentos da Igreja, além de outras organizações por ela controladas (cuja contabilidade está centralizada no Departamento Financeiro) e operações mundiais, incluindo missões, centros financeiros e atividades departamentais realizadas em países estrangeiros. A extensão e âmbito do Departamento de Auditoria para salvaguardar os recursos da Igreja aumentam de acordo com o crescimento e ampliação das atividades da Igreja. A auditoria dos fundos locais de alas e estacas fica a cargo de auditores de estaca. Negócios incorporados, controlados pela Igreja ou de sua propriedade, cuja contabilidade não esteja centralizada no Departamento Financeiro, são verificados por empresas de auditoria ou fiscais do governo.

Baseados em nosso exame de relatório financeiro anual e outros dados contábeis, e estudo dos métodos de contabilização e auditoria pelos quais são controladas as operações financeiras, a par das constantes reuniões com o pessoal do Departamento Financeiro, de Auditoria e Legal, somos de opinião que os fundos da Igreja recebidos e gastos durante o ano de 1980 foram devidamente contabilizados, de conformidade com os procedimentos aqui expostos.

Submetemos respeitosamente este relatório.

COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Warren E. Pugh
Merril J. Bateman
Ted E. Davis

Relatório Estatístico de 1980

Apresentado por
Francis M. Gibbons

Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1980.

(O múmero de membros é estimativo, baseado nos relatórios de 1980 disponíveis até a data da conferência.)

Unidades da Igreja

Número de estacas de Sião 1 218
Número de missões de tempo integral 188
Número de alas..... 7 868
Número de ramos independentes nas estacas 2 456
Número de ramos nas missões 2 267
(Estes dados estatísticos demonstram um aumento de 1 105 alas e ramos no ano de 1980.)
Número de países com alas e ramos organizados 83

Membros da Igreja

Total de membros registrados nas estacas, missões e escritórios da Igreja, no final de 1980..... 4 638 000

Crescimento da Igreja em 1980

Crianças abençoadas..... 103 000
Crianças registradas batizadas 65 000
Conversos batizados 211 000

(O número de batismos de conversos é estimativo, baseado nos relatórios de 1980 recebidos pela sede da Igreja antes da conferência.)

Estatística Social

Taxa de nascimentos por mil 28,2
Número de pessoas casadas por mil..... 12,2
Número de mortes por mil 3,9

Sociedade Genealógica

Número de nomes liberados em 1980 para ordenanças no templo . 5 414 600

Templos

Número de endowments realizados em 1980:

Pelos vivos 52 000
Pelos mortos 3 962 000
Templos em funcionamento 19
Templos projetados ou em construção 8

(Em 1980, realizaram-se 89 100 endowments a mais do que em 1979.)

Sacerdócio

Diáconos 156 000
Mestres 122 000
Sacerdotes 236 000
Élderes 382 000
Setentas 30 000
Sumos sacerdotes 157 000

(Em 1980, houve um aumento estimativo de 42 000 membros do sacerdócio.)

Missionários de tempo integral 29 953

Sistema Educacional da Igreja

Total de matrículas durante o ano letivo de 1979-80:

Seminários e institutos, inclusive programas especiais 309 000
Escolas, faculdades e programa de educação contínua 75 000

Serviços de Bem-Estar

Pessoas assistidas com dinheiro ou mercadorias 160 600
Pessoas assistidas pelos Serviços Sociais SUD 51 600
Pessoas empregadas 26 400
Homens/dia de trabalho doados aos Serviços de Bem-estar 527 900
Mercadorias distribuídas pelos armazéns (em libras/peso) 35 441 200

Membros Preeminentes Falecidos Durante o Ano

Élder William H. Bennett, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta; William Pakimana Taurima, presidente da Estaca Gisborne Nova Zelândia; Thomas Lee Chappell, presidente da Estaca Loa Utah; Donald Leon Hansen, presidente da Estaca San Bernardino Leste California; Clara Alberta Wright Moyle, viúva de Henry D. Moyle, ex-primeiro conselheiro na Primeira Presidência; Betsy Hollings Richards, viúva de George F. Richards, ex-presidente do Quorum dos Doze; Edgar B. Brossard, ex-membro da Comissão de Tarifas dos Estados Unidos durante 36 anos; Leona Holbrook, presidente da Associação Americana de Saúde, Educação Física e Recreação, e ex-membro do Comitê Olímpico dos Estados Unidos e participante da Academia Olímpica Internacional; Junius M. Jackson, ex-presidente da Sociedade Genealógica da Igreja; Pearl B. Johnson, secretária de membros da Primeira Presidência ou Quorum dos Doze por mais de quarenta nos, e ex-membro da Junta Geral da AMM Moças.

O Documento de Joseph Smith III e as Chaves do Reino



Élder Gordon B. Hinckley
do Quorum dos Doze Apóstolos

Em nome de todos, gostaria de dar as boas-vindas ao Irmão Angel Abrea, um grande, fiel e dedicado líder da Igreja há muitos anos na Argentina, cuja influência se fez sentir não só ali mas em toda a América do Sul.

Acho que vou abordar com poucas palavras, esta tarde, o assunto da recente descoberta da transcrição de uma bênção, que consta ter sido dada por Joseph Smith ao filho de onze anos, em 17 de janeiro de 1844, e que ultimamente vem merecendo considerável destaque nos meios de comunicação. O documento foi evidentemente escrito a mão por Thomas Bullock, que servia como secretário do Profeta.

Nosso Departamento Histórico adquiriu-o segundo sua norma de colecionar artefatos de toda sorte ligados aos primórdios da Igreja. Decidimos dar plena publicidade à descoberta, ainda que convencidos de que suscitaria críticas da parte de círculos pouco inteirados da real história da Igreja, como pretensa prova de uma falha em nossa linha de autoridade.

Ademais, e isto é de grande importância, o fraseado do documento é reconhecidamente o de uma bênção paterna, tendo grande valor sentimental para a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cujos presidentes têm sido descendentes diretos de Joseph Smith. A Primeira Presidência e o Quorum dos Doze decidiram oferecê-lo à mencionada igreja, cujos oficiais aceitaram a oferta com satisfação, desde que fosse em troca de outro documento valioso. Assim, houve uma permuta no dia 19 de março p.p.

Não desejo reabrir antigas controvérsias, mas para aqueles que talvez pensem que esse documento lança alguma dúvida sobre o princípio de transferência da autoridade através do Conselho dos Doze Apóstolos, vou recapitular brevemente uns poucos fatos concernentes ao documento e à história do período a que se refere, concluindo com algumas observações suscitadas pelas circunstâncias.

Primeiro, é preciso notar que o documento é a transcrição de uma bênção e não um registro de ordenação a um ofício. Aliás, o próprio Joseph Smith III, receptor da bênção, testemunhou pessoalmente em 1893, no Tribunal Distrital dos Estados Unidos, em Kansas City: "Não afirmei ter sido ordenado por meu pai; não fiz tal declaração. Não fui ordenado por meu pai como seu sucessor; conforme entendo o termo *ordenar*, eu não fui. Fui por ele abençoado e designado, bem, em certo sentido escolhido..."

É preciso notar ainda que, em diversas ocasiões, Joseph Smith havia indicado certos homens ou grupos que poderiam possivelmente sucedê-lo. Estes incluíram seu irmão Hyrum, Sidney Rigdon, Oliver Cowdery, David Whitmer, seu filho Joseph III e até mesmo seu filho David, ainda por nascer; e, o mais importante, em várias ocasiões, o Conselho dos Doze Apóstolos.

Tampouco era incomum pais darem aos filhos bênçãos daquele tipo. Orson Pratt, um apóstolo, abençoou o filho na esperança de que se tornasse um líder. Brigham Young e outros deram aos fi-

lhos bênçãos semelhantes.

Nós, da Igreja, reconhecemos que o cumprimento de todas as bênçãos dadas pela autoridade do sacerdócio é condicionado a duas coisas: primeiro, dignidade e fidelidade do receptor e, segundo, a vontade e sabedoria suprema de Deus.

Como sabem todos os estudiosos de nossa história, temos sustentado e seguido a posição de que as chaves e autoridade do sacerdócio, sem a qual não existirá a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, foram dadas ao Conselho dos Doze bem nos primórdios da Igreja, a fim de que, em caso de morte do presidente, essa autoridade permanecesse e fosse transmitida legal e devidamente, enquanto a Igreja existisse.

Na grande revelação sobre o sacerdócio que conhecemos como seção 107 de Doutrina & Convênios, recebida e registrada em 28 de março de 1835, por exemplo, o Senhor fala do governo de sua Igreja e diz aos Doze, depois de referir-se à presidência da Igreja: "... eles formam um quorum igual em autoridade e poder" à dita presidência." (D&C 107:24.)

Dois anos mais tarde, em 23 de julho de 1837, este princípio foi confirmado por revelação: "Pois a vós, os Doze, e àqueles, a Primeira Presidência, que são convosco designados vossos conselheiros e vossos líderes, é dado o poder deste sacerdócio, para os últimos dias e pela última vez..." (D&C 112:30.)

E novamente, em 19 de janeiro de 1841, dizia o Senhor por intermédio do Profeta Joseph: "Designo-vos o meu servo Brigham Young para ser presidente do conselho viajante dos Doze;

"Os quais têm as chaves para difundir a autoridade do meu reino nos quatro cantos da terra, e depois disso enviar a minha palavra a toda a criatura." (D&C 124:127-28.) A ata de uma conferência especial realizada em Nauvoo, no dia 16 de agosto de 1841, declara: "Chegou o tempo em que os Doze devem ser chamados para ocuparem seu lugar junto à Primeira Presidência... e auxiliarem a levar às nações o reino vitorioso.



O Presidente Spencer W. Kimball, à direita, é recebido para uma sessão da conferência pelo Élder Gordon B. Hinckley do Conselho dos Doze.

"A moção foi votada e aprovada pela conferência, aceitando as instruções do Presidente Smith com relação aos Doze, e que procedessem de acordo para o cumprimento dos deveres de seu ofício." ("Conference Minutes" *Times and Seasons* 2 (1º de set. de 1841) 521-22.)

Está absolutamente claro que o Senhor colocou o Conselho dos Doze, tendo Brigham Young como presidente, ao lado do Profeta Joseph Smith, dando-lhes as chaves e autoridade para promover a Igreja sob a direção do Profeta enquanto fosse vivo, e para governá-la

após a morte dele. As revelações que acabo de ler e a ata da reunião de Nauvoo foram registradas de três a nove anos antes da bênção de que estamos falando.

O inverno de 1843-44 foi uma época de muita tensão em Nauvoo. Os inimigos tramavam a destruição da Igreja. Naquele inverno, Joseph reuniu em várias ocasiões os Doze na sala acima de sua loja na Rua Water, em Nauvoo. Nossos arquivos contêm diversos documentos comprobatórios dessas reuniões e do que nelas aconteceu. Meu tempo permite citar as palavras referentes a Joseph Smith, registradas por apenas um dos presentes. Existem muitos mais. Diz ele:

"Este grande e bom homem foi levado, antes de sua morte, a convocar os Doze de tempos em tempos, a fim de instruí-los em todas as coisas pertinentes ao reino, ordenanças e governo de Deus. Disse seguidas vezes que estava assentando os alicerces, mas que caberia aos Doze completar o edifício. Dizia ele: 'Não sei por que, mas, por alguma razão, sinto-me impelido a apressar meus preparativos e a conferir aos Doze todas as ordenanças, chaves, convênios, endowments e ordenanças seladoras do sacerdócio... pois, dizia ele, o Senhor está prestes a colocar o fardo sobre vossos ombros e a me deixar por algum tempo; e, se me matarem ... o reino de Deus irá avante, visto que agora terminei o trabalho de que fui incumbido, confiando-vos todas as coisas para a edificação do reino de acordo com a visão celestial, e os modelos que me foram mostrados pelos céus.'" (Parley P. Pratt, "Proclamation", *Millennial Star*, 5 de março de 1845: 151.)

Como sabeis, Joseph Smith foi assassinado pelo populacho, em Carthage, no dia 27 de junho de 1844. No dia 8 de agosto seguinte, milhares de santos reuniram-se em Nauvoo. Sidney Rigdon, que servira como conselheiro de Joseph Smith, durante hora e meia defendeu sua proposta de ser designado guardião da Igreja. Não houve reação positiva. Na mesma tarde, Brigham Young falou em favor dos apóstolos. Muitos presentes testificaram que ele parecia e sua voz soava como a do Profeta morto. Quando, após suas palavras, foi apresentada aos irmãos a proposição de que os Doze assumissem a direção da Igreja, uma vez que haviam recebido as chaves de Joseph Smith, a votação foi francamente favorável.

Certamente, ninguém que esteja familiarizado com os acontecimentos subseqüentes poderá duvidar da força daquela liderança. Prosseguiu o trabalho de construção do templo e outros projetos. Então, em fevereiro de 1846, teve início a migração sem paralelo na história de Nauvoo, às margens do Mississipi, para Winter Quarters, junto ao Rio Missouri e posteriormente até o Vale do Grande Lago Salgado. Tão intensa era a fé dos milhares de envolvidos, tão forte seu testemunho, que muitos preferiram perder a vida em vez de recuar. Onde encontrar



Élder E. Brewerton, do Primeiro Quorum dos Setenta.

testemunho mais convincente da validade da liderança deles do que nos atos dos que abandonaram sua casa em Nauvoo, em troca dos vales nas montanhas, em resposta à convocação dos Doze, liderados por Brigham Young e subseqüentemente como presidente da Igreja?

Vejamos por exemplo este homem, Thomas Bullock, cujo próprio punho evidentemente transcreveu o documento de que falamos. Se escreveu a bênção, obviamente sabia de sua existência, além de ter sido encontrada entre seus papéis, quando faleceu.

Thomas Bullock filiou-se à Igreja na Inglaterra, em novembro de 1841, emigrando para Nauvoo em 1843, onde serviu como secretário de Joseph Smith. Ele e sua família estavam no último grupo de santos que partiu de Nauvoo, no outono de 1846. Mesmo gravemente enfermo, foi forçado à ponta de baioneta e armas de fogo a sair da cidade no prazo de vinte minutos, ou morrer. Ele desafiou os homens a atirarem, dizendo que provavelmente morreria mesmo em pouco tempo. O chefe da turba respondeu: "Se renunciar ao mormonismo, você pode ficar e nós o protegeremos." O Irmão Bullock replicou que era proprietário legal da casa e não cometera nenhum crime. "Porém," disse, "sou mormon e se continuar vivo, hei de seguir os Doze." Ele foi um dos enfermos e moribundos retirados da cidade, e cuja vida, juntamente com a de outros do seu grupo, foi salva pelo milagroso aparecimento de bandos de codornas em seu acampamento de Iowa.

Quando os santos partiram de Winter Quarters, na primavera de 1847, ele foi nomeado secretário da primeira companhia, de cuja jornada fez um valioso registro. Fez uma segunda viagem para o Leste e de volta ao Vale, em 1848. Serviu missão na Inglaterra, de 1856 a 1858.

Segue-se uma pergunta natural: Estaria ele disposto a pagar um preço tão elevado para continuar membro da Igreja e a sofrer tanto para promovê-la como missionário, atendendo ao chamado de Brigham Young, se tivesse a mínima dúvida de que este era o líder legal da Igreja e que esse direito pertencia a outra pessoa de acordo com uma bênção que escrevera de próprio punho e estava em suas mãos?

Irmãos e irmãs, desde a tragédia daquele 27 de junho de 1844, quando Joseph Smith selou seu testemunho com o próprio sangue, desde a confirmação espiritual recebida por milhares de santos reunidos em Nauvoo no subseqüente 8 de agosto, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias vem progredindo sempre e jamais deu um passo atrás. A mesma autoridade que Joseph Smith possuía, as mesmas chaves e poderes que eram a própria essência do seu divinamente concedido direito de presidir, foram por ele conferidos aos Doze Apóstolos encabeçados por Brigham Young. Todo presidente da Igreja, desde aí, chegou a esse sagrado e supremo ofício por intermédio do Conselho dos Doze. Cada um deles foi abençoado com o espírito e poder de revelação do alto. É uma corrente sucessória contínua desde Joseph Smith Jr. até Spencer W. Kimball, disto eu presto solene testemunho perante vós, hoje. Esta Igreja está edificada sobre a palavra segura da profecia e revelação — edificada, como dizia Paulo aos efésios, "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina". (Ef. 2:20.)

Ficamos satisfeitos que nossos irmãos da igreja Reorganizada conseguissem o documento contendo a bênção paterna dada a um filho a quem amava. É um documento precioso, de grande valor sentimental para a família de Joseph Smith. Ele não suscita qualquer dúvida séria concernente à validade da sucessão na presidência, através do Conselho dos Doze Apóstolos, conforme foi estabelecido pelo Profeta e tem funcionado sob as revelações de Deus. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Nós Servimos a Quem Amamos



Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

Poucas semanas atrás, por volta das seis da manhã, minha mulher e eu tomamos um táxi para chegar ao aeroporto. O motorista, cuja jornada de trabalho começara às três da madrugada, mostrou-se ansioso de conversar conosco, seus primeiros passageiros daquele dia. Contou-nos que seus pais nasceram nos arredores da Cidade do México, mais tarde se mudaram para Chicago, Illinois, onde ele havia nascido, e a seguir, foram para o Novo México. Fazia vinte anos, nosso amigo viera conhecer São Francisco, Califórnia, para nunca mais partir. Durante o trajeto para o aeroporto, ele contou alguns incidentes que confirmam certas verdades importantes.

Seus pais, contou-nos, ficaram no Novo México, mas vinham visitá-lo e aos outros irmãos sempre que podiam, pois adoravam estar com os filhos e netos. No Novo México, a mãe não passava muito bem de saúde, condição que melhorava bastante sempre que vinham a São Francisco. E o filho perspicaz dissera ao irmão:

— Eu sei do que mamãe precisa.

Arranjou um caminhão, foi com o irmão até o Novo México e de lá trouxeram a mudança dos pais para estes viverem perto dos que mais amavam.

— A saúde de mamãe melhorou bastante, — contou-nos. Depois, acrescentou: — Sabem, o amor é muito importante, quande se sabe amar.

O segundo incidente contado por aquele homem simples, porém sábio, também é significativo.

— Ensino meus filhos a trabalhar. Eu quero que estudem, mas eles precisam primeiro aprender a trabalhar para consegui-lo. Acabo de arranjar um emprego num banco para meu filho de dezesseis anos. Enquanto estuda, trabalha apenas duas horas por dia, mas está aprendendo a trabalhar. Ele sabe que o amo, porque faço a minha parte também. Devido ao meu horário incerto de trabalho, nem sempre posso levá-lo até o emprego, mas nunca deixo de buscá-lo. Ele gosta de voltar comigo para casa, e eu também.

Esse motorista fora do comum abordou ainda outro ponto importante. Contou que alguns de seus colegas solteiros, igualmente motoristas de táxi, comumente ficam sem dinheiro e precisam de um empréstimo. Disse que geralmente está em condições de tirá-los do apuro momentâneo. Quando lhe perguntam como ele consegue manter a família com seu salário, se o dinheiro não dá nem para uma pessoa, ele responde:

— Não desperdiço dinheiro com corridas de cavalo, nem com bebidas e fumo. Minha mulher prepara nossa comida em casa; assim não temos despesas maiores com restaurantes. — Sorriu e acrescentou: —

Nós nos divertimos em família mesmo.

Os objetivos desse homem estão centralizados na família e ele aprendeu que é loucura gastar dinheiro com jogo, bebidas e dispendiosos hábitos da moda.

Um homem feliz, esse motorista; pela experiência, ele reconheceu importantes aspectos do amor. Sabe que o amor cura, ensina. Requer sacrifício e nós seremos leais àquilo que amamos. Compartilhou conosco alguns princípios básicos do amor em ação que são realmente potentes. Francamente, apreciamos tanto seus comentários, que o aeroporto bem que poderia ficar a mais de uma hora de distância.

Esse homem sabia onde situar o seu amor. Nós também temos de escolher com cuidado as áreas em que servimos, pois onde servimos estará nosso amor. Durante a vida inteira, as áreas de amor precisam ser postas na devida perspectiva.

Na infância, nos empenhamos ansiosamente em andar naquela bicicleta, equilibrar em patins, aprender a dominar as leis do equilíbrio. Depois, nosso amor ao volante, velocidade e perícia talvez se tornem um dos encantos da vida. À medida que amadurecemos, servimos e nos sacrificamos por outros interesses, novos amores se desenvolvem. O fazendeiro ama suas terras; o estudioso, seus livros; o empresário, sua firma. Todos conhecemos o amor de pais pelos filhos, o amor do bispo pelos membros da ala, o amor de um jovem pelo carro novo, o amor de uma noiva recente pelo anel que acaba de receber de alguém muito querido.

Igualmente aparente no mundo de hoje é o amor ao mal. Podemos pôr em risco nosso futuro, amando e sacrificando-nos por algo que não faz bem à saúde nem ao nosso progresso.

Muitos hoje são cativos de seu amor aos bens materiais, pensando que lhes darão fama, fortuna e popularidade. Estes, também, colhem os frutos de não saberem amar com sabedoria. E nesses casos, igualmente, aprenderão a amar aquilo a que servem. O que aprendemos a amar pode tornar-nos vencedores ou destruir nossa vida.

O amor ao dinheiro, drogas e bebidas é capaz de transformar homens em ladrões, assassinos, marginais. A princípio, amam os efeitos dessas coisas maléficas; depois, chegam a sacrificar tudo — vida, saúde, liberdade — pelo que consideravam uma coisa preciosa. O amor às paixões, drogas e mentiras cresce à medida que servimos nessas áreas sedutoras oferecidas por Satanás. Os vínculos afetivos tornam-se fortes e intensos na proporção em que servimos continuamente. O homem que aprende a amar a mentira é servo da desonestidade por toda a vida. De fato, geralmente é mais fácil curar um viciado em drogas que um mentiroso.

Uma das maiores façanhas de Satanás nestes últimos dias é o sucesso com que consegue voltar as afeições humanas para o destrutivo, efêmero ou mundano. Em lugar de buscar o que é melhor para todos, o mundo está-se tornando cada vez mais egocêntrico. Por todos os lados, vemos grupos reclamando: "Temos o direito", "Nós exigimos". Muitos jovens acham que o amor tem "direitos" a reclamar da pessoa amada.



Élder Vaughn J. Featherstone e Élder Rex C. Reeve Sr., do Primeiro Quorum dos Setenta.

Por exemplo, os rapazes costumam dizer: "Se você me ama, permitirá que eu..." Querem tomar aquilo a que pretensamente têm "direito", em lugar de servir aos padrões mais elevados da moral. Tal exigência não é indicativo de amor.

Pequenos atos de serviços do dia-a-dia, sejam bons ou maus, podem não parecer importantes, mas estão formando laços de amor que acabam tão fortes, que raramente se consegue romper. Cabe a nós colocar nossa área de amor na devida perspectiva. O amor significativo sempre procura promover nosso progresso eterno, nunca prejudicá-lo.

Quem ama tem e sente responsabilidade. Em I Coríntios, Paulo diz que o amor não suspeita mal, é sofredor e benigno. (Vide I Cor. 13:4-5.) Observando o amor entre duas pessoas preparando-se para o casamento no templo, vemos os elementos do sacrifício e do interesse pelo outro, não um cego interesse egoísta. O genuíno amor e felicidade no namoro e casamento são baseados na honestidade, respeito próprio, sacrifício, consideração, cortesia, bondade e abnegação. Aqueles que pretendem que sacrifiquemos a virtude e castidade para provar nosso amor com relações sexuais fora do casamento não são nosso amigos, nem estão interessados numa família eterna. Classificá-los como egoístas e insensatos não é ser severo demais. Quem serve à carne jamais conhecerá o amor e frutos da pureza.

Um recém-converso à Igreja contou-me esta história: "Passei a maior parte da adolescência entrando e saindo de instituições correcionais. Não era tão mau assim, pois a comida era razoavelmente boa e éramos bem tratados. Mas a coisa ficava tediosa, e por isso, quando alguém conseguia algo para ler, revistas em quadrinhos, livros ou revistas, a gente procurava pedir emprestado em troca de comida. Um dia, vi um sujeito com um livro bonito e grosso, que achei levaria uma porção de tempo para ler. Assim, ofereci-lhe as costeletas de porco, batatas etc. durante uma semana, em troca dele. Ele aceitou a oferta e emprestou-me o livro. Ao lê-lo, eu soube que estava lendo algo muito especial e verdadeiro. O livro pelo qual sacrifiquei minha comida chamava-se *O Livro de Mormon*. Quando tive oportunidade, procurei os missionários, mudei meus hábitos e agora estou descobrindo uma nova maneira de viver. Eu amo esse livro pelo qual troquei minha comida."

Eis um sacrifício incomum, mas proveitoso, com resultados compensadores. Esse converso diz que, quanto mais tempo dedica ao livro, maior se torna seu amor às verdades



O Élder Marion D. Hanks, do Primeiro Quorum dos Setenta, conversa com visitantes da conferência.

que ele contém.

O amor à família não é um amor de mártir. Voltemos ao sermão prático de nosso motorista de táxi: "Ensino meus filhos a trabalhar, mas faço-os saber que eu me importo com eles. Realizo a minha parte, também." Dar de nosso tempo, ter um ouvido atento, um coração compreensivo e amor incondicional, até mesmo ocasionalmente abrir a porta a uma oportunidade, são algumas maneiras de servir a quem amamos. Mas, quando privamos familiares da oportunidade de aprender a trabalhar, quando lhes ensinamos a evitar ou furtar-se às responsabilidades de seus próprios atos, quando os usamos para satisfazer nossas próprias ambições, então não os estaremos servindo nem amando com sabedoria.

Dando à criança oportunidade de trabalhar e colaborar em casa, seu amor pela família se intensificará, à medida que for incentivada a gastar tempo e fazer sacrifícios para desenvolver seus talentos — sejam acadêmicos, musicais, teatrais, esportivos, de liderança etc. — ela criará amor ao que lhe proporciona sucesso. As crianças criarão amor aos talentos ou posses a que devotarem tempo e esforço.

Se, como adultos, damos constante prioridade à aquisição de mais e melhores bens mundanos, logo aumentará nosso amor a essas coisas. A compra de uma casa maior, melhor carro ou barco mais requintado pode levar-nos a sacrificar nossos recursos e adquirir um amor insensato a tais símbolos de sucesso e prazer. Aprendemos a amar aquilo a que servimos, e servimos aquilo a que amamos.

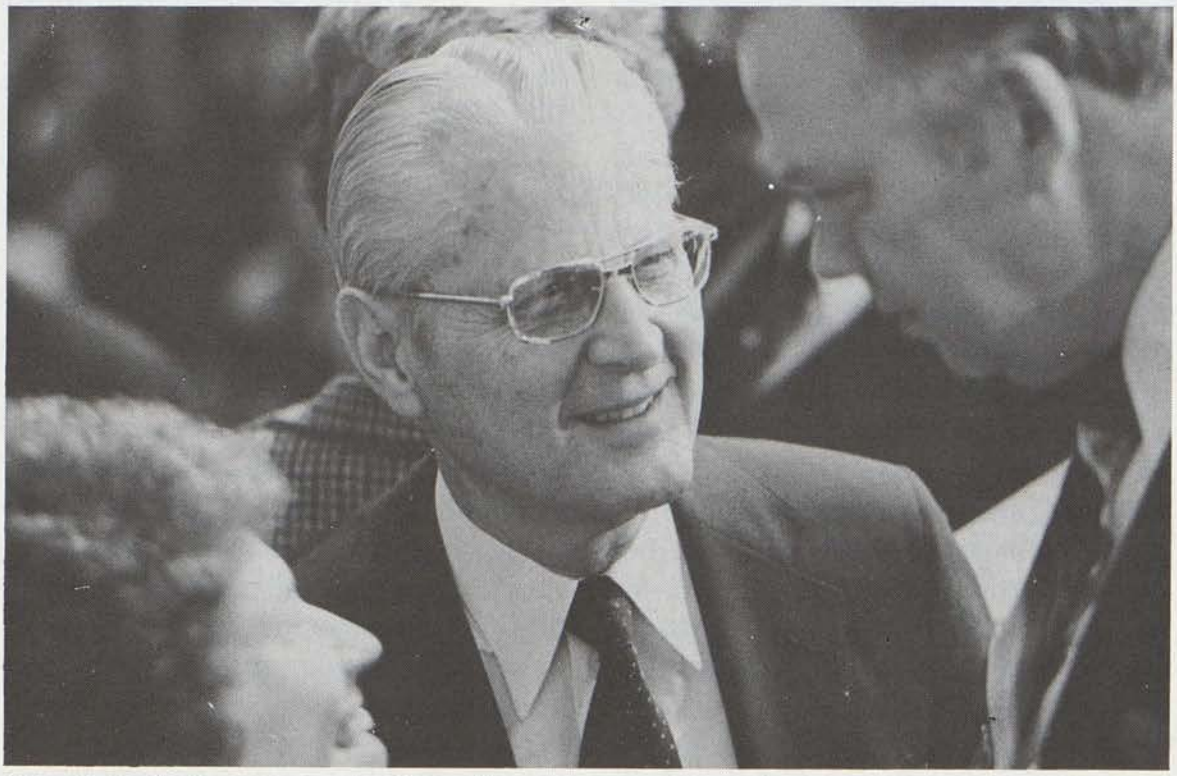
Como reduzir nosso amor às coisas que não são para o nosso bem? Devemos examinar nossa vida, verificar que serviços prestamos e que sacrifícios estamos fazendo, e depois cessar de gastar tempo e esforços nessas coisas. Se o conseguirmos, então o amor acabará minguando e morrendo. Nosso amor deve ser canalizado para coisas de valor eterno. Nosso vizinhos e familiares corresponderão ao nosso amor, desde que lhes demos apoio e um pouco de nós mesmos. O verdadeiro amor é eterno como a própria vida. Certos chamados e designações na Igreja podem parecer insignificantes e sem importância no mo-

mento; mas com todo encargo cumprido de boa vontade crescerá nosso amor ao Senhor. Aprendemos a amar a Deus, servindo e conhecendo-o.

Como ajudar um recém-converso a aprender a amar o evangelho? Encontrando o meio de ele servir e sacrificar-se. Temos de ressaltar constantemente que amamos aquilo a que dedicamos tempo, seja o evangelho, Deus ou o ouro. Freqüentemente ouvimos expressões de amor pelas escrituras, inclusive os ensinamentos de Jesus. Aqueles que estudam, praticam e aplicam as verdades, não só as conhecem bem, mas são fortalecidos guiando-se por elas ao longo da vida. O homem que mais aprecia a oportunidade de pagar o dízimo é aquele que sente as alegrias e bênçãos decorrentes do sacrifício e obediência a essa lei. Nosso apreço e amor ao evangelho e seus ensinamentos serão sempre proporcionais ao nosso serviço e comprometimento para com o evangelho.

O maior exemplo de amor disponível a todos nós encontra-se nesta escritura de João: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho unigênito." (João 3:16.) Deus estabeleceu o modelo com a maior de todas as provas de amor e por esse sacrifício supremo, mostrando-nos que seu amor é incondicional e suficientemente grande para abranger a todos.

Enquanto esteve aqui na terra, Jesus ensinou-nos maneiras de amar com sabedoria. Lembramos o caso em que escribas e fariseus apresentaram a Jesus a mulher apanhada em adultério. Eles não pretendiam de-



Bispo H. Burke Peterson, do Bispado Presidente, conversando com Élder Paul H. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta.

monstrar amor à mulher ou ao Salvador, mas sim embaraçá-lo e pregar-lhe uma peça. Citando a lei de Moisés, que mandava apedrejá-la, perguntaram: "Tu, pois, que dizes?" Quando Jesus sugeriu que quem estivesse sem pecado, atirasse a primeira pedra, os acusadores foram-se afastando um por um. Então Jesus perguntou à mulher: "Onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais." (Vide João 8:1-11.)

Jesus não tolerava o adultério; era extremamente severo quanto à conduta moral. Apenas escolheu ensinar com amor — para mostrar aos escribas e fariseus a necessidade de servir aos melhores interesses do indivíduo, e não ao poder destrutivo da trapaça e subterfúgios.

Jesus mostrou-nos que sempre existe uma forma apropriada de demonstrar amor.

Talvez nosso motorista haja aprendido a aplicar o mesmo princípio cristão em sua vida, ao dizer sabiamente: "Sabem, o amor é muito importante quando se sabe amar." A conduta do Salvador permite-nos concluir também que o amor é correto, quando canalizado para áreas apropriadas e recebe a devida prioridade em nossa vida.

Vivemos num mundo complexo, com muitas forças reclamando: "Ama-me." Um meio seguro de estabelecer diretrizes quanto ao que queremos servir e aprender a amar é seguir a admoestação de Josué: "Porém eu e minha casa serviremos ao Senhor." (Jos. 24:15.)



Presidente Spencer W. Kimball.

Examinemos nossa própria vida. Nós servimos aquilo a que amamos. Se nos sacrificamos e damos nosso amor por aquilo que o Pai Celeste requer de nós, estamos seguindo o caminho da vida eterna. Volto a concluir, aprendemos a amar aquilo a que servimos, e o que amamos ocupa nosso tempo, e o que ocupa nosso tempo é o que amamos.

Ajude-nos Deus a amar o certo, amar a verdade e amar áreas de serviço que sejam compensadoras e eternas, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Construir Pontes para a Fé



Élder Loren C. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

Senti-me inspirado, assim como vós também, ouvindo este lindo coro cantar, particularmente o primeiro hino no início desta reunião, cuja letra diz: "Sempre fiéis a nossa fé." E é a respeito de fé que gostaria de falar nesta tarde.

Temos sido chamados de povo crente. A fé individual é, sem dúvida, a pedra fundamental do evangelho e o atributo mais importante para nós, como pessoas.

Disse Joseph Smith: "Fé é a certeza, da parte do homem, da existência de coisas que ele não viu, e o princípio atuante em todos os seres inteligentes... É o primeiro grande princípio governante." (*Lectures on Faith,* comp. N. B. Lundwall, Salt Lake City: N. B. Lundwall, n. d., pp. 7,10.)

E Jacó ensina que o Senhor ordena a todos os homens que tenham "perfeita fé no Santo de Israel, pois, do contrário, não poderão salvar-se no reino de Deus". (2 Néfi 9:23.)

Como um princípio de poder e ação, e como chave para nossa salvação, a fé individual, pois, adquire importância absoluta para nós.

Admoesta Paulo: "... sê um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza", (I Tim. 4:12.)

"Ainda mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar," diz Alma, "fazei com que esse desejo opere em vós até acreditardes de tal forma que possais dar lugar para uma porção de minhas palavras." (Alma 32:27.)

Morôni diz: "Não disputeis sobre as coisas que não virdes, porque não recebereis testemunho senão depois da prova de vossa fé." (Éter 12:6.)

Há muitos passos que a pessoa pode dar para desenvolver o dom e poder da fé. Nos próximos minutos gostaria de expor seis deles.

Primeiro: Fé e a capacidade de reconhecer o Senhor como sendo onipotente e fonte de todas as bênçãos.

Segundo o Rei Benjamim: "Crede em Deus; acreditai que ele existe e que criou todas as coisas, tanto no céu como na terra; acreditai que ele tem toda sabedoria e poder, tanto nos céus como na terra; acreditai que o homem não pode entender todas as coisas que o Senhor pode." (Mosiah 4:9.)

Às vezes tendemos a compartimentar as coisas. Oramos a respeito de uma e nos preocupamos com outra. Parecemos limitar a capacidade do Senhor de ajudar-nos em todos os aspectos de nossa vida.

É John A. Widtsoe quem conta este caso: "Durante anos, trabalhei com minha equipe, subvencionado pelo governo federal, colhendo dados na área da umidade do solo; mas não consegui deduzir deles nenhuma lei genérica. Finalmente, desisti. Minha mulher e eu fomos ao templo naquele dia para esquecer um pouco meu insucesso. Na terceira sala de ordenanças*, imprevista-

**NR - No templo de Lago Salgado, os endowments são demonstrados em várias salas subseqüentes, e não apenas uma, como em São Paulo, p. ex.*

mente, veio-me a solução, que há muito já foi impressa." (*In a Sunlit Land: The Autobiography of John A. Widtsoe*, Salt Lake City: Deseret News Press, 1952, p. 177.)

A fé, portanto, é saber que o Senhor pode ajudar-nos em todas as coisas.

Segundo: Fé é a capacidade de fazer o que somos inspirados a fazer e na hora que o somos.

Anos atrás, quando presidíamos a Missão Sydney, eu estava buscando seriamente uma bênção do Senhor. A missão atingira como que um platô depois de haver progredido bastante, e era preciso dar-lhe novo impulso.

Certo dia, eu estava jejuando e orando para que o Senhor nos facultasse novos níveis de desempenho. Em plena oração, recebi a forte impressão de que deveria procurar meu filho e dar-lhe uma bênção. Obedecendo ao influxo do Espírito, fui encontrar meu filho cuidando dos deveres escolares noutra parte da casa.

— Como vão as coisas? — indaguei.

— Por que pergunta? — reagiu como típico adolescente.

Não sabendo o que dizer, perguntei: — Você quer uma bênção?

Olhou-me em perplexo silêncio durante alguns instantes e depois respondeu:

— Quero, sim.

A inspiração decorrente daquela bênção provou-se muito importante tanto para mim como para ele. Foi uma experiência que nenhum dos dois há de esquecer. Entretanto, essa oportunidade estaria perdida, se primeiro eu ficasse querendo saber por que o Senhor me estava dirigindo para minha responsabilidade primordial, — a família — quando eu estava pedindo uma bênção para a missão.

Terceiro: Fé é a capacidade de viver as leis de Deus que controlam as bênçãos de que necessitamos. Embora não se deva guardar os mandamentos apenas para ser abençoado, as bençãos decorrentes são uma realidade.

Harold. B. Lee contou que certa vez orava fervorosamente em busca de uma bênção material de que necessitava muito. Um dia, enquanto orava nesse sentido, lembrou-se de que recentemente recebera uma soma cujo dízimo esquecera de pagar. Foi como se a voz acusadora do Senhor dissesse: Você quer de mim uma bênção sem ter obedecido à lei sobre a qual ela se fundamenta.

Disse que foi imediatamente pagar o referido dízimo e a seguir voltou a rogar aquela bênção ao Senhor.

Quarto: Fé é a capacidade de agir "como se".

Diz Paulo em seus ensinamentos: "Pela fé, Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam... preparou uma arca para o salvamento de sua família." (Heb. 11:7.)

O Presidente Kimball explica-nos um pouco mais a situação de Noé:

"Contudo não havia nenhum prenúncio de chuva e enchentes... Suas advertências foram consideradas irracionais... Quanta tolice construir uma arca em terra seca com o sol brilhando e a vida correndo normalmente! mas o tempo concedido terminou... O dilúvio chegou... Os desobedientes... se afogaram. O milagre da arca foi conseqüência da fé demonstrada em sua construção." (*Faith Precedes the Miracle*, Salt Lake City: Deseret Book 1972, pp. 5-6.)

Há muitos anos, durante a difícil época da II Guerra Mundial, Elvon W. Orme, presidente da Missão Australiana, foi convidado a jantar na casa de uma irmã viúva. Devido

ao racionamento, a maior parte das coisas boas há muito haviam desaparecido das mercearias.

Chegando lá, o presidente ficou chocado ao deparar com a mesa coberta de coisas que não via há meses.

— Não posso aceitar isso tudo, — alegou um tanto embaraçado, achando estar praticamente tirando-o da boca de uma viúva.

— Acho que não terá outra saída, — replicou a irmã. — Sabe, seguindo o conselho das autoridades da Igreja, fiz minha reserva de mantimento para um ano e este é o único tipo de comida que tenho.

Ela demonstrara a fé de agir "como se" já houvesse carência de mantimentos, e sua fé produzira o milagre nos tempos de necessidade.

Fico imaginando quantos santos conseguirão resistir ao seu próprio "dilúvio" pessoal, mostrando fé na recomendação dos profetas modernos e construindo a "arca" da preparação familiar.

Quinto: Fé é a capacidade de ser caridoso e acreditar nas pessoas.

O Salvador do mundo é o supremo exemplo desse amor. Mesmo desprezado e rejeitado, pediu ao Pai que perdoasse aos que o crucificaram, porque, dizia, "não sabem o que fazem". (Lucas 23:34.)

Joseph Smith é outro exemplo. Depois de uma vida repleta de provas e traições, dizia a caminho de Carthage: "Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas... tenho a consciência limpa (para com... os homens)." (D&C 135:4.)

Conheci um homem que possuía essa qualidade. Certa ocasião, bateu à porta dele um mendigo de fora da cidade, pedindo uma esmola. Meu amigo disse:

— Tenho um velho celeiro que precisa de pintura. Se fizer o trabalho, eu te pagarei.

Os dois foram examinar o celeiro, e meu amigo mandou o homem pegar a tinta necessária na loja de tintas. O celeiro foi pintado, o homem recebeu seu pagamento e saiu da cidade. Mais tarde, meu amigo soube que ele havia retirado da loja muito mais tinta do que necessitava. Em suma, meu amigo fora logrado.

Mesmo assim, aproveitou a oportunidade para ensinar uma lição ao filho.

— Se eu soubesse o que fez, teria tomado providências", explicou. "Mas o celeiro está pintado e o pintor, sejam quais forem seus problemas, sempre se lembrará de que alguém acreditou nele.

A fé não consegue florescer num coração endurecido por contínuo cinismo, ceticismo e rancor. A pessoa incapaz de ver o lado bom dos outros, não só destrói sua própria fé, mas se torna basicamente infeliz.

Sexto: Fé é a capacidade de nos deixarmos guiar pelo sacerdócio.

Paulo nos ensina esta importante verdade:

"E ele (o Senhor) deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres." E a seguir, explica por que esses líderes do sacerdócio foram dados aos santos: "até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito à medida da estatura completa de Cristo." (Efé. 4:11,13.)

Os líderes do sacerdócio, todos os líderes chamados por revelação sob as mãos do sacerdócio, são-nos dados para que consigamos chegar à unidade da fé, a fim de que possamos conhecer o Salvador e ter sua imagem em nosso semblante, tornando-nos como ele é, "para que todo homem fale em nome de Deus, o Senhor, o Salvador do mundo". (D&C 1:20.)



O Élder Paul H. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, cumprimenta visitante da conferência.

Anos atrás, o Presidente Joseph Fielding Smith, membro do Quorum dos Doze, compareceu a uma conferência de estaca presidida por um homem chamado havia relativamente pouco tempo. Um membro procurou o Presidente Smith diversas vezes, pretendendo ser aconselhado. Finalmente o Presidente Smith acedeu, desde que o presidente da estaca pudesse estar presente. Quando o homem expôs sua situação, o presidente da estaca soube imediatamente por inspiração o que ele deveria fazer. No entanto, após ouvi-lo, o Presidente Smith surpreendeu a todos, dizendo: "Não tenho nenhum conselho para você." O homem ficou surpreso e acabou saindo. Ficando a sós, o Presidente Smith voltou-se para o presidente da estaca e explicou: "Eu sabia muito bem como aconselhar esse homem, mas soube também por inspiração que ele não aceitaria meu conselho. Por isso, em lugar de condená-lo por insurgir-se contra o conselho do sacerdócio, preferi não dizer nada."

Isto nos ensina que não basta pedir orientação aos que foram chamados por Deus para nos dirigir. É preciso fazê-lo com a disposição de acatar os conselhos de líderes inspirados para desenvolver nossa fé.

Os santos dos últimos dias têm de ter fé. Precisam aproveitar toda oportunidade para desenvolver a fé, tanto na própria vida como na dos outros.

A fé faz parte de nossa herança. Os que abraçam o evangelho de Jesus Cristo são do sangue de Israel, e um dos atributos da casa de Israel é sua capacidade de crer. Alguns chamam-no de "sangue crente".

Minha fé é tanto um fanal como alicerce. Nasceu do Espírito e foi-se enriquecendo com inúmeras preces e inspirações. Ela eleva minha alma. Abre meu coração à paz e alegria. Alimenta e confirma as coisas que já sei. Minha fé é tão forte, que eu sei que Deus vive, que Jesus é o Cristo e que Joseph Smith foi um profeta verdadeiro e que hoje estamos sentados entre profetas e apóstolos.

Que o Senhor nos abençoe com fé no caminho da vida, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Agradecimento



Élder Angel Abrea
do Primeiro Quorum dos Setenta

Dias atrás, ao receber na casa da missão em Rosario, Argentina, o telefonema do Presidente Kimball comunicando-me este chamado, a Irmã Abrea e eu sentimo-nos não só emocionalmente tocados como também assoberbados pela imensa responsabilidade que implica. Imediatamente, fui tomado por um sentimento e palavra — *gracias* — obrigado.

Obrigado às duas missionárias que há quase trinta e oito anos bateram à minha porta e me trouxeram as boas-novas do evangelho. Obrigado a minha querida mãe que me levava à Primária e a todas as reuniões da Igreja, com quem li pela primeira vez o Livro de Mórmon e que ainda agora, com sua fidelidade e trabalho na Igreja, continua a dar-me um exemplo digno de ser imitado.

Obrigado ao meu pai que aceitou a palavra do evangelho e o batismo além do véu e que, quando eu era um garoto de onze anos, um dia sentou-se à beira de minha cama e disse:

"Angel, se você vai ser membro da Igreja, terá de sempre cumprir tudo o que lhe for requerido. Você as-



Élder Gene R. Cook, do Primeiro Quorum dos Setenta.

sumiu um compromisso e deve honrá-lo.''

Obrigado por minhas três filhas que, devido ao seu amor e dedicação à Igreja, são um orgulho, alegria e felicidade em minha vida.

Obrigado aos meus líderes e mestres que sempre fizeram sua parte, muitas vezes em circunstâncias desfavoráveis. Obrigado às centenas de missionários que possibilitaram o desenvolvimento da Igreja na América do Sul. E particularmente, obrigado aos pais deles que enviaram seus filhos e filhas a países estranhos, talvez com temor e ansiedade, mas na certeza de que estavam fazendo a vontade do Senhor.

E, finalmente, obrigado por meu testemunho, por saber sem a mínima dúvida que meu Pai Celeste enviou seu Filho Unigênito, a fim de realizar a grandiosa obra da redenção. Obrigado também, pelo conhecimento de que Cristo ressuscitou e vive. Obrigado por saber que Joseph Smith recebeu uma missão divina e a cumpriu, e que por meio dela, chegaremos a conhecer realmente nosso Salvador, Jesus Cristo. Obrigado por saber que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira e é o reino de Deus na terra, e que é presidida e dirigida pelo Presidente Kimball, um profeta moderno, que tem exercido uma contínua influência positiva em minha vida, desde os dias de minha infância.

Por este testemunho, que é minha certeza, minha rocha, meu sustento, o qual recebi por intermédio do Espírito Santo, dou infinitas graças e dedico todos os meus talentos, tempo, esforços, e tudo o que possuo ao trabalho para o qual fui chamado. Esta será minha maneira de externar, em parte, minha gratidão. Muito obrigado. Digo estas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém.



Irmãos ouvindo os discursos da conferência através de tradução simultânea.

Luz e Verdade



Élder Theodore M. Burton
do Primeiro Quorum dos Setenta

Na Igreja, falamos com freqüência de luz e verdade, mas exatamente o que essas palavras significam? Em meus tempos de cientista, eu estava interessado no conceito do zero absoluto no qual, teoricamente, há completa ausência de energia térmica. Esse grau de frio é difícil de entender. Entretanto, todos sabemos como é que a gente sente frio quando a temperatura chega ao ponto de congelamento. A água ferve a 100°C e congela a O°C. O Zero absoluto fica mais ou menos 273°C abaixo do ponto de congelamento da água. Tais temperaturas existem no espaço cósmico.

Quando eu era garoto, acompanhei meu pai numa inspeção de uma mina em Nevada. Cada um de nós tinha uma lanterna, mas não levamos pilhas sobressalentes, pois não pretendíamos demorar dentro da mina. Contudo, a galeria era mais longa, fria e profunda do que esperávamos. Antes de chegarmos ao fim da mina, onde se encontrava o minério, papai mandou-me apagar a lanterna, a fim de poupar as pilhas. Quando terminou a inspeção, a lanterna dele começou a falhar e ele sugeriu que seria melhor voltarmos. Não demorou muito, a lanterna dele se apagou e ainda me lembro muito bem do pânico que senti antes de acender minha lanterna, naquele frio e negrume. Embora as minhas pilhas também acabassem falhando antes de chegarmos à boca da mina, já dava para nos guiar pelo tênue clarão vindo da entrada. Como foi bom observar a luz aumentando à medida que nos aproximávamos da entrada e depois sentir o calor e claridade do sol.

Desde aí, venho imaginando como alguém pode preferir viver, voluntariamente, onde é escuro e frio. Como pode alguém preferir escuridão e miséria à luz e calor? Todavia, escuridão, frio e miséria será o quinhão dos que voluntária e conscientemente rejeitam o Senhor. Diz João: "Deus é luz e nele não há trevas nenhumas." (I João 1:5.)

Gostaria de falar a respeito da esfera de luz de Deus em contraste com a esfera de trevas de Satanás. Aqueles que seguem a Satanás serão lançados "na escuridão externa, onde haverá choro, pranto e ranger de dentes". (D&C 133:73.) Que coisa horrível deve ser viver num lugar escuro e gelado, que difere inteiramente do conceito usual de "arder no inferno". Esse "arder" é o remorso infinito sentido por quem escolheu a escuridão de Satanás em lugar da luz de Cristo.

A revelação moderna nos ensina que "a glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade". Essa luz e verdade renuncia ao ser perverso. (Vide D&C 93:36-37.)

Temos sido avisados de que, mantendo os olhos fitos na glória de Deus, todo nosso corpo será cheio de luz e nele não haverá trevas, pois

o corpo cheio de luz compreende todas as coisas. (Vide D&C 88:67.)

Lemos ainda que a luz de Deus "brilha nas trevas e as trevas não a compreendem; contudo, dia virá em que compreendereis mesmo a Deus, sendo vivificados nele e por ele.

"Então sabereis que me vistes, que eu sou, e que sou a verdadeira luz que está em vós, e que vós estais em mim; caso contrário, não podereis abundar." (D&C 88:49-50.)

Estas palavras encerram uma grandiosa promessa para os que buscam a luz da verdade.

Não precisamos pensar que a luz de Deus se limita unicamente às coisas do Espírito. Aprendemos que "a luz que brilha e que vos alumia, provém daquele que ilumina os vossos olhos, e é a mesma luz que vivifica a vossa compreensão.

"Luz essa que provém da presença de Deus para encher a imensidade do espaço —

"A luz que está em tudo, e dá vida a tudo, que é a lei pela qual todas as coisas são governadas, sim, o poder de Deus que se assenta sobre o seu trono, e está no seio da eternidade, e no meio de todas as coisas." (D&C 88:11-13.)

A luz de Deus inclui a luz física que vemos, que nos dá tamanha sensação de calor e conforto. A luz de Deus é igualmente o poder de entender e compreender todas as coisas. Em outras palavras, todos os tipos de luz estão relacionados com a inteligência e verdade.

Isto é consubstanciado pela revelação moderna, que nos ensina mais a respeito de Jesus Cristo, "aquele que subiu ao alto, como também desceu embaixo de todas as coisas, no sentido que compreendia todas as coisas, para que pudesse ser em tudo e através de tudo, a luz da verdade;

"A qual verdade brilha. Essa é a luz de Cristo. Como ele está no sol, e é a luz do sol, e é o poder pelo qual o sol foi feito.

"Como também ele está na luz, e é a luz da lua, e o poder pelo qual ela foi feita;

"Como também a luz das estrelas, e o poder pelo qual foram feitas;

"E também a terra, e o seu poder, sim a terra sobre a qual estais." (D&C 88:6-10.)

A luz de Cristo, portanto, compreende não só a luz espiritual como também a física, e é a chave para se entender a forma de energia representada pela luz que nos cerca.

Satanás é o ser iníquo que rouba a luz e verdade dos filhos dos homens através da desobediência e por causa das tradiçoes de seus pais. O Senhor, porém, ordenou-nos que criemos nossos filhos em luz e verdade. (Vide D&C 93:39-40.) O oposto da luz é trevas, e o oposto da verdade, mentira.

É importante entendermos bem a advertência do Profeta Morôni, quando diz: "... tende cuidado... a fim de que não julgueis ser de Deus o que é mau, ou que seja do demônio aquilo que é bom e de Deus.

"Pois, meus irmãos, dado vos foi julgar, a fim de que possais distinguir o que é bom do que é mau; e a maneira de julgar, para que tenhais um conhecimento perfeito, é tão clara como a luz do dia comparada com as trevas da noite.

"Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhe-



A presidência geral das Moças, a partir da esquerda: Presidente Elaine A. Cannon; Irmã Norma B. Smith, segunda conselheira; e Irmã Arlene B. Darger, primeira conselheira.

cer o que é bom e o que é mau; portanto, eu vos estou ensinando o modo de julgar; porque tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus.

"Mas tudo quanto persuade o homem ao mal e a não crer em Cristo, negando-o e não servindo a Deus, podeis considerar com certeza que é do demônio; pois é desta forma que obra o demônio, não persuadindo ninguém a fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos." (Morô. 7:4-17.)

O espírito dentro do homem é eterno, embora seu corpo atual seja mortal ou temporal. Por isso, o espírito tem mais poder que o corpo e é capaz de controlá-lo. Às vezes podemos induzir-nos a ficar doentes, assim como também podemos curar-nos da mesma forma. Porém, não é necessário permitir que o corpo e os apetites físicos controlem nossas ações. O espírito que existe em nós é mais poderoso que o corpo, e assim podemos usar esse espírito para nos comprometer com atos justos. Somos *capazes* de controlar o corpo e seus apetites. É ilusório dizer-se que fomos criados com tendências e apetites incontroláveis. Simplesmente não é verdade que as pessoas nascem com apetites e paixões tão fortes, que não têm poder sobre eles. Deus não seria um Deus justo, se criasse o homem com impulsos que não pudesse controlar.

Admito que algumas pessoas têm impulsos e apetites mais fortes que outras, mas continuo insistindo que Deus, que é justo, nos dotou de uma mente e vontade com as quais, querendo, conseguimos controlar e limitar essas paixões e apetites. Satanás não tem domínio sobre nós, enquanto não lho cedermos.

Admito que, com exceção do Salvador, pessoa alguma é capaz de, sozinha, ter domínio total sobre

seus apetites e paixões. Afirmo, porém, que com a ajuda de Deus, podemos aprender a controlá-los. Ao praticar retidão e nos achegar ainda mais a Deus, torna-se cada vez mais fácil resistir à tentação e viver de acordo com a luz e verdade emanadas de Jesus Cristo.

Venho pensando mais e mais sobre uma escritura que estou apenas começando a entender e que diz: "Portanto, na verdade vos digo que todas as coisas me são espirituais, e em tempo nenhum vos dei uma lei que fosse temporal; nem a homem algum, nem aos filhos dos homens; nem a Adão, vosso pai, a quem criei.

"Eis que eu concedi que ele fosse seu próprio árbitro; e lhe dei mandamentos, mas nenhum mandamento temporal lhe dei eu, pois os meus mandamentos são espirituais; não são naturais nem temporais, nem carnais, nem sensuais." (D&C 29:34-35.)

Começando a entender esta escritura, todo meu conceito da existência física e desse corpo físico está mudando.

Tomemos o pagamento do dízimo e ofertas como exemplo. Haverá qualquer coisa aparentemente mais temporal do que dinheiro ou qualquer outra oferta que possamos retirar da terra? No entanto, sendo uma lei de Deus, ela deve ter um fundamento espiritual ou uma razão eterna. Quando Deus nos desafia a pôlo à prova, se não nos abrirá as janelas dos céus (vide Malaquias 3:10), o que ele quer dizer? Está-se referindo apenas às bênçãos desta terra e à promessa de recompensa temporal que colheremos, se guardamos essa lei? Ou refere-se a algo espiritual, de natureza eterna, que, creio eu, é a revelação de luz e sabedoria emanada daquela janela aberta, permitindo comunicar nos com Deus e conhecer todas as coisas?

Ao dar-nos a Palavra de Sabedoria, estaria Deus pensando apenas nas bênçãos temporais de saúde e vigor decorrentes da obediência a essa lei? Deus fala também de "tesouros ocultos" de conhecimento (vide D&C 89:19), que, a meu ver, constituem um tesouro eterno que, se aproveitado, nos levará de volta ao calor e luz de Deus. Aqueles que ficarem nas trevas exteriores, no frio e miséria dessa existência, jamais hão de conhecer esse conforto.

Voltemos, pois, ao zero absoluto onde, teoricamente, não existe calor algum. Parece-me que Satanás e seus seguidores estão caminhando para a perda total de qualquer resquício de luz e verdade que ainda possuam, aproximando-se de um grau semelhante de escuridão e frio, e total ausência de alegria e felicidade.



Visitante da conferência.

O Chamado dos Profetas



Élder LeGrand Richards
do Quorum dos Doze Apóstolos

Tive o privilégio de cumprir quatro missões para a Igreja e isto me deu oportunidade de comparar os seus ensinamentos, conforme os recebemos pela restauração do evangelho através do Profeta Joseph Smith, com os preceitos de muitas outras igrejas. Como sou grato de ser membro desta Igreja.

Bem, só mencionarei um ou dois desses ensinamentos. Vejamos o que pudemos aprender da visitação do Pai e do Filho ao Profeta Joseph — que o Pai e o Filho são dois seres distintos e que são personagens reais, iguais a Jesus, quando ressuscitou dos mortos. Não existia uma única igreja no mundo que acreditasse num Deus desse tipo, quando o Profeta Joseph Smith teve a maravilhosa visão.

Depois, aprendemos que o casamento pode ser eterno e que este é o plano do Senhor. Quão grato sou por este princípio, pois me dá certeza de um dia voltar a estar junto de minha querida companheira que já se foi para os mundos eternos. Conforme disse, eu preferiria crer que a morte representa completa aniquilação de corpo e espírito do que pensar em viver por todas as eternidades sem a continuação dos laços afetivos que me ligam a minha esposa e nós dois à maravilhosa família que o Senhor nos concedeu.

Mais outra grande verdade que aprendemos através da restauração é que as crianças pequenas não devem ser batizadas. A idéia de que criancinhas precisam de batismo é um engano dos homens. Não se encontra em nenhum dos ensinamentos do Senhor pois Jesus tomava as criancinhas nos braços e as abençoava.

Ao debater algumas de nossas belas filosofias com pessoas de outras igrejas, muitas me diziam: "Nós poderíamos aceitar seus ensinamentos, mas não conseguimos acreditar em Joseph Smith como um profeta. "Tenho meditado bastante a respeito disso. Suponho ser quase impossível acreditar que Deus seria tão ingênuo a ponto de escolher um mero adolescente para introduzir a dispensação da plenitude dos tempos, segundo diz Paulo, na qual faria "convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". (Efé. 1.10.)

Isto abre a porta para a consideração de outro belo princípio, o princípio da existência pré-mortal dos espíritos, de que somos filhos literais de Deus, o Pai Eterno, e vivemos com ele antes de virmos para a terra.

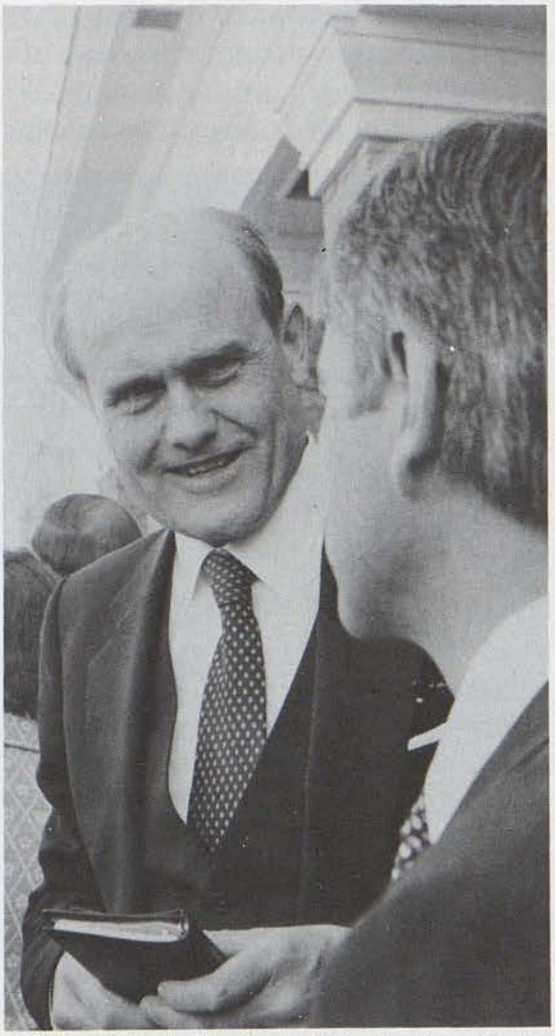
Diz o Apóstolo Paulo que o Senhor "de um só fez as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites de sua habitação". (Atos 17:26.) E mais: "Além do que, tive-

mos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem e os olhávamos com respeito; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, e viveremos?'' (Heb. 12:9.) Gosto de pensar no fato de que ele é meu Pai. Ao orar, Jesus não disse: ''*Meu* Pai que estás nos céus'', mas: ''Pai *nosso* que estás nos céus...'' (Mat. 6:9.) E isto é maravilhoso. É por isso que as crianças da Primária cantam: ''Sou um filho de Deus.''

O Senhor tem sua própria maneira de chamar profetas. Ele já os conhecia mesmo antes de nascerem na mortalidade. No Livro de Abraão conta que o Senhor se encontrava no meio dos espíritos e entre estes havia espíritos grandes e nobres — e não poderiam ser grandes e nobres não houvessem feito algo para se tornarem assim. O Senhor lhes disse: ''A estes farei meus governantes; ... Abrãao, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres,'' (Abr. 3.22-23.) Não é uma idéia maravilhosa? O Senhor postado entre os espíritos dos quais alguns se tornariam profetas aqui na mortalidade.

Lemos como Jeremias recebeu o chamado de profeta. Como não conseguia entendê-lo, o Senhor disse: ''Antes que eu te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta.'' (Jer. 1:5.) O Senhor não poderia tê-lo preordenado, se não existisse, e também não o teria escolhido, se não houvesse feito algo na vida espiritual que o preparasse para ser um dos porta-vozes de Deus aqui na terra. O mesmo se aplica ao Profeta Joseph Smith, e ainda voltarei a este ponto.

Aprendemos que houve uma guerra nos céus — que ''Miguel e seus anjos batalhavam contra o dragão'', e o dragão (ou Satanás) foi lançado na terra e ouviu-se o clamor: ''Ai dos que habitam na terra... porque o diabo desceu a vós e tem grande ira...' (Apo. 12:7-9,12.), e ''anda em derredor... procurando a quem possa devorar''. (I Ped. 5:8.) E é isto que ele vem fazendo. Arrastou consigo um terço das hostes celestes (vide Apo. 12:4.) e quando foram expulsos, levaram consigo o conhecimento que tinham no mundo espiritual, enquanto que nós perdemos temporariamente o que sabíamos, ao nascer na mortalidade.



O Elder F. Enzio Busche do Primeiro Quorum dos Setenta, conversa com um visitante.

Disse o Apóstolo Paulo: "Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos.

"Mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado...

"Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente como também serei plenamente conhecido." (I Cor. 13:9-10,12.)

Para mim, isto quer dizer que haverá uma completa restauração de tudo o que sabíamos quando vivemos no mundo espiritual, antes de virmos para a mortalidade.

A melhor ilustração de como perdemos nosso conhecimento, é a vida do Salvador. No primeiro capítulo do evangelho de João, lemos que no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

"Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

"Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. (João 1:1,3-4.)

Depois, continua: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai. (João 1:14.)

Segunda esta escritura, Jesus foi o criador de tudo; não obstante, quando nasceu na mortalidade, teve de aprender a andar e falar, exatamente como as outras crianças. Aos doze anos, encontramo-lo discutindo com os doutores no templo e mais tarde ele dizia: "... o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer." (João 5:19.)



Presidente Spencer W. Kimball cumprimantando membros do Conselho dos Doze no final de uma sessão da conferência.

Agora, como Satanás trouxe consigo o conhecimento que tinha no mundo espiritual, ele sabia contra quem teve de lutar na guerra dos céus, e por isso vem tentando destruir os profetas de Deus. É por isso que Jesus, contemplando Jerusalém do topo do Monte das Oliveiras, exclamou:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não o quiseste!

"Eis aí abandonada vos é a vossa casa.

"Pois... desde agora de modo nenhum me vereis, até que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor." (Mat. 23:37-39.)

Hoje estamos aqui, porque fomos enviados em nome do Senhor. Conforme disse Paulo:

"... a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus...

"... como ouvirão, se não há quem pregue?

"E como pregarão, se não forem enviados? (Rom. 10:17, 14-15.)

Nós fomos enviados.

Gostaria de ilustrar o que estou procurando explicar-vos. Quando Moisés nasceu, o demônio insuflou o Faraó a mandar matar todos os filhos varões de Israel. Milhares haviam nascido antes dele, mas Satanás sabia que era com Moisés que teria de haver-se. E todos sabemos como a mãe de Moisés o salvou, colocando-o num cesto entre os caniços do rio, e como a filha do Faraó o encontrou e criou.

Quando Jesus nasceu, Satanás insuflou Herodes a matar todas as crianças de Belém e territórios adjacentes, que tivessem menos de dois anos. Milhares de nascimentos se deram antes, mas Satanás sabia o perigo que Jesus representava para ele. O Salvador participara da guerra que resultou na expulsão de Satanás e um terço dos espíritos.

Quando Joseph Smith foi orar no bosque, um simples garoto de quatorze anos, foi dominado por um poder das trevas até sentir-se à beira da morte; porém, por meio de sua prece, finalmente uma coluna de luz desceu dos céus, e ele se viu livre do poder de Satanás. Satanás sabia que devia combater aquele homem, Joseph Smith, pois era um dos grandes e nobres que Deus, segundo dissera, faria seus governantes.

Lemos no Livro de Mórmon que, estando no deserto, Léhi contou ao filho José que o Senhor havia prometido ao outro José, que fora vendido no Egito, que nos últimos dias haveria de levantar um profeta dos seus lombos, assim como Moisés. (Vide 2 Néfi 3:6-9.) E afirmam-nos as sagradas escrituras, que não houve em Israel outro profeta igual a Moisés, pois andou e falou com Deus. (Vide Deut. 34:10.) Este é o profeta que o Senhor prometeu levantar dos lombos de José do Egito, três mil anos antes do nascimento de Joseph Smith. Disse então que seu nome seria José, assim como o do pai também; e disse ainda: "... a ele darei poder para... divulgar a minha palavra." (2 Néfi 3:11,15.)

O Profeta Joseph Smith trouxe-nos o Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios, Pérola de Grande Valor e muitos outros escritos. Pelo que demonstram nossos registros, ele nos deu mais verdade revelada do que qualquer outro profeta que

já viveu na terra. E disse o Senhor: "... não somente para divulgar minha palavra... mas para convencê-los da minha palavra que já terá sido levada a eles." (2 Néfi 3:11.) O que ele quis dizer com isso? Que entre todas as centenas de igrejas de homens — resultantes das interpretações humanas das escrituras, pois não conseguem entender-se, e elas continuam a multiplicar-se — o Senhor daria a esse novo profeta a capacidade de compreender as escrituras já concedidas aos homens.

Depois acrescenta: "(ele) guiará meu povo à salvação". (2 Néfi 3:15.) Por que? Porque receberia o santo sacerdócio, o poder de administrar as ordenanças salvadoras do evangelho. E prossegue: "E fá-lo-ei grande aos meus olhos." (2 Néfi 3:8.) Não importa o que o mundo possa pensar do Profeta Joseph Smith, nós temos a palavra do Senhor de que ele seria grande aos seus olhos.

Agora, gostaria de contar-vos uma pequena experiência tida no campo missionário e que ilustra o que penso que o Senhor quis dizer, quando declarou que o Profeta não só divulgaria sua palavra, mas também convenceria os homens das palavras divinas de que já dispunham.

Quando estava na Holanda, fui convidado a falar a um grupo de estudos bíblicos composto de empresários. A reunião foi na casa de um conhecido comerciante de móveis. Havia presentes uns vinte homens, cada um com sua Bíblia. A única mulher ali era a filha do dono da casa. Concederam-me uma hora e meia para falar a respeito da salvação universal, que abrange nossa obra vicária, a pregação no mundo espiritual e batismo dos vivos em favor dos mortos. Eu simplesmente indicava capítulo e versículo e deixava-os ler as passagens na própria Bíblia. Tendo terminado, fechei minha Bíblia e aguardei seus comentários.

O primeiro veio da filha do dono da casa: — Pai, simplesmente não entendo. Jamais participei de um grupo de estudos bíblicos em toda minha vida em que você não tivesse a última palavra. E hoje você não disse absolutamente nada.

O pai, sacudindo a cabeça, replicou: — Filha, não há o que dizer. Este homem nos ensinou coisas que nunca ouvimos antes, e ele o fez baseado em nossas próprias Bíblias.

E eu poderia contar-vos mais histórias como esta!

Deus vos abençoe! Agradecei a Deus pela restauração do evangelho através do Profeta Joseph Smith. Deixo-vos meu testemunho em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



Presidente Spencer W. Kimball.

As Grandes Coisas Requeridas de Seus Pais



Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

Quando o Senhor declarou que "a Satanás não é dado o poder para tentar as criancinhas até que se tornem responsáveis perante mim", revelou que esse período de infância e irresponsabilidade é concedido às crianças, para que "grandes coisas sejam requeridas de seus pais". (D&C 29:47-48.)

"Para que grandes coisas sejam requeridas de seus pais!" Quanta confiança o Senhor deposita nos pais, e que enorme responsabilidade lhes deu! Grandes coisas são requeridas hoje dos pais.

Pensando nos pais, lembro-me de Adão — progenitor de todos nós — que fielmente ensinou os caminhos da justiça a sua posteridade. Penso em Abraão, cuja fé não teve igual entre os pais mortais. Estimo Jacó, ou Israel, com um sentimento que beira a reverência por seu empenho e longanimidade. Honro o nome de Léhi pelo exemplo que deu aos filhos.

Com referência a esta dispensação, lembro-me de Joseph Smith Sr., primeiro a dar crédito ao testemunho de seu filho-profeta. Lembro-me do nobre exemplo de Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja e pai do décimo Presidente.

Reverencio esses nobres homens — não apenas por terem sido grandes profetas — mas porque foram grandes pais que compreendiam o que o Senhor deles esperava e agiram de acordo com essa expectativa.

Gostaria de, nesta ocasião, dirigir-me a vós, pais, e falar-vos sobre três coisas específicas que o Senhor requer de vós. São coisas que todo pai normalmente diligente consegue fazer. E, se as fizermos, nossos lares serão abençoados com paz, nosso nome será citado orgulhosamente entre nossos descendentes e nossos laços familiares poderão ser eternos.

Pais, que grandes coisas o Senhor requer de nós?

Primeiro, prover um lar em que possam habitar o amor e o Espírito do Senhor. As crianças nascem inocentes, não más. Entretanto, não são mandadas para um ambiente neutro na terra. São enviadas a um lar que, bem ou mal, influencia suas idéias, emoções, pensamentos e padrões pelos quais farão suas futuras escolhas.

Uma das grandes coisas que o Senhor requer de nós é provermos um lar em que exista uma influência positiva, prazerosa para o bem. No futuro pouca importância terá o preço dos móveis ou o número de banheiros existentes, mas importará, e muito, se as crianças sentiram amor e aceitação no lar. Importará bastante se havia risos e felicidade, ou brigas e contendas.

Estou convencido de que antes de os pais conseguirem influenciar beneficamente uma criança, ela precisa ter observado demonstração de respeito e amor.

Dizia o Profeta Joseph F. Smith: "Pais, se quereis que vossos filhos sejam ensinados nos princípios do evangelho... se quereis que sejam obedientes e unidos a vós, amai-os! e provai-lhes que realmente os amais através de todos os atos e palavras. Para vosso próprio bem, pelo



Visitantes da conferência passeiam pela praça do Templo.

amor que deve existir entre vós e vossos filhos, por mais geniosos que eles sejam, nunca os repreendais ou conversai com eles num momento de raiva; nunca o façais com rispidez ou com espírito de condenação. Falai-lhes gentilmente; descei até eles e chorai com eles se necessário, e fazei-os derramar lágrimas convosco, se possível. Abrandai vossos corações; fazei-os sentir amor por vós. Não useis o chicote, nem sejais violentos, mas... achegai-vos a eles com argumentos, com persuasão e amor não fingido. Se não conseguirdes conquistar vossos filhos através desses meios... não restará nenhuma outra maneira no mundo de poderdes conquistá-los." (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, p. 287.)

Poder-se-iam fazer muitas sugestões de como transformar nosso lar num local de refúgio e felicidade. Creio, entretanto, que mostrar a um homem o que se espera dele é mais importante do que prescrever exatamente o que deverá fazer.

Uma vez determinada como alta prioridade em vossa vida a felicidade de vossa esposa e filhos, então fareis tudo ao vosso alcance nesse sentido. Não falo apenas da satisfação de desejos materiais, mas do preenchimento de outras necessidades vitais como apreço, elogios, consolo, incentivo, atenção e demonstração de amor e afeto.

Se prazer te dá,
Tudo que teu filho faz,
Se o amas, gostas dele,
Mostra-o.

Não escondas teu apreço
Até que outros o dêem.
Se merece um elogio,
Faze-o.

Mais que fama e dinheiro
Vale o bom humor,

E a palavra aprovada
Dá prazer.

Se elogio merece
Não o deixes pra depois.
Com palavras de carinho
Prende-o a ti.

(Adaptado de Berton Bradley, "Do It Now", em *Best Loved Poems of the American People* sel. Hazel Felleman, Garden City, N. Y.: Garden City Publishing Co., 1936, pp. 108-9.)

A paternidade é vossa suprema oportunidada na vida! Estas palavras, dirigidas aos pais pelo Presidente David O. McKay, deveriam ser emolduradas por todo pai:

"Quando se colocam negócios ou prazeres, ou a conquista de ganhos adicionais acima do lar, naquele mesmo momento se inicia o enfraquecimento da alma. Quando para quem quer que seja, o clube se torna mais atraente do que seu lar, está na hora de ele confessar, com amarga vergonha, que deixou de estar à altura da suprema oportunidade de sua vida e fracassou na prova final da genuína masculinidade.

"A mais miserável cabana em que reina amor numa família unida é de muito mais valor para Deus e a humanidade futura do que quaisquer outros tesouros. Num lar assim, Deus consegue operar milagres e o fará. Corações puros num lar puro estão sempre muito perto do céu." (*Church News*, 7 de setembro de 1968, p. 4.)

Pais, qual é o espírito que reina em vosso lar?

Segundo: ensinar os filhos a compreender os princípios da verdade. Numa revelação ao Profeta Joseph Smith, o Senhor ordenou aos pais que criassem os filhos em luz e verdade, e repreendeu diversos deles por não o estarem fazendo. Todos nós faríamos bem em reler os princípios expostos na seção 93 a Joseph Smith Jr, Frederick G. Williams, Sidney Rigdon e Newel K. Whitney.

Nessa mesma revelação, o Senhor declara que Satanás, "pela desobediência e por causa da tradição de seus pais, vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade". (D&C 93:39.) A "tradição de seus pais" refere-se, obviamente, aos maus exemplos e ensinamentos dados pelos pais.

Não devemos esquecer-nos de que este mundo é uma esfera telestial, e nossos filhos crescem nesse meio-ambiente. Eles estão constantemente expostos a programas de televisão e filmes que apresentam o mais sórdido e perverso lado da vida. São constantemente bombardeados com *slogans* e propagandas destinados a induzi-los a práticas que lhes roubam es-



Dois membros da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, a partir da esquerda: Élder M. Russell Ballard, Élder Dean L. Larsen.

piritualidade. Até mesmo livros escolares e auxílios visuais utilizados nas escolas públicas apresentam teorias e, às vezes, mesmo mentiras como verdade.

Certos pais delegam à mãe ou à escola a total responsabilidade de moldar os conceitos e padrões da criança. E muitas vezes parece que é deixada à televisão e ao cinema moldar os valores de nossos filhos.

Não se deve presumir que nas escolas públicas são sempre reforçados os ensinamentos dados com respeito à conduta ética e moral. Temos visto introduzirem-se em muitas escolas idéias falsas sobre a teoria da evolução do homem de organismos vivos inferiores, da inexistência de valores morais absolutos, repúdio a todos os conceitos considerados sobrenaturais, permissividade sexual dando aprovação a comportamentos imorais e "estilos de vida alternativos", tal como lesbianismo, homossexualismo e outras práticas iníquas.

Tais ensinamentos tendem não só a solapar a fé e senso moral de nossos jovens, como negam a existência de Deus, promulgador de leis absolutas, e a divindade de Jesus Cristo. Certamente é bem patente a contradição moral de certas pessoas que lutam pela preservação de espécies animais em vias de extinção, mas sancionam o aborto de seres humanos.

Existe uma solução, e esta é que o Senhor espera grandes coisas dos pais de Israel. Os pais devem arranjar tempo para verificar o que os filhos estão aprendendo e tomar providências para corrigir as falsas informações e ensinamentos recebidos.

Conheço pais que conversam com os filhos todas as noites, verificando o que lhes está sendo ensinado na escola e o que precisa ser corrigido. Depois, se preciso, instruem-nos no que o Senhor revelou. Isto é aplicação do princípio de que "luz e verdade renunciam ao ser perverso". (D&C 93:39.)

O novo programa de reuniões combinadas aos domingos foi introduzido para permitir aos pais mais tempo no dia do Senhor para ensinarem os filhos. É uma excelente oportunidade para a família estudar as escrituras e receber instruções dos pais. Bendito o lar no qual isto é feito consistentemente.

O que devemos ensinar? O Senhor revelou especificamente o que os pais devem ensinar. Ouvi suas palavras: "... ensina a teus filhos, que todos os homens, em todas as partes, devem arrepender-se, ou de nenhuma maneira herdarão o reino de Deus, porque ali não pode morar coisa imunda, nem em sua presença (habitar)." (Moisés 6:57.)

Conforme se depreende ainda desta revelação, as doutrinas fundamentais abrangem a doutrina da queda, da missão de Cristo e sua expiação, e os primeiros princípios e ordenanças do evangelho, que incluem fé em Cristo, arrependimento, batismo para a remissão dos pecados e o dom do Espírito Santo como meio de santificar nossa vida. (Vide Moisés 6:58-59.)

Irmãos, devemos ensinar as doutrinas fundamentais da Igreja de tal maneira que nossos filhos consigam entendê-las. Certos pais ensinam, mas os filhos não os entendem. Isto impõe aos pais a responsabilidade de estudar e aprender o evangelho.

Com raras exceções, filhos e filhas justos que obtiveram bênçãos eternas não são gerados apenas fisicamente pelos pais. Eles foram espiritualmente regenerados pelos exemplos e ensinamentos paternos.

Grandes pais conduzem seus filhos a Cristo.

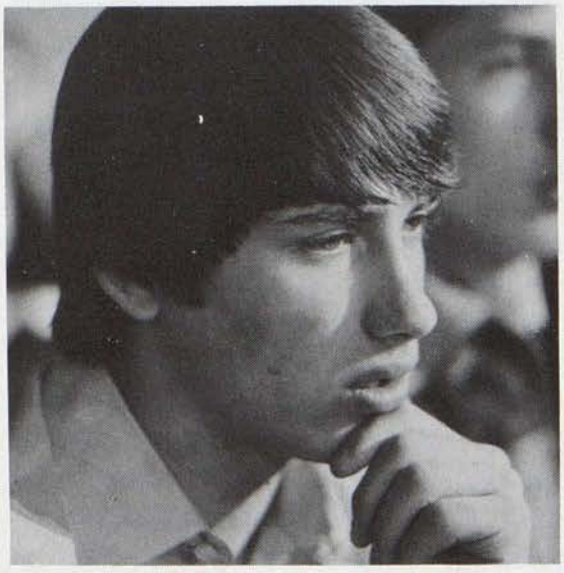
Terceiro, pôr em ordem a própria casa. Esta foi a recomendação do Senhor aos pais nos primórdios da Igreja e continua muito oportuna hoje!

Colocar a casa em ordem é guardar os

mandamentos de Deus, o que traz amor e harmonia no lar entre o casal, e entre pais e filhos. É oração familiar diária. É ensinar os familiares a compreenderem o evangelho de Jesus Cristo. É todos os familiares guardarem os mandamentos de Deus. É o casal fazer jus a uma recomendação para o templo, para que todos os familiares recebam as ordenanças de exaltação e a família seja selada para a eternidade. É estar livre de dívidas, e todos os membros da família pagarem honestamente o dízimo e as ofertas.

Pais,vosso lar está em ordem?

Numa revelação dada ao Presidente John Taylor, o Senhor dirigiu esta mensagem ao sacerdócio: "Conclamo os chefes de família a colocarem sua casa em ordem de acordo com a lei de Deus... e a se purificarem diante de mim, e a expurgarem sua casa de iniqüidades. E eu vos abençoarei e estarei convosco, diz o Senhor, e vós vos reunireis em vossos lugares santos onde vos congregais para clamar a mim, e pedireis as coisas que são justas e eu hei de ouvir vossas preces, e meu Espírito e poder estarão convosco, e minha bênção pousará sobre vós, vossa família, vossas habitações e vossas casas, sobre vossos rebanhos e manadas e campos, vossos pomares e vinhedos, e sobre tudo o que vos pertence; e sereis meu povo e eu serei vosso Deus; ... pois minha palavra irá avante e minha obra se completará e minha Sião será estabelecida." (*Revelation given through President John Taylor at Salt Lake City, Utah Territory, October 13, 1882,* typeset manuscript in Church Historical Department Archives, pp. 2-3.)



Visitante da conferência.

Sim, estes tempos, assim como o Senhor, requerem grandes coisas dos pais. Os três requisitos são: criar um lar em que possa reinar o amor, e o Espírito do Senhor possa habitar; criar os filhos em luz e verdade; e pôr a casa em ordem.

O sagrado título de "pai" é compartilhado com o Todo-Poderoso. Na Igreja, os homens são chamados e desobrigados. Alguma vez já ouvistes falar da desobrigação de um pai?

Quando vejo famílias fiéis em minhas viagens pela Igreja, digo: "Graças a Deus pelos pais e mães exemplares que temos." Ao observar jovens fiéis e me orgulhar de seus feitos, digo: "Graças a Deus pelos pais e mães diligentes que temos."

A paternidade não é uma questão de condição social ou situação financeira; é uma questão de desejo, diligência e determinação de ver nossa família exaltada no reino celestial. Perdendo este prêmio, nada mais importa.

Conheço uma família que tem por meta que todo membro dela e sua posteridade hão de chegar ao reino celestial — seu lar celeste — sem nenhum lugar vago. Eis o objetivo deles. Eles o reexaminam em toda reunião familiar e lembram-no freqüentemente nos encontros entre essas reuniões.

Deus abençoe todos os pais em Israel, para que façamos direito nosso trabalho entre as paredes de nosso lar. Com o auxílio do Senhor, havemos de cumprir com êxito essa nossa mais importante responsabilidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Oferta de Jejum: Cumprimento de nossa Responsabilidade para com o Próximo



Bispo Victor L. Brown
Bispo presidente

Ao dirigir-me a este numeroso grupo de irmãos do sacerdócio, nesta noite, eu o faço com humildade e uma prece em meu coração. Os dois assuntos que vou abordar foram-me designados. A introdução ao meu primeiro assunto está registrada no Velho Testamento nas palavras de Isaías:

"Acaso não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes ir livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo?

"Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres e desamparados? que vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?"

Quatro maravilhosas bênçãos são prometidas pelo Senhor àqueles que seguem a lei do jejum:

"Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará; e a tua justiça irá adiante de ti; e a glória do Senhor será a tua retaguarda.

"Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui...

"E se abrires a tua alma ao faminto, e fartares o aflito; então a tua luz nascerá nas trevas; e a tua escuridão será como o meio-dia.

"O Senhor te guiará continuamente, e te fartará até em lugares áridos, e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca falham." (Isaías 58:6-11.)

Com relação a esta escritura, declarou o Presidente Harold B. Lee:

"As enormes bênçãos provenientes (do jejum) têm sido especificamente declaradas em toda dispensação... Analisando... o capítulo 58 de Isaías, vereis por que o Senhor quer que façamos ofertas de jejum e por que quer que jejuemos. É porque assim qualificados, poderemos clamar a ele, e o Senhor poderá responder. Nós podemos clamar e o Senhor dirá: 'Eis-me aqui.' Gostaríamos de estar numa condição em que, clamando a ele, ele não responderia? Bradaríamos em nossa aflição, e ele não estaria conosco? Penso estar na hora de refletir sobre esses princípios fundamentais, porque dias virão em que necessitaremos mais e mais das bênçãos do Senhor, quando os julgamentos forem derramados indistintamente sobre a terra." ("Listen and Obey", Welfare Agricultural Meeting, 3 April 1971, copy of transcript, p. 14; Church Historical Library.)

O Presidente J. Reuben Clark tinha isto a dizer: "O princípio fundamental de toda obra assistencial da Igreja é que deve ser mantido pelas ofertas de jejum e outras doações e contribuições voluntárias. Esta é a ordem estabelecida pelo Senhor. O dízimo não é destinado primordialmente para esse propósito, não devendo ser utilizado exceto em caso de ex-

trema necessidade." (Citado por Marion G. Romney, "Our Primary Purpose", Welfare Agricultural Meeting, 3 de abril de 1971, copy of typescript, p. 8; Church Historical Library.)

A oferta de jejum é a lei financeira do Senhor dada para o benefício do pobre; há muitos anos sabe-se que deve representar o custo das duas refeições não ingeridas. Isto deriva da particularidade de que, nos primórdios da Igreja, os membros geralmente contribuiam com os gêneros realmente poupados no jejum. As condições eram tão desesperadoras, que dinheiro seria de pouca utilidade. Posteriormente, passou-se aparentemente a entender que um dólar por pessoa seria suficiente.

Entretanto, em anos recentes, dizia o Presidente Kimball com referência às ofertas de jejum: "Acho que devemos ser muito generosos, e, em vez da quantia que economizamos com as duas refeições de jejum, dar talvez muitíssimo mais — dez vezes mais, se estivermos em condições de fazê-lo." (Conference Report, abril de 1974, p. 184.)

É importante reconhecer que a oferta de jejum é uma doação voluntária, cujo valor cabe a cada pessoa determinar. Não é como o dízimo, que corresponde a dez por cento de nosso provento anual. O valor fica a critério da pessoa, mas ainda assim um profeta vivo disse que devemos ser muito generosos. Não seria maravilhoso, se nossa fidelidade gerasse fundos suficientes para financiar todo o sistema de armazéns?

Talvez as escrituras a seguir nos sirvam de guia para saber quão generosos deveríamos ser:

Primeiro, Doutrina & Convênios, seção 42, a partir do versículo 30. É uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith e referente à lei da consagração:

"E eis que tu te lembrarás dos pobres, e para seu sustento consagrarás das tuas propriedades, tudo quanto tens para dar, e fá-lo-ás com um convênio e promessa que não poderão ser violados.

"E se repartes com os pobres as tuas posses materiais, a mim o fazes; e elas serão postas diante do bispo de minha igreja e seus conselheiros...

"Portanto, o restante será conservado no meu celeiro, para ser administrado aos pobres e necessitados..." (D&C 42:30-31,34.)

O Senhor confirma este princípio seguidas vezes, inclusive em Doutrina & Convênios, seção 70, versículo 7:

"Contudo, se receberem mais do que o necessário para suas necessidades e carências, ao meu celeiro será dado."

Por certo vos lembrais também de quando certo homem perguntou a Jesus o que devia fazer para herdar a vida eterna, ele respondeu: "Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e tua mãe.

"Replicou o homem: Tudo isso tenho guardado desde minha juventude.

"Quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens e reparte-o com os pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me.

"Mas, ouvindo ele isso, encheu-se de tristeza, porque era muito rico.

"E Jesus, vendo-o assim, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

"Pois é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus." (Lucas 18:20-25.)

Novamente, Doutrina & Convênio nos ensina: "Pois é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável, como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as

minhas criaturas.

"Eu, o Senhor, estendi os céus e construí a terra, o trabalho de minhas próprias mãos; e todas as suas coisas são minhas.

"Mas é preciso que seja feito a meu modo; e eis que este é o modo que eu, o Senhor, decretei para prover pelos meus santos, que os pobres sejam exaltados no que os ricos são humilhados.

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, eu preparei todas as coisas, e permiti que os filhos dos homens fossem seus próprios árbitros.

"Portanto, se qualquer homem tomar da abundância que fiz e, de acordo com a lei do meu evangelho, não repartir a sua porção com os pobres e os necessitados, ele, como os iníquos, erguerá seus olhos no inferno, porque estará em tormento." (D&C 104:13-14,16-18.)

Gostaria de concluir meus comentários sobre ofertas de jejum com trechos de uma carta recebida anos atrás do Élder John H. Groberg, que na época presidia a Missão de Tonga.

"Anexo segue um cheque de US$ 1000, pelo excesso de ofertas de jejum da Missão de Tonga. Normalmente esta carta teminaria aqui, mas, devido a uma experiência que tive recentemente, gostaria de prolongar-me um pouco mais.

"Conforme sabe, ou talvez não, Tonga é um dos países financeiramente mais pobres do mundo. O salário médio por hora gira em torno de doze centavos de dólar, se tiver a sorte de ter um emprego...

"Recentemente, ao visitar uma das ilhas mais distantes e de acesso bastante difícil, fui à tardinha visitar uma irmã viúva de lá.

"Chegando a sua cabana, o sol ainda brilhava e não pude deixar de notar a pobreza em que vivia. Estivera chovendo horas antes. A lama e os detritos e o sempre presente odor de peixe posto a secar, a princípio foi repulsivo. Mas o calor da recepção — particularmente depois de anos de separação, e as lágrimas de gratidão pela visita há muito esperada, logo me fizeram esquecer o aspecto desagradável do local.

"Conversando com ela no idioma nativo, falou-me de seu apego e fé na Igreja, e de todas as bênçãos recebidas. Não pude deixar de pensar em suas condições aparentemente tão miseráveis... toda sorte de pensamentos passou-me pela mente e devo ter-me permitido divagar um pouco, quando subitamente me dei conta de que entre as frases sobre bênçãos, pobreza e serviço, ela fora até a cabana e agora voltava com algo embrulhado num trapo.

"Subitamente, como um raio de luz, vieram-me à lembrança as palavras 'ofertas de jejum'. Fiquei emocionado com a idéia surgida tão súbita e claramente, que imagine meu assombro e despreparo, quando tirou uma moeda correspondente a três centavos de dólar da trouxinha, dizendo baixo: 'Aqui está minha oferta de jejum... para ajudar os pobres.'

"Quis explicar-lhe que ela é que deveria receber ajuda das ofertas de jejum, não ao contrário. A explicação nunca se concretizou, pois, ao olhar através de lágrimas primeiro para a moeda, e a seguir para aquela boa irmã, toda a cena se modificou.

"A cabana era uma luminosa mansão, e a lama se transformara em ouro... O mundo parecia ter parado por um instante. A natureza inteira parecia estática, atenta às palavras confiantes vindas do céu que pareciam encher o universo: 'Bem-aventurados os humildes... porque deles é o reino dos céus.' (Mat. 5:3.)

"Quando o pôr-do-sol prenunciou o fim do dia, falou igualmente do fim imi-

nente daquela bela vida dedicada a servir.

"Aceitei a moeda e ao preencher este cheque, toda a experiência tomou novamente conta de meus pensamentos e pensei: 'Quantas moedas de três centavos fazem mil dólares?'"

Gostaria de incentivar todos os bispos presentes nesta noite, a se lembrarem dessa extraordinária viúva de Tonga ao ensinar a lei do jejum e abençoar os pobres com a sábia utilização desses sagrados fundos.

Na doce luz dessa experiência, gostaria de falar agora a respeito do orçamento de estacas e alas. Estamos preocupados com a difícil situação financeira por que estão passando muitos do nosso povo. Aos bispos, particularmente, cabe cuidar que os programas não se tornem muito dispendiosos, tornando-se, assim, um fardo financeiro para os membros.

É muito fácil presumir-se, como líder, que os outros dispõem dos mesmos recursos que ele. Permiti-me ilustrar o que disse, citando trechos de uma carta recentemente recebida de uma preocupada mãe.

"Em setembro, os jovens fizeram e venderam pizzas três noites por semana e aos sábados de manhã para levantar fundos para uniformes de voleibol. Houve festas em classe, o programa de Novos Inícios, oficiais de liderança e projetos de serviço da ala.

"Em outubro e novembro, houve treino de voleibol e outros jogos três noites por semana, um jantar da ala, uma Festa das Bruxas, um serão da estaca no meio da semana e um baile a caipira.

"Em janeiro, foram os treinos de basquete e outras modalidades para dar início ao programa de esportes, uma Noite de Padrões e um projeto de levantamento de fundos.

"Em fevereiro, além dos jogos de basquete, tem havido ensaios para o *show* ambulante três vezes por semana, um festival de esqui, outro de neve, um acampamento da estaca, uma oficina para terminar o projeto do Sesquicentenário, os quais ocuparam pelo menos vinte e dois dias do mês.

"Estou certa de não precisar prolongar-me mais nessa descrição. Porém, ainda há mais que deveria saber: Programados estão um "leilão de escravos"*, lavagem de carros, venda de ros-

**NT - Uma forma de leilão em que pessoas dão lances para obterem serviços de alguém.*





cas fritas, um projeto de telegrama musical, limpeza de gramados todos os sábados de manhã até o verão, a fim de levantar fundos para uma super-atividade em Idaho. Em maio, haverá uma excursão do Sacerdócio Aarônico para rapazes e moças, dois acampamentos de escotismo, além de programa ao ar livre das Abelhinhas e Lobinhos."

Estamos preocupados a ponto do Élder Gordon B. Hinckley ter abordado este assunto ontem à noite, numa reunião conjunta especial de representantes regionais e presidentes de estaca. Gostaria de citar apenas uma frase ou duas de seus comentários: "Gostaria de dizer que o sacrifício, quando necessário, é um importante aspecto do evangelho, a própria essência da verdadeira adoração. Porém, o sacrifício desnecessário, requerido para extravagâncias ou má administração, é maléfico." Vós, bispos, deveis esperar que vosso presidente de estaca queira reunir-se convosco assim que retornar da conferência, com o fim de avaliar o orçamento tanto da estaca como das alas. O orçamento da estaca, naturalmente, tem grande impacto sobre o das alas.

Existem determinadas áreas que deveríeis verificar com todo cuidado:

1. Despesas com energia elétrica: As luzes devem ser apagadas, quando as salas não estão em uso. Os equipamentos de ar condicionado e calefação só devem ser utilizados em caso de absoluta necessidade, ficando desligados quando o edifício ou parte dele não estiver em uso.

2. Despesas de zeladoria: Os serviços de zeladoria devem ser reexaminados no sentido de permitir que membros da ala se revezem para cuidar da limpeza geral e do terreno. Dessa forma, será possível reduzir as despezas de zeladoria remunerada com a redução de horas de trabalho e concentração de seus esforços na manutenção de equipamentos mecânicos e outras instalações mais complexas. Sobre este aspecto em particular, serão em breve emitidas instruções específicas.

3. Projetos de bem-estar: Todo projeto deve ser muito bem administrado para que dele se tire o máximo proveito na contribuição para o orçamento de produção de utilidades, para reduzir a necessidade de contribuições monetárias dos membros individuais da ala na satisfação desse compromisso.

4. Atividades: A norma atual prevê que o orçamento anual inclua todos os fundos para atividades de ala e estaca, e que não haja mais nenhum levantamento de fundos paralelo ao orçamento. As conferências e atividades dos jovens que requeiram viagens caras e extensas devem ser eliminadas.

Estes são apenas alguns meios de se reduzir o fardo financeiro do povo.

Obviamente nos estamos preparando para o dia em que a lei da consagração voltará a vigorar como lei financeira da Igreja, a qual nos permitirá cuidar devidamente dos pobres. Até então, é nossa responsabilidade e bênção — na verdade, nosso convênio — dar generosamente do que temos para o benefício dos pobres.

Damos ênfase à preparação pessoal e familar como primeiro princípio do programa de bem-estar. É, portanto, dever de todo presidente de estaca e bispo, que os membros não sejam sobrecarregados com exigências financeiras que acabarão por abalar sua segurança financeira e tornar-lhes impossível cuidar de suas próprias necessidades.

Que o Senhor nos abençoe para sermos mordomos sábios e sensatos, abençoando o povo com nossos ensinamentos e liderança, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Responsabilidade dos Portadores do Sacerdócio Aarônico



Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

Scott Hall é um moço extraordinário. Seu pai, Garth, é o treinador-adjunto do time de futebol americano da Universidade Brigham Young.

Recentemente, Scott pediu à mãe uma camisa branca.

— Mas você tem todas essas bonitas camisas de cor. Para que precisa de uma camisa branca?

— Mas eu preciso de uma.

— Por que? — insistiu a mãe.

— Porque sem ela não posso ser um missionário.

Scott tem dois anos de idade.

A história da expansão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias por todo o mundo não é só um milagre, mas "como a pedra que,... cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra". (D&C 65:2.)

Recentemente, uma família californiana, passando de carro por St. George em viagem de férias, sentiu-se atraída pela arquitetura insólita do templo. Deram uma volta em torno dele, admirando sua beleza. Como não tinham pressa, os pais entraram no centro de informações, enquanto as crianças foram sentar-se à sombra de uma árvore, do outro lado da rua, perto de nossa capela.

Uma professora saiu para chamar as crianças da Primária e, vendo as duas crianças ali sentadas, convidou-as a entrarem também. E elas foram.

Saindo do centro de informações, os pais se puseram a procura dos filhos. Depois de uma hora, finalmente as viram saindo da capela, e o pai reclamou:

— Estivemos procurando vocês por toda parte. Aonde andaram?

— Estivemos na Primária.

— Primária? O que é isso?

— Primária é onde a gente aprende sobre Jesus; e além disso, papai, o senhor não devia estar fumando!

O pai se engasgou, quase engolindo o cigarro. E comentou:

— Vamos embora, estamos atrasados.

As crianças atalharam: — Nós não podemos ir.

— Não podem ir? Por quê?

— Estamos numa peça.

— Uma peça?

— É isso mesmo, — responderam. — A peça é na semana que vem, e precisamos ficar aqui a semana inteira para ensaiar.

E a família ficou em St. George por uma semana!

As crianças ensaiaram; os pais ouviram o evangelho; e a família inteira foi batizada.

A veracidade de nossa mensagem — o impacto de nossa influência espiritual sobre corações *previamente preparados* — é a maior influência positiva no mundo.

Kevin Scott, um dos alunos mais

adiantados da Academia Naval de Annapolis, nos Estados Unidos, foi encarregado de presidir a mesa de refeições de dez aspirantes calouros, a fim de ajudar a treiná-los não só em táticas navais mas também em cortesia e disciplina.

Durante o jantar, Scott solicitou a todos os calouros que citassem seu nome completo, cidade de origem e estado natal. Um dos calouros respondeu:

— Aspirante Ernest Ward Sax, senhor, da Cidade de Lago Salgado, Utah.

O Sênior Scott indagou: — Você é mórmon?

— Sou sim, senhor.

— Quer dizer que você não fuma, nem toma café ou álcool?

— Não, senhor.

— Você tem um Livro de Mórmon?

— Sim, senhor.

— Você já o leu?

— Sim, senhor.

— Poderia emprestá-lo para mim?

— Sim, senhor.

Foi o começo de uma amizade com troca de livros e folhetos entre o jovem aspirante Sax, da Cidade do Lago Salgado, e o Sênior Scott, da Carolina do Norte.

Kevin Scott é agora um tenente da Marinha, graduado em Annapolis, em treinamento de vôo na Flórida. O recém-batizado Kevin Scott é líder da missão da ala, a "força motora" do trabalho missionário da unidade. Agora, ele testifica a outros da restauração do evangelho e incentiva entusiasticamente nossos membros a divulgarem a mensagem.

O aspirante Ward Sax, agora em seu segundo ano em Annapolis, é filho de uma dedicada família mórmon, um moço que honra suas responsabilidades sacerdotais.

Ao contemplar o mapa do mundo — sua vastidão, seus bilhões de habitantes — e ponderar a responsabilidade que nosso Senhor confiou aos jovens portadores do Sacerdócio Aarônico, maravilha-me a forma exata como ele colocou cada um de vós em famílias ou condições especiais neste determinado tempo.

A América, bem como todos os países do mundo, necessita desesperadamente de uma geração de jovens paladinos — paladinos da verdade, honestidade, pureza, elevados padrões morais, de fé num Deus vivente.

Nosso Senhor aconselha-nos: "... buscai primeiro o seu reino (de Deus) e a sua justiça, e todas... (as) coisas vos serão acrescentadas". (Mat. 6:33.) Ao estudar as escrituras, orai para entendê-las e vivei em harmonia com seus ensinos inspirados; assim crescereis em sabedoria e força.

Vós sois portadores de sagradas chaves, direitos e responsabilidades do sacerdócio. O mundo conturbado está esperando ouvir algo de vós. O que ireis dizer? Como o direis? O mundo perceberá que conheceis com certeza o caminho que seguis?

Paulo ensinou ao seu jovem amigo Timóteo: "Porque Deus não nos deu o espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação." (II Tim. 1:7.)

O Senhor pôs em nossas mãos o divino poder e autoridade de agir em todas as coisas, de pregar o evangelho e realizar as ordenanças de salvação, pelas quais os homens são selados para a vida eterna. Vós



Élder Benjamin Crosby Sampson-Davis, um dos primeiros missionários de tempo integral chamado do oeste da África.

sois diferentes do resto do mundo.

Enquanto Joseph Smith traduzia o Livro de Mórmon, tendo Oliver Cowdery como escrevente, eles foram orar no bosque e inquirir o Senhor a respeito do batismo. Enquanto clamavam ao Senhor, um mensageiro do céu desceu em uma nuvem de luz, e, impondo as mãos sobre eles, ordenou-os, dizendo: "A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da administração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados." (Joseph Smith 2:68-69.)

Joseph Smith recebeu então ordem de batizar Oliver Cowdery, e Oliver Cowdery de batizar Joseph Smith. A seguir, foi-lhes conferido o Sacerdócio Aarônico.

O mensageiro celeste disse "que seu nome era... João Batista... e que ele agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que tinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque... que, declarou... seria, no devido tempo, conferido a "Joseph e Oliver." (Vide Joseph Smith 2:72.)

Vós tendes a mesma sagrada autoridade para pregar o arrependimento, batizar, administrar o sacramento, auxiliar o bispo a cuidar dos que necessitam de incentivo especial.

Nosso Senhor tem usado jovens de vossa idade de muitas maneiras miraculosas.

Jesus ensinou e confundiu os sacerdotes do templo, quando tinha apenas doze anos.

David, o jovem pastor, tendo plena fé em Deus, enfrentou o gigante filisteu Golias no campo de batalha. Com o coração em prece e sem te-

mor, Davi, tirando uma pedra do alforje, atirou-a com uma funda, atingindo Golias bem no meio da testa. Golias foi ao chão. A fé e a coragem de um simples rapaz salvou os israelitas. (Vide I Sam. 17.)

Aos quatorze anos de idade, Joseph Smith leu em Tiago: "... se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus... e ser-lhe-à dada." (Tiago 1:5.) Mais tarde, ele declarou:

"Nunca uma passagem de escritura veio com mais poder ao coração do homem... Parecia ter penetrado com grande força em todas as fibras do meu coração...

"... retirei-me para um bosque...

"... ajoelhei-me e comecei a oferecer o desejo de meu coração a Deus." (Joseph Smith 2:12,14-15.)

Assim, tiveram início os acontecimentos que levaram à restauração da Igreja de Jesus Cristo, quando Deus, o Pai, e o Filho apareceram ao menino Joseph.

Queridos jovens amigos, muito do nosso futuro depende de vós. Vós sois necessários — não fracos, mas fortes. Sois capazes de levantar bem alto o facho de luz no mundo obscurecido, ao testificardes do Deus vivo.

Podeis contar com nosso amor e incentivo. Acreditamos em vós. Não estamos alheios a vós e vossos desafios. Passamos pelas mesmas experiências. Namoramos garotas encantadoras e sabemos que a convivência com elas pode ser uma experiência edificante, salutar e muita bela.

Vivei de modo que vossas lembranças sejam uma bênção para toda vossa vida. Vivei para o dia glorioso em que entrareis no santo templo para receber bênçãos e alegria eterna. Resisti às tentações e pressões dos que querem desencaminhar-vos, que querem que proveis drogas ou bebidas alcoólicas. Vós sabeis quão prejudiciais são para vosso corpo e depois para vosso espírito. Vós sois diferentes. Pornografia, literatura e filmes impróprios, linguajar profano e música insinuante não devem fazer parte de vossa vida. São capazes de destruir-vos.

Sabemos estar vivendo num mundo voltado para a busca do divertimento, da excitação, bens materiais, gratificação imediata e de viver apenas para o presente. Criai a força para adiar a gratificação — para entender que há tempo e ocasião próprios para tudo, e que o amadurecimento é um processo integrado no plano eterno de Deus.

Lembramo-vos os valores e verdades que são eternos, infinitos — como "dever, verdade, justiça e misericórdia". Eles "tornam-se o sistema de medida para as decisões... O caminho reto e justo é o mais curto e seguro." (Walter Lippman, "The Fascination of Greatness", *New York Herald Tribune*, 7 de set. de 1943.)

Depois da sensacional vitória da Universidade de Brigham Young sobre Notre Dame no basquete, este ano, perguntaram ao pai de Danny Ainge se seu filho romperia seu contrato de jogador profissional de basebol por uma oferta melhor no basquete, ao que ele replicou:

— "Danny tem um contrato. Honradez e integridade são mais importantes que dinheiro."

Jesus ensinou: "Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo intei-

ro e perder sua vida?" (Marcos 8:36.)

Cabe unicamente a vós edificar vosso caráter. A vida é uma competição, não com os outros, mas com o próprio eu. Devemos procurar, dia após dia, levar uma vida mais vigorosa e justa; vencer, todos os dias, alguma fraqueza; diariamente reparar um erro, dia a dia ultrapassar o próprio eu.

Tempos atrás, o neto do Élder Howard W. Hunter acompanhou o pai ao acerto do dízimo. O bispo, externando sua satisfação com o desejo do garoto de pagar o dízimo honestamente, perguntou-lhe se acreditava que o evangelho é verdadeiro. E o pequeno de sete anos, tendo pago quatorze centavos (de dólar) de dízimo, disse achar que o evangelho era verdadeiro, "mas que, sem dúvida custava muito dinheiro".

Aprendemos na juventude a pagar honestamente o dízimo. O Senhor requer um décimo do que ganhamos. Se trabalhais como empacotador num supermercado, o dinheiro que recebeis em cada décimo pacote que levais até o carro, pertence ao Senhor. Pagai o dízimo mensal ou semanalmente, conforme vosso regime de recebimento. Jamais fiqueis devendo ao Senhor. Honrando rigorosamente esse mandamento, recebereis inúmeras bênçãos temporais e espirituais.

O futebol chegou tarde a nossa cidade rural. A diretoria da escola não dispunha de dinheiro para o equipamento nem para um treinador. Então chegou o grande dia. O diretor do colégio conseguiu comprar doze uniformes baratos, exceto as chuteiras, por isso usamos tênis de basquete. O treinador foi escolhido entre o corpo docente, por haver assistido a uma partida de futebol. Era o melhor que conseguimos. Ninguém mais sabia coisa alguma a respeito de futebol americano.

Aprendemos algumas jogadas simples, como bloquear o jogador adversário que carrega a bola — ou pelo menos, achávamos — e partimos para nosso primeiro jogo em



Presidente Marion G. Romney, á esquerda, Presidente N. Eldon Tanner da Primeira Presidência, cumprimentam os Élderes Howard W. Hunter e Gordon B. Hinckley do Conselho dos Doze.

Twin Falls, contra o campeão estadual de Idaho, no ano anterior.

Enfiamos os uniformes e fomos para o campo fazer aquecimento. A banda de nossos adversários se pôs a tocar (eles tinham mais gente na banda do que nós, estudantes, na escola inteira) e então entrou o time deles. Nós doze — um time completo de onze mais um substituto geral — ficamos observando assombrados enquanto continuavam a passar pelo portão — trinta e nove em uniforme completo.

A partida foi sumamente interessante! Chamá-la de experiência de aprendizagem não seria bem apropriado. Depois de duas jogadas, nenhum de nós tinha o mínimo desejo de ficar com a bola — por isso a gente chutava, e imediatamente eles faziam gol. Quando a bola era deles, eles faziam uma exibição e tanto. Nosso problema era livrar-nos da bola — era bem menos doloroso.

Nos minutos finais, a partida tornou-se um pouco temerária. Um passo violento acabou nas mãos de Clifford Lee, que jogava de médio comigo. Assustado, não sabia bem o que fazer — até ver uns gigantes do time contrário e que jogavam como profissionais, correndo atrás dele. Então soube o que fazer. Ele era bom corredor. Não estava correndo em busca de pontos, mas pela vida! Clifford conseguiu lançar a bola atrás da linha do gol adversário — seis pontos para nós. Contagem final — 106 a 6! Na verdade, não merecemos aqueles seis pontos, mas os aceitamos, mesmo com nossas roupas rasgadas e machucados.

Uma experiência proveitosa? Obviamente! Tanto o indivíduo como um time precisam estar preparados. Em todas as coisas, o sucesso depende da preparação.

Meu pai era nosso bispo, mas faleceu antes de eu receber o sacerdócio. Lembro-me tão claramente de quando fui ordenado diácono. Um novo mumdo abriu-se para mim. Agora eu vivia num plano superior. Quando ouvia as pessoas dizerem: "Agora você porta o sacerdócio", eu não entendia muito bem. Mas, com o auxílio de bons mestres, começamos a entender que, como diáconos, havíamos recebido as bênçãos e autoridade para fazer coisas sagradas.

Como oficiais do quorum, éramos responsáveis por todos os nossos membros e cuidávamos de que todos viessem às reuniões. Gostávamos de estar juntos. Rachávamos lenha para os idosos e viúvas, carregávamos carvão na capela, cuidávamos da limpeza todos os sábados, varrendo as escadas, passando o ancinho no pátio, verificando se as toalhas do sacramento estavam limpas e bem passadas; tínhamos orgulho de que nossa pequena capela se apresentasse impecável.

Éramos parte da Igreja, e a Igreja parte de nós. Nós o sabíamos, sentíamos! Éramos portadores do sacerdócio de Deus! Mestres compreensivos nos orientavam e ampliavam nossa visão das crescentes responsabilidades e encargos de um rapaz; porém, o mais importante, ajudavam-nos a nos preparar para sermos chamados de servos de nosso Salvador, em nossa juventude. Ele precisa de cada um de vós, jovens portadores do sacerdócio. Eu vos testifico que esta obra é verdadeira, e o faço humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Convênios do Evangelho



Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Meus amados irmãos, na reunião do sacerdócio da conferência de outubro, falamos a respeito do "Juramento e Convênio que Pertencem ao Sacerdócio". (Vide *A Liahona*, março de 1981, p. 62.) Hoje à noite, pretendo chamar vossa atenção para alguns convênios específicos que todo portador do sacerdócio deve honrar.

Dizendo a William E. M'Lellin: ".. bem-aventurado és tu por teres recebido o meu eterno convênio, a plenitude do meu evangelho" (D&C 66:2), o Senhor identifica o evangelho como o grande e supremo convênio que tudo abrange. Na verdade, ele próprio o apresentou como tal a nós, seus filhos espirituais, no grandioso conselho realizado nos céus, antes da existência da terra. Postado entre nós, naquela assembléia pré-mortal, "disse aos que se achavam com ele: Desceremos... e faremos uma terra onde estes possam morar;

"E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;

"E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardaram seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre." (Abr. 3:24-26.)

No referido conselho, um terço dos espíritos rejeitou o convênio do evangelho.

Todos os que quiserem a prometida recompensa de que "os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre", têm de aceitar e cumprir os convênios do evangelho.

O Senhor fez um convênio especial com Abraão, quando disse:

"E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei sobremaneira e farei teu nome grande entre todas as nações, e serás uma bênção a tua semente depois de ti, para que em suas mãos levem este ministério e sacerdócio a todas as nações;

"E eu os abençoarei através do teu nome; pois quantos receberem este evangelho, serão chamados segundo teu nome, e serão contados entre tua semente, e se levantarão e te abençoarão, como seu pai;

"E eu abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti... e em tua semente... serão abençoadas todas as famílias da terra, mesmo com as bênçãos do evangelho, que são as bênçãos da salvação, até mesmo de vida eterna." (Ab. 2:9-11.)

Desde aí, a posteridade de

Abraão, através de Isaque e Jacó — com que foram renovados esses convênios — sempre foi conhecida pelos que compreendem o evangelho como "filhos do convênio".

O primeiro convênio do evangelho que nós, mortais, celebramos com o Senhor é o do batismo. Alma explica a natureza desse convênio, quando ele e outros que creram nos ensinamentos de Abinadi fugiram para o deserto, reunindo-se no "lugar chamado Mórmon".

Ali, Alma lhes disse: "Eis que estas são as águas de Mórmon... e agora, como desejais entrar no rebanho de Deus, e seu povo ser chamado, e estais dispostos a carregar mutuamente o peso de vossas cargas...

"... e estais dispostos a chorar com os que choram; confortar os que nescessitam de conforto e servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar... mesmo até a morte, para que sejais redimidos por Deus... para que tenhais a vida eterna —

"... o que vos impede de ser batizados em nome do Senhor, como testemunho perante ele de que haveis feito convênio com ele de servilo e guardar seus mandamentos, para que possa derramar seu Espírito com mais abundância sobre vós?" (Mosiah 18:7-10.)

Nesta dispensação, o Senhor nos declarou os termos do convênio do batismo em Doutrina & Convênios, seção 20, versículo 37, conforme segue:

"*E outra vez, como mandamento à igreja com respeito ao modo de batizar* — Todos os que se humilharem diante de Deus e desejarem batizar-se, e vierem com corações quebrantados e espíritos contritos, testificando diante da igreja que se arrependeram verdadeiramente de todos os pecados e estão dispostos a tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, com o firme propósito de servilo até o fim, e manifestam verdadeiramente por suas obras que receberam o Espírito de Cristo para a remissão de seus pecados, serão recebidos por batismo em sua igreja."

Recebemos mais outra instrução do Senhor:

"E para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado." (D&C 59:9.)

As orações sacramentais — ditadas pelo próprio Senhor — devem recordar-nos constantemente os convênios do evangelho que fizemos com ele. As duas orações são bastantes semelhantes. Diz a do pão:

"Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu Filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este pão para as almas de todos os que partilharem dele, para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho e testifiquem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito. Amém." (D&C 20:77.)

Muitos mandamentos do Senhor são postos em forma de convênio com bênçãos específicas — o dízimo, por exemplo: "Eis que o tempo compreendido entre o presente e a



vinda do Filho do Homem se chama hoje, e na verdade este é um dia de sacrifício, e um dia para o dízimo do meu povo; pois aquele que paga seu dízimo não será queimado na ocasião de sua vinda." (D&C 64:23.)

"E digo-vos, se meu povo não observar esta lei, para conservá-la sagrada, e por ela não santificar a mim a terra de Sião... ela não vos será terra de Sião." (D&C 119:6.)

Estes pronunciamentos deixam claro que o não cumprimento do convênio do dízimo implica perda de grandes bênçãos. Por outro lado, se os cumprirmos, as bençãos serão imensas.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se

eu vos não abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós tal bênção, que dela vos advenha a maior abastança.

"Por amor de vós também reprovarei o devorador, e ele não destruirá os frutos de vossa terra; nem vossa vide no campo lançará o seu fruto antes do tempo, diz o Senhor dos Exércitos." (Mal.3:10-11.)

Outro exemplo é a Palavra de Sabedoria que igualmente promete uma bênção especial:

"Eis que na verdade, assim vos diz o Senhor: Devido a maldades e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias, eu vos avisei, e de antemão vos aviso, por meio desta palavra de sabedoria, dada por revelação —

"Eis que não é bom, nem aceitável diante de vosso Pai, que alguém entre vós tome vinho ou bebida forte...

"E novamente, bebidas fortes não são para o ventre, mas para lavar vossos corpos.

"E novamente, tabaco não é para o corpo, nem para o ventre, e não é bom para o homem, mas é uma erva para machucaduras e todo gado doente, para ser usado com discernimento e perícia.

"E novamente, bebidas quentes não são para o corpo, nem para o ventre...

E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para seu umbigo, e medula para os seus ossos;

"E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

"E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.

"E eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará." (D&C 89:4-5,7-9,18-21.)

Por certo vos lembrais de que foi necessário o "anjo destruidor", mencionado nesta escritura, afligir mortalmente os primogênitos dos homens e animais em todo o Egito, a fim de persuadir o Faraó a deixar que Israel partisse.

Nas escrituras modernas, anjos destruidores são mencionados diversas vezes. Dois anos antes de a promessa da Palavra de Sabedoria ser dada, o Senhor disse que "os anjos (estavam) à espera do grande comando para ceifar a terra, para colher o joio para que seja queimado." (D&C 38:12.)

O cumprimento dos convênios que fazemos com o Senhor qualifica-nos para entrar no templo e ali receber as ordenanças e convênios essenciais para a exaltação, inclusive o novo e eterno convênio do casamento para a eternidade.

Que o Senhor nos ajude a todos a magnificar nossos chamados no sacerdócio, provando-nos fiéis a todo convênio, mandamento e obrigação a que estamos sujeitos, eu oro humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Prestar Serviço ao Próximo



Presidente Spencer W. Kimball

Meus caros irmãos, eu vos saúdo aqui reunidos no Tabernáculo de Lago Salgado e em centenas de outros locais espalhados pelo mundo. Estamos muito satisfeitos com a excelente liderança exercida pelos portadores do sacerdócio da Igreja — em todos os níveis! Ao magnificar nossos chamados no sacerdócio, espero que todos nos lembremos sempre de que a Igreja é um apoio para a família. A Igreja não substitui a família nem deve procurar fazê-lo. Ela foi organizada para ajudar a criar e suster famílias, bem como indivíduos justos.

Neste contexto, irmãos, esperamos que deis atenção às vossas próprias necessidades e reserveis parte de vosso precioso tempo para vossa esposa e família. Cuidai também de vossos companheiros no trabalho da Igreja, para que não sejam privados desnecessariamente do convívio com seus familiares.

Evitai a tendência de marcar reuniões demais para um único dia do Senhor. Procurai tornar vossas reuniões regulares tão espirituais e eficazes quanto possível. As reuniões não precisam ser apressadas nem corridas, pois podem ser planejadas de modo que seus sagrados propósitos sejam atingidos sem dificuldade.

O programa de reuniões combinadas foi implantado principalmente para que as famílias dispusessem de mais horas juntas no dia do Senhor. Portanto, reservai tempo para estar com vossa família, conversar com ela, estudar as escrituras, visitar amigos e parentes, enfermos e pessoas solitárias. É também uma excelente ocasião para cuidar de vosso diário e genealogia.

Não negligencieis aqueles entre vós que não possuem a bênção de viver numa família tradicional. Trata-se de almas especiais, que muitas vezes têm necessidades especiais. Não permitais que se isolem de vós ou das atividades de vossa ala ou ramo.

Meus queridos irmãos, particularmente vós que presidis estacas, alas ou ramos. Gostaria de reiterar um apelo na reunião do sacerdócio da conferência de outubro de 1980.

Por favor, interessai-vos particularmente pelo fortalecimento e melhoria do ensino na Igreja. O Salvador encarregou-nos de apascentar suas ovelhas. (Vide João 21:15-17.) Temo que, com demasiada freqüência, muitos de nossos membros chegam à capela, assistem a uma aula ou reunião e depois voltam para casa tão desinformados como vieram. Isto é particularmente lamentável, quando acontece numa ocasião em que estão passando por um período de desânimo, tentação ou crise familiar. Todos nós precisamos ser tocados e alimentados pelo Espírito, e um bom ensino é uma das mais importantes formas de isso acontecer.

Regularmente nos empenhamos num vigoroso trabalho de reativação, procurando trazer os membros de volta à Igreja. Porém, muitas vezes não cuidais do que eles receberão, quando comparecerem.

Irmãos, conforme deveis recordar, hoje pela manhã me referi a nossa recente visita às Ilhas das Caraibas e ao maravilhoso trabalho missionário feito por alguns irmãos associados aos setentas, nos curtos dois anos desde que abrimos essas ilhas para a pregação do evangelho.

Houve um incidente em São Domingos que não tive tempo de contar. Acho que vou fazê-lo agora.

Realizamos uma reunião geral à noite, em São Domingos, capital da República Dominicana, na qual estavam presentes umas mil e seiscentas almas. Não pensávamos que houvesse tanta gente filiando-se à Igreja nesse país.

Cerca de uma hora após o término da reunião, chegou um ônibus trazendo uns cem membros do Ramo Puerto Plata; haviam-se atrasado por causa de problemas mecânicos no ônibus. Em condições normais, teriam feito a viagem em quatro horas, mas quando finalmente chegaram, eram dez horas da noite, encontrando o salão escuro e vazio. Muitos choraram de desapontamento. Eram todos conversos, alguns batizados havia poucos meses, outros algumas semanas ou dias.

A Irmã Kimball e eu nos havíamos deitado ao fim de um dia longo e cansativo. Ao ser informado do problema aflitivo daquelas almas fiéis, meu secretário resolveu nos acordar. Desculpou-se por nos perturbar, mas achou que eu gostaria de saber do atraso e talvez quisesse ditar uma mensagem pessoal para eles. Achei que não bastaria, nem seria justo para quem havia vindo de tão longe em condições tão precárias — cem pessoas apinhadas num único ônibus velho que não conseguira agüentar a viagem. Levantei, vesti-me e desci ao encontro



Três jovens assistindo à conferência.

dos membros que haviam feito tamanho esforço para colher apenas desapontamento. Os santos continuavam chorando, quando entramos no salão, e assim passei mais de uma hora falando com eles.

Eles pareceram sentir-se aliviados e satisfeitos, e a seguir retomaram o ônibus para a longa viagem de volta. Tinham que estar em casa pela manhã, para o trabalho ou para a escola. Aquela boa gente pareceu-me tão contente com uma breve conversa, que simplesmente não consegui desapontá-los. Ao voltar para a cama, fi-lo com uma sensação de paz e contentamento em minha alma.

Irmãos, todos nós temos oportunidade de servir ao próximo. É este o nosso chamado e nosso privilégio. Satisfazendo as necessidades alheias, estamos cônscios das palavras do Senhor: "Em verdade vos digo, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.)

Irmãos, podemos recomendar-vos outro assunto que nos preocupa? Ao solicitar contribuições dos santos, com respeito a dízimos e ofertas de jejum, falamos, mais do que às vezes costumamos fazer, em termos das bênçãos que receberemos, se guardarmos os mandamentos e cumprirmos nosso dever. De tempos em tempos, temos notícias de pressões indevidas que acompanham os pedidos financeiros feitos aos membros da Igreja.

Isto é um assunto de suma importância. Nesta época de inflação e desassossego político e emocional, nossa gente de toda parte está enfrentando difíceis experiências e provações. A prudência e a sabedoria não apenas sugerem mas ordenam que tomemos providências para aumentar e administrar prudentemente nossos recursos. Não devemos sobrecarregar a nossa gente. Tendo isto em mente, a Primeira Presidência redigiu uma carta que foi liberada ontem, na qual expomos a preocupação da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze com relação ao crescente fardo financeiro imposto aos membros da Igreja, além do pagamento do dízimo e ofertas de jejum. Anexamos à carta algumas diretrizes destinadas a ajudar a liderança de ala, estaca e missão a cumprir essas recomendações e instrução. Instruímos os representantes regionais dos Doze a darem imediato atendimento e aplicação a esse assunto.

Aprendamos como indivíduos, famílias, como alas e estacas a viver dentro de nossos recursos. Existe força e salvação neste princípio. Disse alguém que somos ricos em proporção àquilo que conseguimos dispensar. Como famílias e como Igreja, podemos e devemos prover o *realmente essencial* para nosso povo, mas devemos ter o cuidado de não ultrapassar o essencial ou destinado a propósitos não diretamente ligados ao bem-estar de nossa família e missão fundamental da Igreja.

Eu vos amo, meus irmãos, jovens e idosos, e estou grato por vossa fé e vosso devotamento à causa da retidão, à causa do Mestre. Expresso-vos meu afeto e deixo minha bênção convosco. E oro ao Pai Celeste que vos abençoe a vós, vossos familiares, vosso lar e vosso trabalho. Deus vos abençoe, paz seja convosco, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Longa Fila dos Solitários



Élder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

Hoje não desejo fazer nenhum sermão nem apresentar uma mensagem formal, mas simplesmente compartilhar convosco pensamentos meus dos mais íntimos. O Presidente David O. McKay costumava chamá-los de "pétalas d'alma". Vou desvendar-vos uma janela de minha alma.

A epístola de Tiago há muito vem sendo para mim uma das escrituras prediletas da Bíblia Sagrada. Acho sua breve mensagem muito comovente e cheia de vida. Não há quem não saiba citar aquela conhecida passagem: "...se algum de vós tem falta de sabedoria , peça-a a Deus que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada." (Tiago 1:5). Todavia, quantos de nós nos lembramos desta definição de religião? "A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo." (Tiago 1:27.).

A palavra *viúva* parece ter um sentido muito significativo para nosso Senhor. Ele admoestou seus discípulos a não imitarem os escribas que com seus longos trajes e orações sem fim, aparentavam retidão, mas apossavam-se das casas das viúvas. (Vide Marcos 12:38,40.).

Aos nefitas fez esta advertência direta: "E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os... que oprimem... a viúva..." (3 Néfi 24:5.).

Ao Profeta Joseph Smith, ele disse: "E o celeiro deverá ser conservado pelas consagrações da igreja; e as viúvas e os órfãos assim como os pobres, serão amparados." (D&C 83:6.).

Esses ensinamentos não eram novidade então. Não são novidade hoje. O Mestre ensinou consistentemente, pelo exemplo, seu interesse pelas viúvas. Compadeceu-se da viúva de Naim, cujo único filho estava morto, prestes a ser sepultado; restaurou-lhe o sopro da vida, restituindo o filho à mãe desolada. À viúva de Sarepta que morria de fome com seus filhos, enviou o Profeta Elias com o poder de pregar a fé e também prover alimento.

Talvez digamos a nós próprios: "Mas isto foi há muito, muito tempo em outras terras distantes", ao que respondo: "Existe uma cidade chamada Sarepta perto de onde moram? Ou algum lugar conhecido como Naim?" Podemos chamar nossas cidades de Columbus ou Coalville, Detroit ou Denver. Não importa o nome, em toda cidade vivem viúvas sem o filho também, quem sabe. A necessidade é a mesma. A aflição é real.

A casa de uma viúva não costuma

ser grande nem elegante. Quase sempre é bem pequena e de aparência humilde, muitas vezes escondida no fundo do quintal ou no último andar de um prédio, formada por um único cômodo. Aos lares assim é que ele nos envia.

Talvez haja uma necessidade concreta de roupas e gêneros alimentícios — e até mesmo de acomodação. Isso tudo pode ser suprido. Porém, quase sempre resta a esperança de uma mensagem especial que alimente a alma.

Vai visitar o só,o desalentado,
Vai confortar o triste, cansado.
Espalha bondade pelo caminho,
Tornando o hoje mais luminoso.

O número das pessoas com necessidades especiais aumenta dia a dia. Reparai no obituário de vosso jornal. Ali se descortina um pouco o drama da vida. A humanidade inteira está a mercê da morte. Ela leva os idosos de passos vacilantes. Seu chamado é ouvido pelos que mal venceram metade da etapa da vida, e muitas vezes silencia o riso de crianças pequenas.

Depois que murcham as flores das coroas, as palavras de consolo dos amigos se tornam memórias, as preces e mensagens vão-se apagando nos meandros da mente. Os que choram freqüentemente vão engrossar o que chamo de "A Longa Fila dos Solitários". Foi-se o riso das crianças, o entusiasmo dos adolescentes e o carinho amoroso do companheiro que partiu. O relógio parece mais barulhento, o tempo custa mais a passar e as quatro paredes parecem mais uma prisão.

Tenho a esperança de que todos nós voltemos a ouvir o éco das palavras do Mestre: "Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.).

Ao resolver cuidar mais diligentemente dos necessitados, lembremonos de incluir nossos filhos nessas lições da vida.

Tenho muitas memórias de meus dias de infância. Aguardar ansiosamente o jantar de domingo é uma delas. Justo quando nós, crianças, já nos consideravamos à beira da inanição e rodeávamos a mesa posta na sala rescendendo ao aroma gos-



Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência



Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro



Presidente Spencer W. Kimball

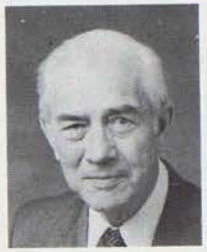


Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro

Conselho dos Doze Apóstolos



Ezra Taft Benson



Mark E. Petersen



LeGrand Richards



Howard W. Hunter



Gordon B. Hinckley



Thomas S. Monson



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



Bruce R. McConkie



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust

A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Boyd K. Packer | Marvin J. Ashton | Bruce R. McConkie | L. Tom Perry | David B. Haight | James E. Faust

A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Franklin D. Richards | J. Thomas Fyans | Neal A. Maxwell | Carlos E. Asay | M. Russell Ballard | Dean L. Larsen | Royden G. Derrick

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Marion D. Hanks | A. Theodore Tuttle | Theodore M. Burton | Paul H. Dunn | Hartman Rector, Jr. | Loren C. Dunn | Robert L. Simpson | Rex D. Pinegar | W. Grant Bangerter | Robert D. Hales | Adney Y. Komatsu



Joseph B. Wirthlin | Gene R. Cook | Charles Didier | William R. Bradford | George P. Lee | John H. Groberg | Jacob de Jager | Vaughn J. Featherstone | Robert E. Wells | G. Homer Durham | James M. Paramore



Richard G. Scott | Hugh W. Pinnock | F. Enzio Busche | Yoshihiko Kikuchi | Ronald E. Poelman | Derek A. Cuthbert | Robert L. Backman | Rex C. Reeve, Sr. | F. Burton Howard | Teddy E. Brewerton | Jack H. Goaslind, Jr.



Angel Abrea

O Bispado Presidente



H. Burke Peterson
Primeiro Conselheiro

Victor L. Brown
Bispo Presidente

J. Richard Clarke
Segundo Conselheiro

Membros Eméritos do Primeiro Quorum dos Setenta



Eldred G. Smith | S. Dilworth Young | Sterling W. Sill | Henry D. Taylor | Bernard P. Brockbank



James A. Cullimore | Joseph Anderson | John H. Vandenberg | O. Leslie Stone

toso do assado, mamãe tinha a capacidade de dizer:

— Tommy, antes de começarmos, leve ligeiro este prato ao Velho Bob e volte correndo.

Jamais consegui entender por que não podíamos jantar primeiro e depois levar o prato de comida. Nunca reclamei em voz alta, mas corria até a casa de Bob e ficava esperando impaciente até ele atender a porta com seus passos claudicantes. Então eu lhe entregava o prato de comida e ele me devolvia o prato limpo do domingo anterior. A seguir, me oferecia uma moedinha por meus serviços, ao que sempre respondia:

— Não posso aceitar. Mamãe me daria uma surra.

Então ele afagava meus cabelos com sua mão enrugada e dizia:

— Rapaz, você tem uma mãe e tanto. Diga-lhe que agradeço muito.

Acho que nunca transmiti o recado. Achava que não precisava dizer, ela já sabia. Parecia sentir a gratidão dele. Lembro-me, também, de que o jantar de domingo sempre me pareceu ainda mais gostoso depois que eu voltava daquela missão.

O Velho Bob entrou em nossa vida de modo bastante interessante. Era viúvo, passado dos oitenta, quando a casa em que morava ia ser demolida. Ouvi-o falar de seu problema ao meu avô, um dia em que nós três estávamos sentados na varanda da frente. Com voz lamentosa, dizia:

— Não sei o que fazer. Não tenho família. Não tenho para onde ir. Não tenho dinheiro.

Fiquei imaginando o que vovô responderia. Vagarosamente, vovô enfiou a mão no bolso, tirou a velha carteira da qual provinham as moedinhas para um doce, quando pedíamos. Desta vez tirou dela uma chave e a entregou ao Velho Bob, dizendo bondosamente:

— Bob, tome a chave da casinha que tenho aqui do lado. Fique com ela. Traga suas coisas para cá e use-a enquanto quiser. Não precisa pagar aluguel e ninguém vai mandá-lo sair.

Os olhos do Velho Bob se encheram de lágrimas, escorreram-lhe pelas faces, sumindo na longa barba branca. Os olhos de vovô também estavam úmidos. Fiquei calado, mas naquele dia vovô me impressionou de verdade. Senti orgulho de ter o mesmo prenome que ele. Embora na época fosse apenas um garotinho, aquela lição influenciou minha vida inteira.

Cada um de nós tem sua própria maneira de lembrar-se do próximo. Na época do Natal, faço questão de visitar as viúvas e viúvos da ala na qual fui bispo. Eram então oitenta e sete — hoje reduzidos a nove. Nessas visitas, nunca sei o que esperar; porém, de uma coisa eu sei — tais visitas permitem-me sentir o espírito do Natal, que, na realidade, é o Espírito de Cristo.

Acompanhai-me, e juntos faremos uma ou duas visitas. Ali está a casa de repouso na rua West Temple, onde residem quatro viúvas. Nunca se passa pela entrada sem notar uma cortina entreaberta, revelando alguém esperando horas a fio a chegada de um amigo. Que recepção! Recordam-se bons tempos, talvez haja um presentinho, dá-se uma



bênção; depois, chega o momento de partir. Jamais consigo sair sem primeiro ouvir o pedido de uma viúva de quase cem anos. Embora cega, ela costuma dizer:

— Bispo, quero que fale no meu funeral e recite de memória o poema de Tennyson:

Põe-se o sol, surge a estrela vespertina,
E ouço claro o chamar!
Pode ser que não haja tristeza por mim,
Ao partir, ao me afastar...

A luz tênue, o ressoar do sino,
E depois, a treva!
Pode ser que não haja a tristeza do adeus,
Ao embarcar na nau que me leva;

Pois, mesmo que deste lugar no tempo e espaço
Pareça que as vagas me levem tão longe,
Espero contemplar face a face meu piloto,
Após haver cruzado os limites.

(In *Major British Writers,* ed. G.B. Harrison, end. ed., Nova Iorque; Harcourt, Brace & World, 1959, 2:466.).

Lágrimas brotavam e depois, com um sorriso, ela dizia:

— Tommy, você esteve ótimo, mas trate de fazê-lo um pouco melhor no funeral!

Noutra instituição para idosos, na rua First South, talvez interrompamos, conforme me aconteceu anos atrás, uma partida de futebol profissional. Diante da TV estavam sentadas duas viúvas, bem vestidas e agasalhadas, totalmente absorvidas no jogo. Perguntei:

— Quem está ganhando?

— Nós nem sabemos quem está jogando. Mas pelo menos é companhia.

Sentado entre os dois anjos, expliquei-lhes o jogo de futebol americano. Foi o melhor jogo de que me lembro. Posso ter perdido uma reunião, mas colhi uma memória.

Vamos depressa até Redwood Road. Ali existe uma instituição bem maior na qual vivem numerosas viúvas. A maioria está sentada na bem iluminada sala-de-estar. Mas uma das que devo visitar está de cama, sozinha em seu quarto. Não pronunciou uma só palavra depois de um devastador derrame anos atrás. Mas quem sabe até onde ela consegue ouvir e entender? Por isso, recordo os bons velhos tempos que passamos juntos. Não há o mínimo

sinal de reconhecimento, nem uma só palavra.Uma atendente chega a perguntar se eu sei que ela não fala há anos. Não faz nenhuma diferença. Não só apreciei minha conversa unilateral com ela — como comunguei com Deus.

Quando nosso querido Presidente Spencer W. Kimball se reuniu recentemente com líderes nossos de um país em que existem muitos necessitados, ele não quis saber de estatísticas, mas indagou: "Nossa gente tem o que comer? Estão cuidando das viúvas?" Ele estava precocupado com elas.

Durante a gestão do Presidente George Albert Smith, vivia em nossa ala uma viúva pobre que cuidava de suas três filhas adultas, todas inválidas. Elas eram pessoas avantajadas e praticamente não conseguiam ajudar em nada. E essa querida irmã tinha de banhar, alimentar, vestir e cuidar das filhas. Os recursos eram limitados. Não havia quem ajudasse. Depois veio o golpe de que a casa onde moravam ia ser vendida. O que fazer? A quem recorrer? O bispo consultou a administração da Igreja se haveria algum meio de se comprar a casa. Era tão pequena, o preço tão razoável. O pedido foi estudado e negado.

O bispo, cabisbaixo, ia saindo pela porta principal do prédio, quando encontrou o Presidente George Albert Smith. Após as saudações, o Presidente Smith perguntou-lhe o que viera fazer ali na sede. Ouviu atentamente as explicações do bispo, mas não disse nada. Depois, pediu licença por uns instantes. Voltando minutos mais tarde, mandou sorrindo:

— Suba ao quarto andar e pegue um cheque que está a sua espera. Compre a casa!

— Mas o pedido foi negado!

Sorrindo novamente, disse: — Acaba de ser reconsiderado e aprovado.

A casa foi adquirida. A boa viúva morou nela e cuidou das filhas até o falecimento das três. Depois, ela também foi para junto de Deus, receber sua recompensa celestial.

A liderança da Igreja se preocupa com a viúva, o viúvo, o solitário. Podemos nós nos precocupar menos que eles? Emerson recomenda: "Anéis e jóias não são presentes, mas substitutos de presentes. O único verdadeiro presente é uma porção de si mesmo." (Vide "Gifts", Ralph Waldo Emerson.).

"Lembramos que, no meridiano dos tempos, surgiu no firmamento uma estrela brilhante. Homens de saber a seguiram e encontraram o Menino Jesus. Hoje homens sábios continuam perscrutando o céu em busca de uma certa estrela brilhante. Ela nos guiará para nossas oportunidades. O fardo dos aflitos será aliviado, a fome dos famintos será satisfeita, o coração solitário será consolado. E almas serão salvas — vossas, deles, minha.

Se realmente atentarmos, conseguiremos ouvir uma voz distante dizer-nos assim como falou a um outro "Muito bem, servo bom e fiel." (Mat. 25.21.).

Que consigamos ver essa estrela especial, ouvir a mesma saudação, é minha humilde prece em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ele Está Presente



Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro conselheiro na Primeira Presidência



Um coral de jovens canta em uma das sessões da conferência.

Estou tão contente de poder estar aqui convosco hoje e escutar essa maravilhosa música e os sermões. Sou muito grato a vós que vos lembrastes de mim em vossas orações para que eu recuperasse a saúde, e sou grato por poder participar convosco, hoje.

Ultimamente tenho pensado na primeira e terceira Regras de Fé: "Cremos em Deus, o Pai, em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo." e "Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho."

Pensando na primeira regra, será que realmente cremos em Deus e em seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo? E até que ponto eles influenciam nossa vida? Cremos que toda a humanidade pode ser salva por meio da Expiação de Cristo. Pensando neste ponto, quero que saibais como Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, me ajudaram durante a vida.

Estou certo de que minha mãe, sendo a mulher que era, agradeceu a Deus quando nasci, a bênção de poder participar com Deus em trazer ao mundo mortal um filho espiritual dele. Estou certo de que externou sua gratidão a Deus por intermédio de seu Filho, Jesus Cristo.

Em minha casa, orava-se constantemente. Quando fui ensinado a orar, aprendi que estava falando com Deus, em nome de Jesus Cristo, através do Espírito Santo. Quando tinha oito anos, fui batizado por meu pai, depois de aprender que era um filho de Deus, que ele estava interessado em mim, que ele me conhecia e sabia o que era melhor para mim. Fomos ensinados a orar na hora das refeições; fomos ensinados a orar pela manhã; fomos ensinados a orar à noite. E fomos ensinados que estávamos falando ao nosso Pai Celestial.

Fico imaginando quantos sabem realmente que são filhos de Deus; e quando estamos orando, seja nas refeições, no início ou término de uma reunião, num batismo ou confirmação, ou abençoando o pão e água no sacramento, sabemos que estamos de fato dirigindo-nos a Deus. Ele está presente, ele ouve nossas preces,



Os visitantes se abrigam de uma chuva passageira enquanto aguardam o inicio de uma nova sessão da conferência.

ele nos abençoa.

Mas a prece que me impressionou foi quando Joseph Smith foi ao bosque para orar. Ele havia lido que "se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá liberalmente... e ser-lhe-á dada." (Tiago 1:5.) Se *algum de vós* tem falta de sabedoria, peça a Deus e sereis atendidos. Orai com fé, não duvidando, "pois aquele que duvida é semelhante à onda do mar, que é sublevada e agitada pelo vento". (Tiago 1:6.)

Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, apareceram a Joseph — apareceram-lhe de verdade — e disseram-lhe o que devia fazer. Ele se dirigiu a Deus; Deus ouviu suas orações; suas orações foram atendidas. E presto-vos testemunho, nesta manhã, que essas coisas que vos falei são verdade. Esta é a Igreja de Jesus Cristo, dirigida pelo próprio Cristo através de um profeta de Deus a quem amo, admiro e aprecio.

Eu vos amo, minha gente, e oro humildemente que sempre nos demos conta de que, quando oramos a Deus, estamos falando com ele e ele está interessado em nosso bem-estar. A oração que faço neste momento é que sempre nos lembremos de quem somos e ajamos de acordo e sejamos exemplo para os povos do mundo. Esta é a Igreja de Jesus Cristo; ele ouvirá todos os que pedem, ajudando-os a compreender quem são e porque estão aqui. Esta é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Vida — O Grande Campo de Prova



Élder Franklin D. Richards
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Presidente Kimball, quero expressar o sentimento do povo desta Igreja de âmbito mundial, dizendo que nós vos amamos, e ao Presidente Tanner e Presidente Romney. Somos gratos pelos milagres obrados pelo Senhor em vossa vida, para que possais continuar trabalhando na grande obra da edificação do reino de Deus.

Estamos vivendo numa época notável — na dispensação da plenitude dos tempos — mas vivemos num mundo conturbado. Os poderes do mal se mostram nas doutrinas falsas, na corrupção moral, nas lutas, contendas e perseguições. O medo grassa no coração de muitos.

Homens e mulheres de toda parte se fazem a mesma pergunta: "Qual é o propósito da vida?"

O evangelho restaurado de Jesus Cristo tem a resposta. Numa revelação moderna, o Senhor nos diz: "E, se guardares os meus mandamentos e perseverares até o fim, terás a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus." (D&C 14:7.)

Por conseguinte, essencialmente o propósito da vida é preparar-nos para o maior dom de Deus, a vida eterna.

O evangelho restaurado explica que, antes de nascermos na presente esfera, já existíamos como entes espirituais — sim, filhos espirituais de nosso Pai Celeste. Viemos a esta terra, para o nosso espírito receber um corpo de carne e ossos e para viver experiências que nos põem à prova para ver, conforme diz a escritura, se fazemos todas as coisas que o Senhor nos mandar. (Vide Abr. 3:25.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ensina o valor do progresso eterno. Nós progredimos na existência pré-mortal e temos oportunidade de progredir nesta vida durante toda a eternidade. Todos nós, sem exceção, somos dotados de dons e talentos que, se bem aplicados e aliados ao estudo, oração, trabalho, nos ajudarão a alcançar nossos objetivos eternos.

O estudo, particularmente das escrituras, é um fator importante. Somos aconselhados: "procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé". (D&C 88:118.) O progresso eterno implica estudo contínuo. O Senhor nos diz que "a glória de Deus é inteligência, ou em outras palavras, luz e verdade". (D&C 93:36.)

E mais: "Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição.

"E, se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (D&C 130:18-19.)

O Presidente Spencer W. Kimball nos aconselhou neste sentido: "Procuremos... ler e compreender e aplicar os princípios e conselhos inspira-

dos encontrados nas (escrituras). Se assim fizermos, descobriremos que nosso *atos* pessoais de retidão trarão igualmente *revelação ou inspiração pessoal*, quando necessário em nossa vida." (*Ensign*, setembro de 1975, p. 4.)

Nas escrituras modernas, encontramos uma abundância de revelação. Elas explicam como enfrentar os desafios de hoje. O conhecimento colhido do estudo das escrituras ajuda-nos a tomar decisões corretas em todos os setores da vida, além de auxilar-nos a conhecer a Deus e entender seus propósitos.

Bem, com referência ao papel da oração na realização de nossos objetivos eternos, o Senhor instruiu seus discípulos a orarem continuamente (vide Lucas 21:36), dizendo: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á." (Lucas 11:9.)

O Profeta Joseph Smith observou que "o primeiro princípio do evangelho é conhecermos com toda certeza o caráter de Deus e saber que podemos falar com ele, assim como os homens falam uns com os outros". ("O Sermão King Follett", *A Liahona*, abril de 1972, p. 19.)

Brigham Young declarou à sua maneira realista: "Sabeis muito bem que existe uma peculiaridade em nossa fé e religião, que é a de jamais pedir ao Senhor que faça uma coisa, se não estivermos dispostos a ajudá-lo em tudo o que formos capazes. Então o Senhor fará o resto." (*Discursos de Brigham Young*, comp. por John A. Widtsoe, p. 43.)

"Por favor, Senhor, ajuda-me a eu próprio ajudar-me." Estou convicto de que esse pedido de maior capacidade pessoal será atendido por Deus. Podemos aprender a re-



Uma visão interessante do Templo de Lago Salgado com o Edifício dos Escritórios Gerais da Igreja à esquerda.

solver nossos problemas com a ajuda do Senhor.

Contou-me um converso: "Eu costumava orar, não sempre, mas eu orava antes de nos tornarmos membros. Rogava que algum dia meu marido e eu fôssemos mais unidos. Jamais pensei que realmente acontecesse, mas a Igreja foi a minha resposta. Descobrimos o poder da oração. Sou imensamente grata à Igreja."

Sim, a oração exerce um papel importante em nosso progresso eterno.

Consideremos agora o grande e eterno princípio do trabalho. Durante seu breve ministério terreno, o Salvador contou uma maravilhosa parábola acerca da necessidade do trabalho.

A parábola dos talentos fala de um homem que, tendo de partir em longa viagem, reuniu seus servos e lhes confiou seus bens. A um deles deu cinco talentos, a outro deu dois e ao terceiro deu um. A cada um segundo sua capacidade.

Na ausência do senhor, o servo que recebera cinco talentos os aplicou e ganhou mais cinco talentos. O que recebera dois talentos, conseguiu ganhar mais dois. O que recebeu um, todavia, enterrou-o no chão.

Retornando da viagem, o senhor pediu que lhe prestassem contas.

Aos servos que haviam multiplicado seus talentos, ele disse: "Muito bem, servo bom e fiel; sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor." (Mat. 25:23.)

Ao servo que escondera o talento, ele chamou de mau e preguiçoso e disse que lho tiraria e daria ao que já tinha dez talentos.

Que filosofia maravilhosa — o evangelho do trabalho!

Na época da instituição do atual programa de bem-estar, a Primeira Presidência explicou que seu objetivo primordial era "estabelecer... um sistema sob o qual a maldição da preguiça seria eliminada e os demônios da esmola abolidos, deixando brotar no seio de nosso povo a independência, a industriosidade, a economia e o respeito próprio. O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. O trabalho deverá ser reintroduzido como o princípio que rege a vida dos membros de nossa Igreja". (Conference Report, outubro de 1936, p. 3.)

São princípios eternos, tão oportunos e aplicáveis hoje como quando foram dados.

Desde sua organização, a Igreja vem encorajando seus membros a serem trabalhadores e a estabelecerem e conservarem sua independência econômica.

Independemente de nosso trabalho ser físico ou mental, ou uma combinação de ambos, devemos aprender a executá-lo bem. A filosofia do trabalho é uma filosofia sã. É uma parte vital do evangelho de Jesus Cristo que nos levará à vida eterna.

O Salvador ressaltava constantemente a doutrina do amor ao próximo, da abnegação e do sacrifício. Permiti-me sugerir, portanto, a conveniência de nos engajarmos em algum trabalho que envolva serviço ao nosso semelhante e certo sacrifício de nosso tempo, talentos e meios. Lembrai-vos das palavras do Rei Benjamim: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais so-



O Presidente Spencer W. Kimball cumprimenta o Élder Boyd K. Packer do Conselho dos Doze.

mente a serviço de vosso Deus." (Mosiah 2:17.)

Devemos levar em conta também que os talentos se desenvolvem pelo uso; eles não crescerão e se multiplicarão, se não forem usados. Este princípio foi claramente estabelecido na parábola do Salvador.

Os talentos podem ser desenvolvidos em muitas áreas, como no ensino, obra missionária, artes, serviço de solidariedade e muitos outros campos.

Outro converso comentou: "Um aspecto da Igreja que aprecio é seu constante poder de aprendizagem, progresso e crescimento. Sou grato pela oportunidade de trabalhar na Igreja, porque esse contato constante nos ajuda a crescer e desenvolver no evangelho e em todas as demais áreas de nossa vida."

Recomendo-vos aceitar toda oportunidade possível para desenvolver vossos talentos e compartilhá-los com entusiasmo, não como obrigação, mas como uma grande bênção, e o Senhor vos tornará capazes de cumprir a tarefa para a qual sois chamados.

A história de homens e mulheres vitoriosos geralmente fala de pessoas que venceram obstáculos. Aparentemente há lições que só se aprendem vencendo obstáculos.

O inverno de 1838/39 foi um dos mais negros períodos da história da Igreja. Os santos haviam sido perseguidos, roubados e assassinados. O Profeta Joseph Smith e seus companheiros, vítimas de traição, estavam encarcerados na Cadeia de Liberty.

Daquele período negro, porém, emergiram os homens que haviam de conduzir a Igreja através de experiências dificílimas, bem como resultou em assombroso progresso e desenvolvimento. Foi naqueles dias aflitivos que o Senhor concedeu ao Profeta Joseph Smith, na Cadeia de

Liberty, uma importante revelação. Em meio a suas tribulações, o Profeta clamou a Deus que o confortasse.

A resposta foi: "Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

"E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará." (D&C 121:7-8.)

A experiência na Cadeia de Liberty constitui-se verdadeiramente na chama purificadora para os atingidos, e dá-nos um melhor entendimento e apreço da grandeza do Profeta Joseph Smith e dos primeiros líderes da Igreja.

Que lição proveitosa podemos tirar da experiência da Cadeia de Liberty? Ela, sem dúvida, destaca duas grandes verdades:

Primeiro, a importância da fé no Senhor Jesus Cristo e lealdade a nossos líderes e à Igreja.

Segundo, a necessidade de perseverar até o fim, a despeito das dificuldades encontradas.

Ao perseverarmos até o fim, talvez precisemos pedir ao Senhor que nos conforte, e talvez venhamos a ouvir como o Profeta Joseph Smith: "Meu filho, paz seja com tua alma." (D&C 121:7.)

Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é chamado de Príncipe da Paz, e sua mensagem é uma mensagem de paz ao indivíduo e ao mundo. É a paz que nos faz apreciar a vida mortal e nos capacita a suportar tribulações. Um dos objetivos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é estabelecer essa paz no coração e lares do povo.

Sim, o evangelho restaurado responde claramente à pergunta: "Qual é o propósito da vida?", fazendo-nos entender de onde viemos, porque estamos aqui e para onde iremos após a morte.

É fácil ver-se a importância e propósito da vida com a perspectiva facultada pelo planto do evangelho restaurado.

Um converso residente no Arizona declarou: "O que mais modificou minha vida é que encontrei um propósito para ela e a paz mental que jamais sentira antes."

Perguntou-se a um converso de Seattle: "O que a Igreja fez por você?", ao que replicou: "Tudo. Minha vida agora tem propósito e sentido. Agora, o que eu posso fazer pelo Senhor? Eu lhe devo tudo."

Pessoalmente, sinto o mesmo que o converso de Seattle — devo tudo ao Senhor.

Presto-vos testemunho de que sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo, nosso Redentor e Salvador.

Sei que Joseph Smith foi instrumento nas mãos do Senhor para restaurar a plenitude do evangelho, restituir o poder de agir em nome de Deus e restabelecer a Igreja de Jesus Cristo sobre a terra.

Presto testemunho, também, de que o Presidente Spencer W. Kimball é um profeta de Deus, atuando sob orientação divina para administrar os negócios do reino de Deus na terra, hoje. Que o Senhor o abençoe e sustenha.

Oro sinceramente que compreendamos o propósito da vida, pautemos nossa vida segundo os eternos princípios do evangelho, gozemos de paz, felicidade, progresso e recebamos a vida eterna, o maior dos dons de Deus, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Amai-vos Uns aos Outros



Élder James M. Paramore
do Primeiro Quorum dos Setenta

Meus amados irmãos, irmãs e amigos: Às vezes, ouvindo os belos coros locais, conto aos membros que costumo cantar no Coro do Tabernáculo por ocasião das conferências. Espero que não me levem a mal, e para dizer a verdade, não ocupo um dos lugares do coro. Mas fico sentado um pouco mais abaixo e acompanho-os em silêncio por cantarem tão maravilhosamente. Um verso de um dos hinos que tanto apreciamos diz: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei." Hoje, gostaria de falar alguns minutos a respeito disso — o amor de Deus e o amor ao próximo.

Uma pequena história contada por um de nossos filhos, atualmente em missão na Itália, deu-me um novo e claro enfoque do assunto.

Contou que, certa manhã, um garotinho aleijado, com as roupas em trapos e sapatos rotos, ficou numa esquina movimentada, indo de pessoa a pessoa a pedir uma esmola, sem sucesso. Um homem, observando o garoto à distância, finalmente aproximou-se, tomou o garoto nos braços, acariciou-o e a seguir foi cuidar dele sem maiores perguntas.

Tal visão teria tocado o coração de qualquer pessoa e nos ajuda a ver o poder do amor que nosso Pai Celeste gostaria de que entendêssemos em nossa vida. Jesus, o Filho amado de Deus, deu nova ênfase a essa nova dimensão do amor em benefício do mundo, quando disse: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros." (João 13:34.)

Procurando entender esse amor de Deus, assombra-nos seu profundo impacto. Em seu centro está a realidade de um Pai Celeste literal, cujo amor aos filhos não conhece limites. Todas as verdades, sabedoria, poder, bondade e amor ele quer compartilhar com seus filhos, a quem criou e enviou para a terra. Gostaria de que o reconhecêssemos como Pai, como alguém que perdoa, que está sempre pronto a ajudar, um amigo e legislador — ansioso de garantir a cada homem plena oportunidade ao seu amor e potencial, e finalmente, a bênção de um dia tornar-se como ele é. Este amor do Pai Celeste e seus efeitos sobre *um* de seus filhos ou o mundo inteiro, é milagroso e contagioso. Em sua bondade, fica constante e continuamente a nos vigiar, procurando carinhosamente nos manter no caminho certo.

Aproxima-se de nós através de seu Filho; através da oração, seu Espírito, seus profetas; e com seus mandamentos, expressa seu afeto e cuidado, provendo orientação e disciplina a todos os que quiserem ouvi-lo. Conforme diz o salmista: "A terra está cheia da benignidade do Senhor." (Salmos 33:5.)

Ele nos ama a tal ponto, que nos concedeu suas mais sagradas verda-

des eternas — os mandamentos — padrões de vida eterna. Para ajudar-nos a entender sua importância, revelou e envolveu-os em sagrados e santos ambientes. Quem não se lembra de como foram dados os Dez Mandamentos? Os homens modificam-nos constantemente; nós, porém, testificamos ao mundo que foram restaurados à terra por intermédio de um profeta de Deus, porque são verdades eternas essenciais e, se alteradas pelo homem, perdem seu poder. Testificamos ao mundo que essas leis — mandamentos — padrões — são uma das maiores manifestações do amor de Deus por seus filhos. Sim, são mandamentos — absolutos — destinados a plantar as sementes do amor de Deus, seus caminhos e sua divindade em nós. São a origem de toda verdadeira segurança, e o homem interior o reconhece instintivamente e se regozija.

Este mesmo Deus amante também "amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito" (João 3:16) para realizar uma miríade de bênçãos por toda a humanidade, inclusive oferecendo sua própria vida em expiação pelos pecados do homem. Ele passou a vida demonstrando que o amor de nosso Pai Celeste e seu plano, seus mandamentos, podem de fato proporcionar paz interior e elevar a humanidade aqui e no mundo vindouro.

Nos últimos meses, minhas designações levaram-me a muitos países, e nesta manhã quero testificar, com todo meu coração, o fato de que, quando conhecemos e sentimos o amor de Deus e seguimos seus mandamentos, os resultados são sempre idênticos. Dá-se uma novidade de vida — um despertar espiritual — que por si mesmo testifica ao homem de sua veracidade. Nunca é forçado ou provocado pelo medo, mas antes por um vínculo de amor que se desenvolve entre o Pai Celestial e seus filhos. Não admira, pois que sejamos aconselhados a olhar para Deus e viver. Este amor atinge o âmago do homem interior, remove barreiras e abre o espírito, tornando-o receptivo à verdade, bondade e mudança. Ao desenvol-



Três pessoas que vieram para a conferência passeiam juntas.

ver dentro do homem, volta-se para fora, para os semelhantes — paulatinamente vencendo o próprio ego. Quando buscamos humildemente ao Pai Celeste em oração, e aprendendo e guardando seus mandamentos, ele nos transfere seu amor pelos outros e muitos de seus poderes. Milhares testificam da veracidade destas suas palavras: "Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor." (João 15:10.) Nós, então, conforme diz o Salvador, começamos a nos tornar varas da "videira verdadeira", recebendo a mesma força e poder, e podendo esperar os mesmos frutos. (Vide João 15:1-6.)

Então acontece o milagre. O homem assim tocado e modificado pelo amor de Deus, passa a olhar seu próximo com profundo respeito pelo que é, por seu real potencial como filho de um Pai Eterno.

Anos atrás, tive uma experiência muito especial no Oregon. Depois de uma conferência de estaca, pediram-me que abençoasse uma criancinha. Trouxeram o casal à sala, e naquele dia aprendi realmente o que é o amor de Deus. Eles haviam adotado uma meia dúzia de criancinhas excepcionais abandonadas que precisavam de amor e cuidados para o resto da vida. Senti-me humilde na presença deles, e naquele dia o amor de Deus encheu o recinto. Eles não eram mais estranhos para Deus.

Quando o homem percebe esse amor, começa a não mais atentar para as falhas que todo ser humano tem e a estimar seu irmão como a si mesmo. Ele o ampara e deseja ajudá-lo sempre e em tudo o que puder. O espírito do homem se comunica com o do próximo, pois já não existe mais inimizade, inveja, filosofias restritivas, orgulho ou vaidade — nem mesmo o idioma consegue separar os homens; resta apenas sinceridade e unicidade com o Espírito e vontade de Deus. As escrituras são belas e claras:



Visitantes da conferência.

"E não (haverá) contendas na terra", "porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações." (4 Néfi 1:15, Rom. 5:5.)

Quererá isto dizer que aqueles que abraçam estas coisas serão perfeitos? Não, pois continuarão sempre superando e progredindo. Mas significa que estarão empenhados em tornar-se perfeitos. Morôni, o grande profeta, aconselha-nos com profundo discernimento sobre este ponto, quando diz: "Não me condeneis em virtude de minha imperfeição, nem a meu pai...; antes dai graças a Deus por vos ter manifestado nossas imperfeições, para que possais aprender a ser mais sábios do que

nós fomos." (Mórmon 9:31.)

É alcançando esse dom, o amor de Deus, que somos capazes de eliminar as contendas, discórdias e julgamentos. Ele dá a perceber o poder e bondade inata no homem e quão inconsistente não seria termos este sentimento — este amor de Deus em nossa vida — e mesmo assim ficarmos a julgar os outros, a não apoiar os líderes, pois tais coisas são absolutamente estranhas ao amor de Deus. Diz nosso Pai Celeste que "ninguém pode ajudar neste trabalho, a não ser que seja humilde e cheio de amor". (D&C 12:8.)

Como no caso do homem que se compadeceu do garotinho aleijado, não há reprovação ou julgamento — apenas amor e ajuda.

Como este amor de Deus se manifesta hoje na terra, em sua Igreja e entre seus membros?

Por um Pai Celeste que enviou seu Filho amado para ajudar o homem, vendo seu exemplo e seguindo-o.

Por um Pai Celeste que estabeleceu seu reino, sua igreja, seu amor e mandamentos aqui na terra, pelos quais a humanidade inteira pode ser abençoada.

Por famílias que se amam a ponto de abertamente se abraçarem com freqüência e externarem seu afeto um pelo outro.

Por um amoroso Pai Celeste que nos deu um profeta hoje, mesmo o Presidente Kimball e apóstolos para receberem sua palavra e guiarem seus filhos.

Por famílias cheias desse amor e gratidão a Deus, que diariamente procuram ensinar essas coisas boas aos seus — os mais elevados padrões de nosso Pai Celeste.

Um dia desses, sentado numa reunião sacramental na Alemanha, meus olhos estavam marejados de lágrimas e meu coração transbordava, vendo oitenta e duas crianças cantando hinos de amor ao Pai Celestial. Naquele dia, senti-me grato por a Igreja ter sido restabelecida na terra, e grato por eu também ter sido uma criança da Primária, assim como meus filhos, e termos aprendido esses cantos e o amor que expressam. Tenho cantado esses hinos milhares de vezes desde minha juventude, e sou grato pelo amor e mensagem que transmitem. Naquela mesma reunião sacramental, estava uma irmã recém-conversa que esperava seu primeiro filho. Ela ficou tão emocionada com as crianças, a Igreja, a Primária e o amor de nosso Pai nos céus ali presente, que mais tarde comentou com júbilo: — Mal posso esperar a chegada de meu filho para que ele possa ir à Primária.

Meus queridos amigos, esta é apenas uma das muitas grandes bênçãos que o Pai Celeste oferece em sua igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sim, existe um lugar de beleza — um refúgio na terra — onde se encontram os padrões imutáveis revelados por um Pai Celeste amante.

Bem, isto tudo é realmente o que o Senhor tinha em mente, quando disse: "Assim como eu vos amei... também vós vos ameis uns aos outros." (João 13:34.) Este será sempre o supremo convite do Senhor a todos os homens. Com todo nosso amor, convidamos todos a virem e participarem desse espírito, dessa paz, desse amor de Deus existente em seu reino aqui na terra, hoje,

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Estender a Mão aos Filhos de Nosso Pai



Élder Jack H. Goaslind Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta

Meu sincero desejo nesta manhã é compartilhar convosco algo do que sinto sobre o evangelho de Jesus Cristo e o efeito que deve ter em nossos relacionamentos mútuos. Relendo o relato da ressurreição do Salvador, impressionou-me que suas primeiras palavras como ser ressurreto provêem o fundamento para nosso relacionamento com o próximo.

Sem dúvida vos lembrais de que bem cedo, na manhã do primeiro dia da semana, Maria foi ao sepulcro no qual haviam colocado o corpo do Senhor. Vendo que a pedra da entrada havia sido removida, ela foi correndo contar a Pedro e João que o corpo do Senhor havia sumido. Pedro e João foram apressadamente confirmar essa informação; vendo a tumba vazia, voltaram cabisbaixos para casa.

Maria Madalena, porém, continuava "de pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquando chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde jazera Jesus...

" perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram."

Dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus, mas não o reconheceu. O Salvador também perguntou por que estava chorando, e ela, pensando tratar-se do jardineiro, respondeu:

"Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste e eu o levarei."

Então, o Senhor a chamou pelo nome como poderia fazer com qualquer um de nós, e ela imediatamente soube quem era. Devido ao grande amor que lhe tinha e por testemunhar que vivia, ela estendeu os braços para abraçá-lo.

Ele, com afeto, preocupação e segurança, pronunciou estas palavras de eterno significado: "Não me toques, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." (João 20:17.)

"Ao meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." Que mensagem tão importante na época, e tão vital para nós hoje!

O Apóstolo Paulo prega claramente a mesma doutrina, quando diz:

"Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns de vossos poetas disseram: Pois dele também somos geração.

"Sendo nós, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro ou à pedra esculpida pela arte e imaginação do homem." (Atos 17:28-29.)

Orando, estudando e vivendo o evangelho, vim a apreciar o fato de sermos todos filhos de nosso Pai — parte de uma grande família. Nós

somos filhos e filhas de Deus. Nosso Pai Celeste é num sentido muito real o Pai de nosso espírito, o que está expresso literalmente na expressão "nosso Pai Celestial". Segue-se, pois, que somos todos irmãos e irmãs, independentemente de raça, credo ou nacionalidade. Dentro de cada um de nós existe uma centelha de divindade.

De que forma esta verdade deveria afetar nosso relacionamento com nossos semelhantes? Se, de fato, todos os filhos de Deus se dessem conta e sentissem o impacto dessa grande verdade, haveria muito mais entendimento, compaixão e amor entre eles. Guerras, crimes e todas as formas de crueldade deixariam de existir.

Estou convicto de que, para nossa felicidade e paz mundial, é importantíssimo o genuíno amor fraterno. Devemos amar-nos uns aos outros e compartilhar nossos dons, talentos e recursos abnegadamente. Não admira que, ao perguntar-lhe um fariseu, versado na lei: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?", o Salvador haja respondido: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

"Este é o grande e primeiro mandamento.

"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." (Mat. 22:36-40.)

E novamente, nos instantes finais de sua vida, ele fez este glorioso pronunciamento:

"Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros.

"Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros." (João 13:34-35.)

William Shakespeare disse certa vez: "Não ama quem não demonstra amor." (*Os Dois Cavalheiros de Verona,* ato I, cena a.) Temos de demonstrar nosso amor, primeiro no lar e depois alargando o círculo de amor, para que abranja os membros da ala, os membros menos ativos e vizinhos não-membros, e também aqueles que já estão além do véu.

Gostaria de pedir aos líderes da Igreja, a todos os membros: Abri vossos corações e estendei a mão amiga a nossos irmãos que precisam da luz do evangelho. Estou persuadido de que muito de nosso amor se limita a meras palavras da boca para fora e sonhos de boas obras; o verdadeiro amor tem de ser expresso em ações abnegadas que aproximem nossos semelhantes do Pai Celeste.

Quantas vezes penso no grandioso exemplo de Pedro e João, quando iam para o templo à hora da oração. Certo homem, coxo de nascença, era levado diariamente até a porta do templo, para pedir esmolas. Quando viu Pedro e João se aproximando, estendeu a mão. Então Pedro disse: "Olha para nós," e o pedinte obedeceu, esperando receber alguma coisa. "Disse-lhe Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou; em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda."

Creio que, na maioria dos casos, não passamos disso no mundo de hoje. Pedro porém, não parou aí. Diz a escritura que "tomando-o pela mão direita, o levantou", e imediatamente os pés e artelhos dele se firmaram, e conseguiu andar. E "entrou com eles no templo andando, saltando e louvando a Deus."

(Vide Atos 3:1-9.)

Não é prata e ouro o de que o mundo necessita hoje, mas da mão estendida e influência edificante do Espírito do Senhor.

Uma irmã amiga contou-me como aprendeu o sentido mais profundo do amor. A família sempre fora muito ativa na Igreja, procurando viver os mandamentos da melhor forma possível, e ficou chocada e desapontada, quando a filha noivou com um rapaz não-membro. No dia seguinte, a mãe conversou com uma amiga a respeito de como se sentia. Ela sabia que o noivo da filha era um excelente rapaz, mas sentia-se zangada, ferida, traída e sem ação; não queria cuidar do casamento da filha, nem sequer vê-la. Disse que o Senhor deve tê-la induzido a desabafar com essa amiga, pois recebeu esta resposta;

"Que espécie de mãe é você, que só ama a filha quando esta faz o que você quer? Isto é amor egoísta, egocêntrico, condicional. É fácil amar nossos filhos, quando fazem o bem; mas, quando cometem erros é que mais precisam de nosso amor. Devemos amá-los e cuidar deles, não importa o que façam. Isto não quer dizer que aprovamos ou toleramos os erros, mas ajudamos, não condenamos; amamos, não odiamos; perdoamos, não julgamos. Nós os edificamos, em lugar de arrasá-los; nós os guiamos, não abandonamos. Nós os amamos quando menos merecem, e se você não consegue ou não quer fazer isso, você é uma mãe lamentável."

Com lágrimas correndo pelas faces, essa mãe perguntou à amiga como poderia agradecer-lhe. A amiga respondeu: "Faça o mesmo que fiz por outra pessoa, quando necessário. Alguém o fez por mim, e por isso sou-lhe eternamente grata."



Presidente Spencer W. Kimball.

Esta história diz respeito ao amor de uma mãe pela filha. Mas é apenas o princípio. Temos de mostrar o mesmo amor genuíno por todos os filhos de nosso Pai. Quando aprendermos isso, seremos realmente semelhantes a Deus. Conforme dizia João: "Amados, amemo-nos uns

aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.

"Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor." (I João 4: 7-8.)

Jesus Cristo, nosso exemplo perfeito, demonstrava continuamente esse amor por meio de atos compassivos, e conhecia os meios mais apropriados para demonstrar o amor.

No poço de Jacó, deu-se ao trabalho de ensinar algumas verdades eternas à mulher de Samaria. Ela aceitou seu testemunho de que era o Messias, e voltou à cidade para testificar: "Será, este, porventura o Cristo?" (João 4:29.)

Ele deu de si aos marginalizados. Um leproso adorava o Senhor, dizendo: "Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo." Notai bem o que diz a escritura: "Jesus... estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê limpo. No mesmo instante ficou purificado de sua lepra." (Mat. 8:2-3.)

Mesmo num de seus mais espetaculares milagres, Jesus deu atenção ao indivíduo. Ao se preparar para levantar Lázaro da morte, ele viu Maria chorando e, diz a escritura, "comoveu-se em espírito, e perturbou-se". A seguir, "Jesus chorou". (João 11:33-35.) Ele aproveitou aquela ocasião para prestar divino testemunho de sua missão: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá." (João 11:25.)

Em sua visita aos nefitas, o Salvador fez esta importante admoestação: "Portanto, que classe de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

É meu testemunho que nós podemos ser como ele é. Podemos demonstrar nosso amor de maneira que possamos trazer benefícios eternos, tanto a nós como aos que servimos.

Aceitemos o desafio lançado por nosso profeta há dois anos:

"Parece-me claro e, na verdade, tenho comigo esta forte impressão de que a Igreja já chegou a tal ponto, em crescimento e maturidade, que estamos, pelo menos, prontos para ir avante com maior ímpeto... Mas as decisões básicas, necessárias para que prossigamos, como povo, devem ser tomadas pelos membros da Igreja, individualmente. Os passos principais que devem ser dados pela Igreja, seguir-se-ão aos passos principais que nós, como indivíduos, deveremos dar.

"Já fizemos nossa pausa em algumas planuras por tempo demasiado. Retomemos nossa jornada para a frente e para o alto. Que silentes, ponhamos fim à nossa relutância de nos achegarmos aos outros — seja em nossa família, nossa ala ou circunvizinhanças." (Spencer W. Kimball, "Prossigamos, para A Frente e para o Alto", *A Liahona,* outubro de 1979, p. 130.)

Decidamos hoje estender nosso amor aos nossos familiares, nossos irmãos menos ativos e vizinhos não-membros, nossos parentes falecidos ou qualquer pessoa que tenha necessidade de amor. Testifico que colheremos grandes bênçãos como indivíduos, como Igreja, como fraternidade humana quando aprendermos a viver para o amor abnegado ao próximo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

As Bênçãos da Auto-Suficiência



Élder Mark E. Petersen
do Quorum dos Doze Apóstolos

O pai de minha mulher era comandante de um navio que soçobrou. Enquanto ficaram horas e horas, vagando à deriva nos barcos salva-vidas, os sobreviventes cantavam: "Guia, Cristo, minha nau." (Hinos, nº 92.)

Junto com este coro e meus irmãos, testifico do Senhor Jesus Cristo, o Filho divino de Deus Onipotente, o Salvador do mundo, nosso Redentor. Sou grato pelo testemunho que prestamos, e ao nos aproximarmos da Páscoa, testificovos com meus irmãos que ele vive. Ele é o Cristo vivo.

Nossa grande missão como santos dos últimos dias é prestar testemunho dele. Basta orarmos conforme o coro acaba de cantar — "Guia, Cristo, minha nau" — e passaremos pela vida vitoriosos, não livres de problemas e provações, mas sempre acompanhados do Santo Espírito, que nos conduzirá em segurança.

Não é novidade para ninguém que vivemos num mundo em crise. Mas, o principal problema não é o que a maioria pensa. Não é fundamentalmente econômico, nem devido principalmente à carência de petróleo.

Nossa crise é fundamentalmente moral e espiritual. Precisamos voltar para Deus.

Visto que todos os seres humanos são seus filhos, seus mandamentos se aplicam a todos, dizem respeito a todos os aspectos de nossa vida. Se realmente queremos ter paz e felicidade neste mundo, precisamos ter fé suficiente para guardar os mandamentos. Se os ignorarmos ou violarmos, acarretaremos péssimas conseqüências a nós mesmos.

Não há como escapar a estas duas alternativas. Uma ou outra dominará nossa vida. Assim, resta-nos apenas ser realistas e encarar os duros fatos.

Embora Deus nos haja dado o livre arbítrio para fazer o que bem quisermos, ele espera que usemos nossa inteligência e engenhosidade para melhorar nossas condições, tanto no sentido temporal como espiritual. Ele quer que tenhamos sucesso e deseja ajudar-nos. O homem realmente existe para ter alegria. (Vide 2 Néfi 2:25.)

Então convém planejar bem nosso futuro e não viver inteiramente para o presente, nem supor que as coisas continuarão assim indefinidamente.

Precisamos ser laboriosos, frugais; temos de procurar equilibrar nossas necessidades e desejos, e particularmente reestruturar nossa vida sobre uma base espiritual.

Não somos filhos de Deus? Não devemos buscar primeiro sua maneira de fazer as coisas? Servindo-o apropriadamente, isto não nos dará uma base espiritual?

A vida nos confronta com muitos problemas sérios. Alguns são mo-



Presidente Ezra Taft Benson e Élder Mark E. Petersen, do Conselho dos Doze.

rais, outros econômicos, mas todos podem trazer-nos dificuldades.

Estamos realmente vivendo num mundo conturbado. Estamos rodeados por eles e sujeitos a todos os seus perigos, calamidades, persuasões, instigações e tentações. Todavia, apesar disso tudo, *não devemos ser do mundo.* É aqui que entra a espiritualidade. Assim, pois, não devemos cantar com o coro: "Guia, Cristo, minha nau"?

A origem dessa crise *espiritual e moral* é que tanta gente rejeita ou ignora os padrões de vida estabelecidos por Deus para nós, com muitos até mesmo tentando pô-lo de lado. Eles preferem as trevas à luz, porque suas obras são malignas.

Por exemplo, há muitos tipos de imoralidade procurando ferir de morte a pureza da vida. O que fazer a respeito? Capitular? De forma alguma! Devemos combatê-la com todas as nossas forças!

Devemos ser pessoalmente virtuosos e puros, e ensinar nossos filhos a serem puros. Acaso não ouvimos a voz do Deus Todo-Poderoso brandando a cada um de nós: "Sede limpos, vós que portais os vasos do Senhor?" (D&C 38:42.)

Estamos vendo o crescente consumo de bebidas alcoólicas, fumo e narcóticos diversos. O que fazer a respeito deles?

Devemos ser bastante leais ao Senhor para obedecer à Palavra de Sabedoria. Esta lei é mais vital e pertinente agora do que jamais foi. Ninguém consegue sobreviver à presente onda de vícios sem guardar a Palavra de Sabedoria.

O mundo tenta-nos a mentir, enganar e roubar; a sermos "descuidistas" ou coisa pior; a enlamear o bom nome alheio; a roubar a mulher ou marido de outro, o que é o pior tipo de roubo. O que fazer a respeito disso?

Devemos cumprir os Dez Mandamentos, evitando todas as formas de desonestidade e rejeitando qualquer tentação de cobiçar qualquer coisa pertencente ao próximo.

Devemos obedecer à décima terceira Regra de Fé: "Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes (e) virtuosos".

Haverá outra resposta?

Poderá um mentiroso, um ladrão, uma pessoa impura invadir o reino de Deus? Não com seus pecados! Eles poderão entrar somente depois de se haverem arrependido sincera e plenamente, nada aquém disso!

O mundo, porém, afeta-nos em outras áreas também, particularmente no aspecto econômico. Este inclui forte instigação a gastar mais do que ganhamos e assim nos afundarmos em dívidas. Ó, as tentações da propaganda bem feita, do crédito fácil, do uso insensato do cartão de crédito!



Presidência geral da Primária, a partir da esquerda: Irmã Dwan Jacobsen Young, primeira conselheira; Presidente Virginia Beesley Cannon; Irmã Michaelene Packer Grassli, segunda conselheira.

O que fazer a respeito disso tudo?

Primeiro e sobretudo, decidir-nos a não gastar mais do que ganhamos, a administrar nosso dinheiro com todo cuidado e a viver dentro do orçamento.

Devemos decidir perante Deus que seremos honestos e pagaremos nossas justas obrigações, não procurando eximir-nos delas. Seguramente devemos evitar qualquer compromisso financeiro que ultrapasse nossa capacidade de saldar.

Se for preciso limitar temporariamente nossa maneira de viver, acaso não devemos estar dispostos a fazê-lo, como meio de sobreviver financeiramente? Acaso não devemos estar dispostos a sacrificar nossos desejos habituais, se necessário, e nos adaptar às condições decorrentes da recessão econômica?

Muita gente boa guarda a maioria dos mandamentos de Deus concernentes à vida virtuosa, mas não liga para seus mandamentos em questões temporais. Não acatam suas advertências com respeito a se prepararem para uma emergência futura, achando aparentemente que, apesar de todas as dificuldades, "isto não acontecerá conosco". Nem sempre acontece ao outro ou é problema alheio. Quando há dificuldades econômicas, é nosso problema, também.

Preparar-se para o futuro faz parte do plano eterno de Deus, tanto espiritual como temporalmente. Proteger-nos contra reveses e tribulações é apenas ter bom senso.

Na rua em frente de minha casa,

existe uma fileira de castanheiras. Na primavera são lindas, todas cobertas de flores. No decorrer do verão, vejo as castanhas formando-se nas verdes cápsulas. No outono, elas caem no chão, e os esquilos aparecem como por encanto. Sentados na calçada, eles roem as cascas e saem correndo com as castanhas, a fim de estocá-las para o inverno. São uns animaizinhos trabalhadores e sensatos. Eles também não sentem medo, porque ninguém de nossa rua os perturba. É muito interessante ficar observando-os trabalhar para viver, como o fazem.

Eles não permitem que as castanhas se percam, nem uma só. Sabem que sua vida depende delas durante os meses frios e improdutivos do inverno, quando nada produzem as árvores. Eles não dependem de ninguém mais para colher as castanhas para eles. Dependem unicamente de si próprios. O Senhor lhes fornece o alimento, mas eles é que têm de colhê-lo. Eles nos ensinam uma grande lição de auto-suficiência, uma lição aplicável aos seres humanos, bem como às outras criaturas da natureza.

Então Deus nos ajudará igualmente nas horas difíceis? Naturalmente que sim! Acaso não disse: "Olhai os lírios do campo" (Mat. 6:28), e "olhai as aves do céu... Não valeis vós muito mais do que elas?" (Mat. 6:26.)

Certamente ele nos ajudará. Mas existe um importante *se* implícito — *se guardarmos seus mandamentos!*

Ele nos ensina a ser auto-suficientes e industriosos, a planejar para o futuro, a poupar para tempos difíceis, a evitar dívidas a menos que tenhamos certeza de poder saldá-las e depois, a servi-lo com tal devoção, que sinta prazer de contribuir para nossos esforços sinceros.

Mas ele espera, também, que tenhamos o bom senso de *limitar nossas obrigações financeiras a nossa esperada capacidade de saldá-las.*

Por que não estabelecer uma escala de prioridades para nosso planejamento familiar, de acordo com nossas condições financeiras, para assegurar que as coisas mais importantes venham realmente em primeiro lugar? Seguindo um plano assim, podemos evitar a dependência financeira.

Perguntemos sensatamente a nós mesmos, se nossos desejos — ou necessidades reais — determinam o que compramos.

O Senhor proporcionou-nos o programa de bem-estar. Ele é inspirado e aplica-se a todos os membros da Igreja. Uma parte muito importante desse plano é que nós — cada um de nós — aprendamos a ser independentes, ganhemos o próprio sustento, que aceitemos o princípio de ser previdentes, poupemos um pouco, façamos algumas reservas, vivamos dentro de nossos meios e façamos o possível para nos manter nos bons e nos maus tempos.

Não é isto a essência do plano de bem-estar?

Este grande programa nos ensina a fazer uma reserva de gêneros e utilidades básicas para um ano — nada de supérfluo e desnecessário. A gente consegue arranjar-se sem a cobertura do bolo e creme de leite batido na torta de maçã, não é?

E, se preciso, podemos arranjar-nos muito bem até sem bolo e torta de maçã, contentando-nos perfeitamente com os gêneros básicos.

Os armazéns de bem-estar ajudam muita gente digna em ocasiões de emergência. É para isto que existem. Qualquer um de nós pode sofrer uma tragédia que nos obrigue a receber tal assistência. E esse auxílio está sempre à disposição das pessoas dignas, sendo prestado com prazer.

Porém, o armazém mais importante de todo o plano de bem-estar é o existente dentro das paredes de nosso lar. Temos de organizar nosso próprio armazém para nossa própria família dentro de nosso próprio lar, na medida do possível, para eventuais tempos difíceis no futuro.

Os armazéns do bispo são maravilhosos e socorrem milhares de santos necessitados e fiéis, exatamente como deveriam. Porém, não se destinam, nem têm condições de satisfazer as necessidades dos quatro milhões e meio de membros da Igreja. São apenas para casos de emergência.

Mas em todos esses nossos esforços, não nos esqueçamos jamais de que nossa maior fonte de recurso *é o Senhor nosso Deus.*

Em outros tempos, ele disse a Israel que impediria as secas e proveria boas safras, *se* o servissem e guardassem seus mandamentos. O mesmo ele promete a nós.

Prometeu também que abriria as janelas do céu e derramaria bênçãos sem medida sobre nós, *se* pagássemos o dízimo honestamente. Assim, vemos que o princípio do pagamento do dízimo faz parte do plano do Senhor para nosso próprio bem-estar e autopreservação.

Disse ele que em nossos dias os santos "pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua". (D&C 119:4.)

Assim vemos, mais uma vez, que o pagamento do dízimo é parte do plano divino destinado a protegernos contra os tempos difíceis. Eu repito, o dízimo destina-se a protegernos dos tempos difíceis! Por que não o reconhecemos como tal? Por que alguns afirmam não poder pagar o dízimo, quando justamente o contrário é verdade?

E o que ele diz sobre quando sobrevierem as grandes tribulações? "Aquele que paga seu dízimo não será queimado..." (D&C 64:23.)

E o que mais disse ele? "Se meu povo não observar esta lei, para conservá-la sagrada, e por ela não santificar a mim a terra de Sião, para que nela se guardem os meus estatutos... na verdade vos digo que *ela não vos será terra de Sião.*" (D&C 119:6; grifo nosso.)

Assim, pois, compreendeis como a obediência à lei do dízimo é uma salva-guarda para nós?

E o que mais disse ele? Este é "um dia para o dízimo do meu povo" — agora — hoje — porque" o tempo compreendido entre o presente e a vinda do Filho do Homem se chama hoje". (D&C 64:23.)

Então, onde está a nossa fé? Onde foi parar nossa obediência?

E disse mais: "Não pouparei a nenhum que permanecer em Babilônia", (D&C 64:24), referindo-se, naturalmente, aos que rejeitam sua palavra e continuam praticando os costumes do mundo.

Assim, mais uma vez, ele dá ênfase ao aspecto moral da crise presente e ao lado espiritual dela.

Depois, acrescenta: "Trabalhareis no tempo que se chama hoje" (D&C 64:25), — obedecei-lhe, servi-



Os irmãos do Coro do Tabernáculo dirigidos por Jerold D. Ottley, com Robert Cundick ao órgão.

o e andai em retidão perante ele, e "sede limpos, vós que portais os vasos do Senhor". (D&C 38:42.) Esta é a lei!

Não nos esqueçamos de que é contrário à vontade do Senhor que qualquer um de nós seja escravo — em qualquer sentido — nem do pecado, nem do vício, nem de dívidas.

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." (João 8:32.) Ele disse — livre do pecado, livre de vícios de qualquer espécie e livre da escravidão das dívidas. A sua verdade, que é o seu evangelho, nos libertará — *se lhe obedecermos!*

Havemos de confiar nele? O fardo dele é tão mais leve que o do mundo.

"Vinde a mim", diz ele, "... e eu vos aliviarei." (Mat. 11:28.)

Ele nos ama. Ele velará por nós — e mesmo nos tempos difíceis nos fará prosperar — se não formos homens de pouca fé. Talvez nos ponha à prova, mas não nos abandonará.

Acaso não cantamos com toda sinceridade?

Que firme alicerce, ó santos do Senhor,
Tereis pela fé em Jesus o Salvador!
O Mestre querido vos há de guiar,
O vós que por Cristo viveis a lutar...
No mar ou na terra, em todo lugar,
De todo o perigo vos há de livrar...
(Hinos, n.º 49.)

Esta é sua promessa, e sua palavra não falha. Eu vo-lo testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Ninguém Deverá Acrescentar ou Tirar Qualquer Coisa



Élder Howard W. Hunter
do Quorum dos Doze Apóstolos

Recentemente, um jovem amigo que se encontra no campo missionário escreveu-me a respeito de uma pergunta que lhe fizeram sobre os últimos versículos da Bíblia e como se aplicam ao Livro de Mórmon. Todos sabemos que no fim do Apocalipse, último livro da Bíblia, seu autor João faz uma advertência e profere uma maldição sobre quem acrescentar ou tirar alguma coisa do referido livro. Eis as palavras exatas:

"Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia desse livro: Se alguém lhe acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro;

"e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão descritas neste livro." (Apo. 22:18-19.)

Estes versículos vêm sendo citados continuamente pelos que procuram desacreditar o Livro de Mórmon, alegando que Deus encerrou suas revelações ao homem. Nada mais deve ser acrescentado e nada deve ser tirado. Afirmam que o Livro de Mórmon é uma tentativa de acrescentar algo às palavras da Bíblia. Tais alegações já foram feitas quando da primeira publicação do Livro de Mórmon e continuam sendo feitas até hoje. Essas alegações terão alguma validade?

A resposta a essa questão é muito simples. A leitura atenta dos termos deixa perfeitamente claro que a advertência contra acrescentar ou tirar não se refere à Bíblia inteira, nem mesmo a todo o Novo Testamento, mas unicamente, segundo as próprias palavras de João, ao "livro desta profecia". Isto é, à profecia contida no livro de Apocalipse. Isto é consubstanciado pelo fato de que, quando João escreveu o Apocalipse, outros livros do Novo Testamento nem sequer haviam sido escritos, e mesmo os já existentes na época, não tinham sido reunidos numa só compilação.

A coletânea de escritos que forma os sessenta e seis livros que conhecemos como Bíblia foi reunida e compilada num só volume, muito depois de João haver escrito seu livro profético, que foi colocado no final da coletânea. Fica claro, portanto, que a terrível praga proferida sobre os que acrescentassem alguma coisa ao livro, não poderia absolutamente aplicar-se à Bíblia inteira, nem mesmo ao Novo Testamento, mas unicamente ao livro de Apocalipse.

Em segundo lugar, a advertência usa as palavras "profecia deste livro" e também "palavras do livro desta profecia". Em ambos os casos, o termo *livro* está no singular, podendo referir-se unicamente ao livro de profecia escrito por João e intitulado na Bíblia *"O Apocalipse de São João"*. Apocalipse, em grego, quer dizer revelação. O termo *livro* tinha que estar necessariamente no singular, pois quando foi escrito não estava associado a qualquer outro livro ou livros. Só depois de muitos anos de debates eclesiásticos é que ele foi acrescentado à coletânea conhecida como "O No-

vo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo''.

É interessante notar, também, que o próprio João contribuiu com novas escrituras depois de haver escrito o livro de Apocalipse, o qual se acredita, foi concebido durante sua permanência na Ilha de Patmos. Só muito depois de deixar essa ilha é que João escreveu sua primeira epístola. Este fato, por si só, bastaria para derrubar a afirmação de que a revelação estava encerrada e que estava vedado ao homem acrescentar algo às escrituras. Reforça a evidência de que João se referia exclusivamente ao livro de Apocalipse.

No Velho Testamento, encontramos igualmente vigorosas proibições e mandamentos contra o acréscimo ou retirada de palavras do que estava escrito. O primeiro está em Deuteronômio, escrito na época em que Moisés exortava Israel a viver a lei do Senhor. A Tora era lei oral e não havia sido escrita antes de sua codificação em Deuteronômio. Depois de registrada por escrito por Moisés, este, presumindo-a completa, escreveu antes de sua morte:

''Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando.'' (Deut. 4:2.)

Posteriormente, no mesmo livro, Moisés repetiu a advertência em termos semelhantes:

''Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.'' (Deut. 12:32.)

Estas admoestações do Velho Testamento provocam em certas pessoas a mesma dúvida com respeito ao restante da Bíblia, como a advertência no fim do Apocalipse suscita quanto ao Livro de Mórmon. Com efeito, essas passagens contêm a mesma injunção daquela no fim de Apocalipse e, se interpretadas da mesma forma, não haveria mais escrituras depois das de Moisés. Tamanho absurdo redundaria na rejeição da maior parte do Velho Testamento e *todos* os livros do Novo Testamento.

A leitura atenta de cada uma dessas admoestaçẽos deixa claro que é ao *homem* que está vedado modificar as revelações do Senhor; o *homem* é que não deve acrescentar ou tirar das palavras de Deus. Não existe nenhuma indicação ou insinuação de que Deus não poderia ou não pretendia fazer nenhum acréscimo ou eliminação; nem poderia qualquer pessoa de bom senso, com fé nos poderes divinos de Deus, acreditar que Deus pudesse admitir tal restrição. Sem dúvida ele tem o direito e poder de fazer revelações adicionais para a orientação de seus filhos em qualquer época, e dar-lhes mais escrituras.

O estudo das revelações do Senhor nos escritos sagrados confirma ser a revelação contínua que guia os profetas e a Igreja em todos os tempos. Não houvesse revelação contínua, Noé não se prepararia para o dilúvio que submergiu a terra; Abraão não teria sido guiado de Harã para Hebrom, a terra prometida. Revelação contínua conduziu os filhos de Israel do cativeiro de volta á terra prometida. A revelação através de profetas orientou os trabalhos missionários, dirigiu a reconstrução do Templo de Salomão e denunciou a infiltração de práticas pagãs entre os israelitas.

Antes de sua ascensão, Cristo prometeu aos onze apóstolos: ''Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.'' (Mat. 28:20.) Após a ascensão, ele continuou guiando a Igreja pela revelação até a morte dos apóstolos e subseqüente apostasia da Igreja de Jesus Cristo.

Um sinal distintivo dos últimos dias que precederão a segunda vinda do Senhor foi contemplado em visão pelo mesmo apóstolo que escreveu o livro de Apocalipse:



Alguns militares SUD assistindo à conferência.

"Vi outro anjo voando pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra e a toda nação, e tribo, e língua, e povo." (Apo. 14:6.)

O fato de João ver um anjo de Deus revelar de novo, num tempo futuro, o evangelho perdido, invalida o argumento de que nenhuma revelação poderia ser acrescida à Bíblia.

Testificamos ao mundo inteiro que ministradores celestiais apareceram em nossos dias, trazendo autoridade dos céus e restaurando verdades perdidas por causa da corrupção de ensinamentos e práticas. Deus voltou a falar e continua provendo orientação para todos os seus filhos através de um profeta vivo, hoje. Declaramos que ele, conforme prometeu, está sempre com seus servos e dirige os negócios de sua Igreja no mundo inteiro. Como nos tempos passados, a revelação dirige a obra missionária, a construção de templos, os chamados no sacerdócio, e faz advertências contra os males da sociedade que podem prejudicar a salvação dos filhos de nosso Pai.

Numa revelação a Joseph Smith, um profeta moderno, disse o Senhor:

"Pois não faço acepção de pessoas e desejo que todos os homens saibam que o dia rapidamente se aproxima; ainda não é chegada a hora, mas está perto, quando a paz será tirada da terra e o diabo terá poder sobre o seu próprio domínio.

"E o Senhor terá também poder sobre os seus santos, e reinará em seu meio," (D&C 1:35-36.)

O Salvador reina no meio dos santos hoje, através da revelação contínua. Testifico que está com os servos dele neste dia, assim como estará até o fim da terra.

Não tenhamos uma visão tão estreita a ponto de dizer que só os antigos recebiam revelação. Deus é misericordioso e ama seus filhos de todos os tempos, e a eles tem-se revelado até hoje. Disto presto solene testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Valores e Recompensas Morais



Élder Royden G. Derrick
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

A história dos povos da América antiga, registrada no Livro de Mórmon, mostra que as civilizações estão edificadas sobre princípios morais: quando o povo é moralmente forte, a coisa vai; quando são moralmente fracos, sofrem. Mostra que a liberdade não consegue sobreviver à moralidade e também não é de graça — precisa ser conquistada.

Ensina que o povo pode mudar, mas os mandamentos de Deus são imutáveis. Eles permanecem os mesmos, porque os princípios fundamentais da boa conduta são eternos e imutáveis. O Senhor nos deu instruções através das escrituras sobre como devemos conduzir-nos para enriquecer nossa vida, ter paz na alma, fortalecer nossa família e edificar a dignidade do homem.

Disse o Senhor: "Ouvi a minha voz e segui-me, e sereis um povo livre." (D&C 38:22.)

Durante seu ministério, dizia ele: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." (João 8:32.)

E diz o salmista: "Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor." (Salmos 33:12.)

Em Eclesiastes, lemos: "Teme a Deus e guarda seus mandamentos; porque este é o dever do homem." (Ecl. 12:13.)

Diz o Salvador: "Pois o que semeardes, isso colhereis." (D&C 6:33.)

E as escrituras modernas nos ensinam: "Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130: 20-21.)

A unidade básica de nossa sociedade é a família. Nossos valores morais estão estabelecidos em nosso relacionamento familiar. A responsabilidade de ensinar os princípios morais cabe ao lar. Mas nem todo lar oferece o amor e orientação necessários à paternidade responsável. Na sociedade ideal, o lar aceita a responsabilidade de ensinar os valores morais.

Diz o Senhor: "Mas vos mandei que criásseis vossos filhos em luz e verdade." (D&C 93:40.)

E novamente: "E eles também ensinarão suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:28.)

Os professores, tanto na igreja como na escola, deveriam ser aliados dos pais no ensino de valores apropriados que guiarão as crianças no caminho da vida. O lar deveria ser um laboratório de aprendizagem no qual esses valores e também outros mais delicados são inculcados na vida dos familiares por meio da vivência cotidiana. Então os três colaboram harmoniosamente no cumprimento dessa responsabilidade paterna.

Infelizmente, hoje, muitas sociedades do mundo não dão suficiente importância ao lar e à família. Recentemente, o *U.S. News and World Report* publicou um artigo citando estatísticas que mos-

tram uma decadência alarmante entre as famílias estadunidenses. Os problemas causadores dessa grave corrosão prendem-se a questões morais e egocentrismo. A família torna-se forte quando seus familiares se servem mutuamente. Quando nos concentramos no próprio conforto e satisfação de nossos apetites, a família e também a sociedade sofrem efeitos prejudiciais.

Passamos nosso tempo fazendo uma porção de coisas, algumas das quais afetam unicamente esta vida, e outras, esta vida e a vindoura. Edificar a família é um objetivo eterno. Os benefícios da unidade familiar poderão estender-se além da existência mortal.

Semanas atrás, numa viagem para Monterrey, México, sentei-me ao lado de um simpático mexicano de origem lamanita. Durante nossa conversa, soube que ele tinha oito filhos de quem obviamente se orgulhava. Incentivei-o a falar-me deles. Depois, indaguei:

— Quanto tempo pretende estar com eles?

— Enquanto eu viver.

— E depois?

— Estarei morto e voltarei ao pó.

Na Bíblia, lemos as palavras de nosso Salvador aos apóstolos pouco antes de sua crucificação: "Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar.

"E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também." (João 14:2-3.)

Perguntei-lhe o que Jesus quis dizer com isto. Ele ponderou a questão e dispôs-se a ouvir-me. Falei-lhe do mundo espiritual e da ressurreição e perguntei:

— O senhor realmente ama seus filhos?

Sua resposta foi um enfático sim.

— O que acharia de estar ao lado de sua esposa e filhos na vida futura?

— Não existe nada que eu gostaria mais.

Expliquei que poderia ser assim. Conversamos sobre o Livro de Mórmon — que é a história de seus antepassados, que contém o relato da visita de Cristo à América e que é a chave para se ter uma família eterna. Fi-lo anotar seu nome e endereço num cartão e prometi que mandaria entregar-lhe em sua casa um Livro de Mórmon em espanhol.

Chegando em Monterrey, dei a referência aos missionários. Na semana passada, recebi uma carta comunicando que haviam visitado a família, e que dizia:

"Na semana seguinte, depois da conferência, fomos procurar a casa do Roberto. Sua esposa chegou à cerca e supondo que fôssemos pregadores religiosos, disse-nos que não nos seria possível conversar com o marido, que ele estava muito ocupado. Mas, depois de algumas palavras e de mostrarmos o cartão que o senhor nos deu, ele imediatamente veio receber-nos de braços abertos. Entramos na casa e nos ajoelhamos em oração com a família. Eles têm oito lindos filhos. O Espírito do Senhor estava presente.

"Aceitou agradecido nossa oferta de voltar para ensinar-lhes o plano de salvação. Recebeu o Livro de Mórmon e prometeu lê-lo de capa a capa."

Como poderia qualquer pessoa sensata que ama sua família não querer dádiva tão preciosa — estar ao lado da esposa e filhos nesta vida e na próxima, incluindo ainda os pais e demais antepassados, e os netos e seus descendentes numa relação familiar eterna?

Dizem as escrituras: "Todos os convênios, contratos, laços, obrigações, votos, promessas, realizações, conexões, associações ou expectativas que não fo-



Visitantes da conferência se aquecem ao sol

rem feitos e selados pelo Santo Espírito da promessa... por revelação e mandamento. por intermédio do meu ungido, o qual, na terra para reter este poder designei,... não terão eficácia, virtude ou vigor algum na ressurreição dos mortos;... pois todos os contratos que não forem realizados com esse propósito têm fim quando os homens morrem." (D&C 132:7.)

Testifico que esta autoridade de Deus para selar pelo Santo Espírito da Promessa, para o tempo e toda a eternidade, está investida em nosso profeta, Spencer W. Kimball. Ele delegou, nos dias de hoje, essa autoridade devidamente para que tal obra sagrada de selamento das famílias para o tempo e eternidade possa ser realizada diariamente nos santos templos de Deus.

Como eu desejaria que meus amigos que não estão na Igreja escutassem esta importante mensagem — podeis estar com vossa família para sempre. Para qualificar-vos, basta guardar os mandamentos de Deus.

As escrituras nos dizem: "E o espírito e o corpo são a alma do homem." (D&C 88:15.) Quando o homem morre, seu corpo é sepultado e seu espírito vai para um lugar de espera, o qual chamamos de paraíso.

O Presidente Joseph F. Smith teve o privilégio de poder contemplar o mundo espiritual, remontando ao tempo do advento do Salvador no grande mundo dos espíritos dos mortos, quando de sua crucificação: "E vi as hostes dos mortos, pequenos e grandes.

"E estavam reunidos em um só lugar, um número incontável de espíritos dos

justos, que haviam sido fiéis no testemunho de Jesus, enquanto viveram na mortalidade...

"Todos esses partiram da vida mortal na esperança de uma gloriosa ressurreição através da graça de Deus, o Pai, e seu Filho Unigênito, Jesus Cristo...

"Enquanto aquela vasta multidão esperava e conversava, regozijando-se por saber que estava próxima a hora em que seriam libertados das cadeias da morte, o Filho de Deus apareceu, declarando liberdade aos cativos que tinham sido fiéis...

"Mas, aos iníquos ele não foi, e entre os incrédulos e os que não se arrependeram, que se corromperam enquanto estavam na carne, sua voz não foi ouvida...

"Mas eis que, dentre os justos, organizou suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade, e comissionou-os para que fossem e levassem a luz do evangelho àqueles que estavam na escuridão, mesmo a todos os espíritos dos homens. E desse modo, o evangelho foi pregado.

"E os mensageiros escolhidos foram pregar o dia aceitável do Senhor e proclamaram a liberdade aos cativos que estavam presos, mesmo a todos os que se arrependessem de seus pecados e recebessem o evangelho.

"Desse modo, foi pregado o evangelho àqueles que morreram em pecado, sem conhecer a verdade, ou na transgressão, tendo rejeitado os profetas." (D&C 138:11-12, 14, 18, 20, 30-32.) [Joseph F. Smith, Visão da Redenção dos Mortos.]

Hoje, também, existem espíritos aguardando o dia de sua libertação e ressurreição: "... os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam sua obra de pregação do evangelho de arrependimento e redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que estão nas trevas e sob a escravidão do pecado no grande mundo dos espíritos dos mortos.

"Os mortos que se arrependerem serão redimidos através da obediência às ordenanças da Casa do Senhor.

"E depois de haverem cumprido o castigo por suas transgressões e de serem purificados, receberão uma recompensa de acordo com suas obras, porque são herdeiros da salvação." (D&C 138:57-59.) [Joseph F. Smith, Visão da Redenção dos Mortos.]

Uma das maiores missões da Igreja é identificar individualmente as pessoas que morreram e realizar as necessárias ordenanças salvadoras em seu favor, pois não poderão fazê-lo pessoalmente. Uma vez realizadas as ordenanças, se a pessoa aceitar o evangelho no grande mundo dos espíritos, elas passam a ter valor.

Uma das ordenanças realizadas nos templos do Senhor é o selamento da esposa ao marido e dos filhos aos pais para os vivos, e por procuração para os mortos, ligando assim as famílias para toda a eternidade, dependendo de sua vontade de cumprir os princípios do evangelho.

E assim, quando os membros de uma sociedade servem ao Senhor de acordo com os mandamentos que dele receberam, e mantêm os devidos valores morais, recebem recompensas especiais tanto nesta vida como na vida vindoura. Este não é o programa de homens; é o programa de salvação do Senhor, o qual exalta e proporciona liberdade, em todos os sentidos do termo, àqueles que ouvirem sua voz e o seguirem, o que testifico em nome daquele que deu sua vida para que isto fosse possível, mesmo o Senhor Jesus Cristo. Amém.

Obediência — Obediência Plena



Élder Teddy E. Brewerton
do Primeiro Quorum dos Setenta

Quando o Presidente Tanner voltou depois de presidir as Missões Européias, perguntaram-lhe qual era, em sua opinião, o atributo mais importante para o sucesso de uma pessoa ou missionário. Após um breve pausa, ponderando as implicações da pergunta, ele respondeu com uma só palavra: "Obediência." Se não obedecermos, diminui nossa capacidade de obedecer. Nossa capacidade de reconhecer enfraquece.

Conforme diz o Senhor na seção 93: "E aquele ser iníquo... vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade." (D&C 93:39.)

Aristóteles declarou que os homens iníquos obedecem por medo e os bons obedecem por amor.

Henry Ward Beecher (Clérigo norte-americano, 1813-1887) diz que "as leis não são senhores, mas servos, e aquele que obedece a elas é que tem poder (*Proverbs from Plymouth Pulpit*, ed. Wm. Drysdale, New York: D. Appleton and Co., 1887, p. 65.)

O Élder Mark E. Petersen afirma: "Toda nossa religião baseia-se no fato da imortalidade. Homens voltaram da morte para efetuar a restauração do evangelho. Até mesmo veio o próprio Deus.

"Primeiro vieram o Pai e Jesus Cristo, seu Filho amado, em visitação a Joseph Smith, no sagrado bosque perto de Palmyra. Falaram-lhe face-a-face e responderam a suas perguntas.

"Morôni, também, veio repetidamente visitar e instruir o jovem profeta. Depois veio João Batista, o do Novo Testamento. Pedro, Tiago e João foram os seguintes. Moisés também apareceu no Templo de Kirtland. E a seguir veio Elias...

"Cada um deles era uma prova física da imortalidade, mas todos eles trouxeram mais que a prova da vida após morte. Cada um deles veio com um grande propósito — muito maior que prova da imortalidade. O Pai e o Filho introduziram a presente dispensação e forneceram o conhecimento da verdadeira natureza de Deus — que ele é uma pessoa e que o homem foi feito a sua imagem."

O Pai apresentou Cristo a Joseph como seu Filho Unigênito. Eles restauraram o conhecimento da verdadeira natureza de Deus.

"Morôni revelou o paradeiro do Livro de Mórmon. João Batista trouxe o Sacerdócio Aarônico; Pedro, Tiago e João trouxeram o Sacerdócio de Melquisedeque. Moisés trouxe as chaves da coligação dos judeus na Palestina e da coligação de Efraim e Manassés." E Elias... o que trouxe ele? ("The Sealing Power, The Mission of Elijah", discurso não publicado, dirigido ao Departamento Genealógico.)

Para que serve o poder selador? Capacita a família a permanecer



O Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Quorum dos Setenta, saúda a nova autoridade geral do quorum, Élder Angel Abrea.

unida após esta vida. Quem deseja que a unidade familiar termine com a morte? Nossa felicidade e alegria é a família. Mas, como conseguir essa bênção maior? Pela obediência — obediência aos requisitos da igreja restaurada de Jesus Cristo.

Na Missão Brasil São Paulo Sul, havia um élder, de nome Malheiros, que chegou ao campo missionário sem saber ler nem escrever muito bem. Tinha até um certo medo de orar em público. Mas esse moço, segundo o presidente de missão, Wilford Cardon, tornou-se um dos melhores missionários que se possa imaginar. Ao final de sua missão, o presidente perguntou-lhe como conseguira tornar-se um missionário tão dinâmico e de tanto sucesso. (Ele havia batizado mais de duzentas pessoas, tendo feito batismos durante cinqüenta e duas semanas consecutivas.) Com muita humildade, o Élder Malheiros respondeu: "Bem, presidente, nunca duvidei do senhor. O senhor disse que eu poderia batizar todas as semanas, assim eu sabia que era possível. Nunca duvidei. Nem sempre foi fácil, *mas eu procurei obedecer.*"

Por que o Irmão Saraiva, presidente do Ramo de Guaratinguetá, teve tanto sucesso como missionário? Ele ouvira o Élder Gordon B. Hinckley, numa conferência de estaca no Brasil, desafiar as pessoas a trazerem cem pessoas para a Igreja naquele ano. E assim, o Irmão Saraiva disse: "Por que não? Se um membro dos Doze afirma que é possível, *eu vou obedecer.*" Na última vez que conversei com o Irmão Saraiva, ele havia batizado mais de du-

zentas e cinqüenta pessoas.

Por que Floriano de Oliveira, membro do sumo conselho de uma estaca brasileira, tem tanto sucesso como missionário? Porque *obedeceu* à recomendação do Senhor de abrir a boca e falar do evangelho. Um dia, dirigindo no trânsito congestionado de São Paulo, ele desviou os olhos por um instante da rua e acabou batendo no carro da frente. Saltou do carro, correu para o carro em que batera, abriu a porta e disse: "Sinto muito de ter batido em seu carro. A culpa foi toda minha. Pagarei o prejuízo. Não tive intenção de bater, por isso peço que me desculpe. Contudo, se não houvesse acontecido a batida, o senhor não teria ouvido a mensagem que tenho para o senhor, a mensagem que espera a vida inteira." A seguir, explicou a restauração do evangelho ao homem, que era médico, e duas semanas depois ele se batizou na Igreja. Por que o Irmão Oliveira conseguiu batizar mais de duzentas pessoas? Pela obediência — *obediência ao pedido do Senhor.*

Em Alma 57, lemos a respeito dos dois mil e sessenta filhos de Helamã que combateram valentemente em muitas batalhas, infligindo a morte a todos os que se opunham a eles e à Igreja. Todavia, nenhum deles perdeu a vida, porque sabiam que, "se não duvidassem, Deus os livraria". (Alma 56:47.)

Alma 57:21 diz: "Sim, *cumpriram com exatidão e rigorosa obediência cada palavra de comando...*" (Grifo nosso.) *Eles demonstraram obediência total.* Daí seu incrível sucesso e proteção.

Examinemos por um momento alguns exemplos de desobediência, mesmo de homens com boas intenções, contudo desobedientes. Um exemplo poderia ser o de Uzá em I Crôn. 13:7-10. O povo fora advertido a não tocar na arca, símbolo do convênio. Mas, quando os bois tropeçaram e a arca parecia estar caindo, Uzá estendeu a mão para segurar a arca e foi imediatamente ferido de morte pelo Senhor. Uzá parecia estar justificado, e hoje consideramos sua punição um tanto severa. Mas, como diz o Presidente McKay, o incidente ensina uma lição da vida: obediência - obediência plena.

Gostaria de citar o exemplo de um grande homem, eleito de Deus, que por desobediência perdeu tudo o que era importante: o Rei Saul.

O Senhor dera uma designação especial a Saul: Destruir o povo de Amaleque! "Vai, pois, agora e fere a Amaleque, e o destrói totalmente com tudo o que tiver; não o poupes, porém matarás homens e mulheres, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos." (I Sam. 15:3.) Saul levou um exército colossal para destruir os amalequitas — 210 000 homens.

"Mas Saul e o povo pouparam a Agague, como também o melhor das ovelhas, dos bois, e dos animais gordos, e aos cordeiros, e a tudo o que era bom, e não os quiseram destruir totalmente." (I Sam. 15:9.)

Saul falhara. Irado por semelhante desobediência, o Senhor mandou Samuel censurar o rei.

"Samuel perguntou: Que quer dizer, pois, este balido de ovelhas que chega aos meus ouvidos, e o mugido de bois que ouço?

"Ao que respondeu Saul: De Amaleque os trouxeram, porque o povo guardou o melhor das ovelhas



Élder Marion D. Hanks e Élder Paul H. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta.

e dos bois, *para os oferecer ao Senhor teu Deus*; o resto, porém, destruímo-lo totalmente.

"Samuel, porém, disse: Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à voz do Senhor? Eis que o *obedecer é melhor do que o sacrificar*...

"Porquanto rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei." (I Sam. 15:14-15, 22-23; grifo nosso.)

Hoje, o porta-voz do Senhor na terra é o Presidente Kimball, e quando ele diz que devemos fazer determinada coisa, mesmo sendo pequena, qual é nossa resposta? Quando ele diz, por exemplo, limpai vossos quintais — fazei-o. Se ele diz, pintai vossas cercas — fazei-o. Quando ele pede mais um endowment por pessoa, por ano, — obedecei. Se ele diz, pelo menos mais um casal por ala no campo missionário — fazei-o. Quando ele manda evitar compras no domingo — evitai-as. Quantas bênçãos estamos perdendo por falta de obediência plena!

Pois bem, *por que obedecer?* Deuteronômio diz: "E guardarás os seus

estatutos e os seus mandamentos, que eu te ordeno hoje.'' Agora, porque: *''para que te vá bem a ti e a teus filhos depois de ti, e para que prolongues os dias na terra que o Senhor te dá, para todo o sempre.''* (Deut. 4:40.)

E novamente em Doutrina & Convênios, seção 98: ''E novamente vos digo que, se vos esforçardes para fazer o que vos mando, eu, o Senhor, *desviarei de vós toda a ira e indignação, e as portas do inferno não prevalecerão contra vós.''* (D&C 98:22.)

Citemos apenas mais um exemplo de como o Senhor protegeu seus santos na Igreja. Segundo a *História da Igreja*, no dia 19 de junho de 1834, os mórmons foram ameaçados por cinco homens, que, chegando a cavalo no acampamento, prometeram-lhes que ''veriam o inferno antes do amanhecer''. Disseram que uma tropa armada vinda dos condados de Clay e Ray, iria juntar-se às forças do Condado de Jackson no vau do Rio Fishing, disposta a destruir completamente o acampamento.

Enquanto os cinco continuavam no acampamento, esbravejando e jurando vingança, apareceram sinais de iminente temporal. Assim que os homens partiram, o temporal desabou com toda fúria. O granizo foi tão forte, que arrancou galhos das árvores e os galhos caíram em torno do acampamento, enquanto os troncos eram torcidos e arrancados pela força do vento. A terra estremeceu, e os rios transformaram-se em torrentes intransponíveis. Os arruaceiros se dispersaram, procurando abrigo que não conseguiam encontrar. Um deles foi morto por um raio e outro teve a mão arrancada por um cavalo alucinado. Eles dispersaram-se com medo, dizendo que, se era assim que Deus lutava pelos ''mórmons'', era melhor irem cuidar dos próprios negócios.

Na manhã de 21 de junho (apenas dois dias mais tarde), um certo Coronel Sconce, com mais dois companheiros, visitou o acampamento a fim de inteirar-se das intenções dos membros e disse: ''Vejo que um poder onipotente protege essa gente; pois vim de Richmond, Condado de Ray, com uma companhia de homens armados, com a firme intenção de destruí-los, mas fui impedido pelo temporal.''

O Profeta então lhes contou os sofrimentos dos santos, e eles partiram, prometendo usar de sua influência para acalmar seus opositores... (Vide *History of the Church*, 2:103-106.)

Durante todo o temporal, os membros do acampamento estiveram protegidos contra sua fúria. Por que foram protegidos? Por causa de sua *obediência* coletiva ao Senhor.

Seja esta nossa decisão: ''Tu nos dirás tudo o que te disser o Senhor nosso Deus, e o *ouviremos e o faremos.''* (Deut. 5:27.)

Meus verdadeiros sentimentos a respeito da Igreja são que eu sei de maneira definitiva, decisiva e indestrutível que Jesus é o nosso Redentor. Ele vive, assim como o Pai, e o Presidente Kimball é o servo vivo do Deus vivente. Olhemos para o profeta, ouçamo-lo, sigamo-lo e jamais nos perderemos. Esta é a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo sobre a face da terra, o que testifico em nome de nosso Redentor. Amém.

Salvando Outros Salvamos a Nós Próprios



Élder F. Burton Howard
do Primeiro Quorum dos Setenta

Faz muitos meses que estou longe da sede da Igreja. Aprendi muitas coisas e compreendi melhor muitas coisas que já sabia. Pude ver pessoalmente os desafios enfrentados pelos membros da Igreja no empenho de edificar o reino. Vi o tempo demasiado que os adultos são obrigados a gastar e os fardos financeiros que carregam. Tenho sentido preocupação dos pais com os filhos.

Dei-me conta de que, nesta época de ansiedade e, às vezes, egoísmo, não existem muitos entre nós dispostos a se privarem do conforto ou segurança duramente conquistado, a fim de preocupar-se com o bem-estar de outras pessoas fora de seu círculo de convívio imediato. Mas existem *alguns* que se dispõem a fazê-lo, e o fazem. Por toda parte em que estive, encontrei *alguns* membros dedicados que amam, oram e velam por seus semelhantes, tanto dentro como *fora* da Igreja. À guisa de parábola (creio poder chamá-la assim), gostaria de falar àquele comparativamente pequeno número de filhos de Deus que aprenderam a *viver* para o próximo — e mais particularmente para os que ainda não aprenderam.

Certo dia, numa região desértica, um grupo de viajantes se pôs a caminho. Fazia muito calor e a jornada era longa. Eles tinham pouco em comum, exceto o desejo de chegar a uma cidade distante. Todos eles levavam provisões e água, esperando poder reabastecer-se no caminho. Não muito distante do ponto de partida, formou-se forte temporal. Nuvens de pó obscureceram o sol, e a ventania em pouco tempo cobriu as partes mais baixas da estrada de areia. O que prometia ser um agradável passeio transformou-se em empresa arriscada. Os viajantes logo perceberam que a questão não era quando chegariam à cidade, mas se conseguiriam alcançá-la.

Confusão e dúvida se instalaram no grupo. Alguns procuravam abrigar-se, enquanto outros tentaram voltar. Uns poucos seguiram avante, apesar da tempestade. O fim do primeiro dia encontrou-os espalhados, perdidos no deserto, sem água e com poucas provisões. O novo dia trouxe consigo fome, sede e desespero. A tempestade continuava. Havia pouca esperança. Os marcos conhecidos haviam desaparecido. A estrada, estreita e difícil de seguir em condições ideais, estava coberta de areia e entulho. Ninguém sabia onde procurá-la. Muitos diziam conhecer o caminho, mas como não conseguiam chegar a um acordo, cada um seguiu seu próprio rumo em busca de água ou abrigo num povoado.

Ao fim de mais um dia, dois do grupo, semi-cegos pelo pó e exauridos, toparam inesperadamente com uma estalagem. Ali, naquele verda-

deiro santuário de paredes e telhado, se recuperaram e contaram suas bênçãos. Depois de reabastecidos, consideraram o restante da viagem. O tempo continuava instável. A ventania não amainara. A estrada mal demarcada serpenteava entre colinas onde a areia se amontoava e, diziam, assaltantes às vezes ficavam à espreita de viajantes incautos.

Um dos dois tinha pressa de chegar à cidade, onde o esperavam negócios importantes. Arrebanhou suas provisões e água, e pagou a conta. Partiu de madrugada, pretendendo atravessar a parte montanhosa antes do anoitecer. Mas a areia trazida pelo vento bloqueara a estrada, forçando-o a abrir caminho e fazer desvios. Ao cair da noite, estava distante da cidade, exausto e só. Quando adormeceu, foi encontrado por assaltantes que o deixaram ali sem provisões nem água, destinado à morte certa.

O segundo também estava ansioso de chegar ao seu destino. Lembrou-se, porém, dos outros que haviam ficado para trás. Estavam perdidos e logo pereceriam sem água e sem esperança. Só ele sabia onde encontrá-los, conhecia suas necessidades e condições. Levantou-se igualmente bem cedo e pagou a conta. Depois de olhar as colinas com sua promessa da cidade mais além, partiu na direção de onde viera. O céu já estava mais claro e conseguiu reconhecer alguns marcos familiares. Sabia mais ou menos onde deixara seus companheiros de jornada. Ficou gritando o nome deles e depois de horas de procura, encontrou grande parte deles. Dividiu



O Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, conferencia com seu secretário, Gary Gillespie.

com eles a preciosa água que levava e contou-lhes que conhecia o caminho. Falando como alguém que tem autoridade, os outros o seguiram e ele os levou até a estalagem. Ali descansaram e recuperaram as energias, além de se informarem do rumo para a cidade. Adquiriram novas provisões, reabasteceram-se de água e voltaram a enfrentar a ventania.

A jornada ainda era difícil. O vento continuava soprando forte, e nuvens cobriam o sol. A estrada ainda apresentava trechos cobertos com grossas camadas de areia. E assaltantes continuavam espreitando nas colinas. Mas agora ninguém estava só, eram um grupo. Quando a areia bloqueava o caminho, removiam-na em conjunto, os mais fortes ajudando os fracos. Chegando a noite, colocaram sentinelas para guardá-los. Ao fim de alguns dias, o segundo homem e seus companheiros chegaram em segurança ao seu destino.

Lá chegando, os que haviam sido salvos pelo segundo homem, reuniram-se em torno dele e disseram:

— Não teríamos conseguido chegar aqui sem você. Ser-lhe-emos eternamente gratos por ter-nos procurado e encontrado, dividido conosco sua água e pão. Sabemos que atrasou sua própria viagem e se arriscou no deserto para nos ajudar, quando estávamos perdidos. Como poderemos recompensá-lo?

E o segundo viajante replicou:

— Não me agradeçam, pois não foi por mim que encontrei a estalagem. A água teria sido amarga, se não a dividisse com vocês. Eu sei que não teria conseguido chegar à cidade sem vocês. Sua força e ânimo fizeram-me prosseguir. Sua presença impediu que fôssemos atacados pelos malfeitores. Compreendi que, para salvar minha vida, eu tinha de salvar a sua também. Sei que não é tanto a velocidade com que se viaja, mas antes o que se faz ao longo do caminho que determina se chegaremos ao nosso destino. Não me agradeçam. Na verdade, não fui eu quem os trouxe até aqui, nós nos trouxemos um ao outro.

E assim é. Nenhum de nós poderia ter chegado ao ponto de poder ouvir e apreciar esta grande conferência, sem a ajuda de outros. Nosso testemunho, nossas maiores bênçãos, nossa condição de membro e as atividades na Igreja — tudo isso devemos a freqüentemente desconhecidas e sempre inumeráveis pessoas que nos deram de seu tempo, sua paciência e amor, quando procurávamos encontrar nosso rumo no deserto. Elas nos trouxeram a água da vida, ou então aos nossos pais, ou aos pais de nossos pais. Quer o saibamos ou não, quer gostemos ou não, quer sejamos gratos ou não, nós estamos aqui por causa de outros. Não devemos dizer, ou melhor, não podemos dizer: — Foi uma jornada difícil, mas cheguei. Que os outros se arranjem como puderem. Não tenho tempo para levar água aos que estão perdidos. Não tenho nenhuma obrigação para com os que se perderam no deserto.

O Senhor dirige a obra na qual estamos engajados. Ele estabeleceu as condições que permitirão a homens e mulheres voltarem para junto dele. Ele sabe que, às vezes, nuvens obscurecem o sol, e o caminho fica difícil de encontrar. Conhecendo



Élder James E. Faust e Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze.

tão bem as dificuldades para se chegar ao destino, será que ainda espera que levemos conosco os que estão perdidos?

A resposta é clara. A que mais estaria ele se referindo, quando disse: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós a eles; porque esta é a lei e os profetas."? (Mat. 7:12.) Sem dúvida, tinha em mente nossas obrigações para com o próximo, ao falar da ovelha perdida e da água viva. A parábola do bom samaritano não pode ter outra aplicação, senão ao homem conhecedor do evangelho que encontrou outro que dele necessita. Porém, para que não houvesse a mínima dúvida, o Senhor falou em termos claros aos santos dos últimos dias. Suas palavras em Doutrina e Convênios são insofismáveis: "O evangelho é para todos os que não o tenham recebido. Mas, na verdade, eu digo a todos aqueles a quem *foi dado* o reino — por vós *deverá* ser pregado a *eles*. (D&C 84:75-76; grifo nosso.)

Que instruções ele nos deu, para ajudar-nos a chegar ao nosso destino? Mais uma vez, falou claramente por intermédio de um profeta moderno: "E agora, eis que te digo que a coisa de *maior* valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que *possas* trazer almas a mim e descansar com *elas* no reino de meu Pai." (D&C 15:6; grifo nosso.) Pois, conforme falou aos seus discípulos antigos: "Assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros." (João 13:34.)

Meus irmãos e irmãs, que possamos entender melhor os deveres associados ao nosso discipulado, eu oro humildemente em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Converter os Corações



Élder Hartmann Rector Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta

Considero uma grande honra e privilégio poder saudar-vos nesta tarde. Estou certo de que hoje o Senhor está profundamente preocupado com as famílias da terra.

A família é a unidade básica da sociedade e mais ainda, a unidade básica da exaltação. O Senhor determinou que as maiores bênçãos para seus filhos fossem recebidas através da família, e o templo, logicamente, é o meio de se criar essas famílias eternas, exaltadas.

Creio que a família, hoje, sofre ataques muito mais sérios que em qualquer outra época desde o princípio do mundo, com a possível exceção do tempo de Noé. Naquele tempo, deve ter sido igualmente muito ruim. Talvez, hoje, não sejamos tão maus quanto eles eram. Moisés diz no Livro de Gênesis: "Viu o Senhor que era grande a maldade do homem na terra, e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente." (Gên. 6:5.) Não creio jamais ter conhecido alguém cujos pensamentos fossem continuamente maus.

O Senhor disse ainda que toda a carne estava corrompida naqueles dias, e por isso mandou o dilúvio para destruir toda a carne, exceto Noé e sua família. Por conseguinte, somos todos descendentes do justo Noé. Mas o conceito de família está sob cerrado ataque no mundo inteiro, hoje.

Dizia o Senhor no Monte Sinai: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êx. 20:12.) Hoje, parece-me, temos condições semelhantes às enfrentadas por Noé; e o Senhor fala de ferir a terra com maldição, como aconteceu na ocasião do dilúvio, e isto se não houver a conversão do "coração dos pais aos filhos, e do coração dos filhos a seus pais". (Mal. 4:6.)

Alguns acham que essa conversão dos corações é tarefa exclusiva de Elias, mas em Doutrina & Convênios, o Senhor passa esse encargo a *nós*, dizendo: "Procurai diligentemente volver os corações dos filhos a seus pais, e o coração dos pais ao filhos." (D&C 98:16.)

Elias veio para entregar as chaves, mas para realizar a obra, o Senhor depende de nós. Numa tradução um pouco mais clara da passagem de Malaquias, diz o Senhor:

"Eis que vos revelarei o sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

"E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

"Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída em sua



vinda. (D&C 2:1-3; ver também Joseph Smith 2:38-39.)

A nós, pois, cabe a seríssima tarefa de tentar salvar a terra ou de impedir que seja "destruída" na vinda do Senhor. Esta terra foi criada a fim de que Deus, o Pai, tivesse para onde mandar seus filhos, com a finalidade de receberem um corpo de carne e ossos e serem postos à prova. Se não permitirmos mais que o Senhor mande seus filhos para esta terra, ela perderá seu valor e certamente será destruída, como nos dias de Noé.

Então, o que devemos fazer? Obedecer ao profeta vivo, pois nisto reside nossa única segurança. Ele diz, entre outras coisas:

1. Completar os registros de quatro gerações e prosseguir o mais longe possível.

2. Escrever a história pessoal e familiar.

3. Realizar um número razoável de ordenanças no templo, freqüentando-o na medida do possível.

Pessoalmente, creio que escrever a história pessoal e familiar contribuirá mais para voltar o coração dos filhos aos pais, e dos pais aos filhos, do que praticamente qualquer outra coisa que possamos fazer. Estou certo de que nada servirá melhor para converter a vós o coração de vossos filhos, do que manter um diário e escrever sua história pessoal. Eles acabarão encantados em saber de seus sucessos, fracassos e peculiaridades. Além disso, descobrirão uma quantidade de coisas a respeito de si

próprios. Neles surgirá então um grande desejo de formar uma família própria, quando virem a grande bênção que representaram para vós.

Duvido seriamente, também, de que vosso coração se volte mais para vossos pais do que escrevendo a história familiar. Antes de fazê-lo, tendes de saber uma porção de coisas a seu respeito, o que vos induzirá a muita pesquisa. Prometo que passareis a amá-los, quando os conhecerdes melhor. Eram gente nobre, e sacrificaram-se muito para legar-vos a herança que tendes hoje. Merecem o melhor que lhes puderdes dar, isto é, tornar-se membros da Igreja e do reino de Deus, e o selamento aos seus entes queridos.

Estou convicto de que esses registros que fomos mandados fazer são absolutamente vitais, não só para a salvação de nossos antepassados, mas igualmente para a nossa, pois não seremos julgados pelos livros que João viu, segundo diz em Apocalipse 20:12?

"E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono; e abriram-se uns livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras."

Depois de citar este versículo, o Profeta Joseph Smith disse, conforme consta em Doutrina & Convênios 128:7-8:

"Vereis por esta citação que se abriram os *livros*; e abriu-se um outro livro, que era o livro da vida; mas os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos *livros*, segundo suas obras; conseqüentemente, os *livros* mencionados devem ser aqueles contendo o registro de suas obras, e referem-se aos registros feitos na terra...



Visitante da conferência.

"Agora, a natureza desta ordenança reside no poder do sacerdócio, pela revelação de Jesus Cristo, em que é concedido que tudo o que ligardes na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra será desligado nos céus. Ou, em outras palavras, sob outro ponto de vista da tradução, tudo o que registrardes na terra será registrado nos céus, e tudo o que não registrardes na terra, não será registrado nos céus; pois pelos *livros* serão julgados os vossos mortos." (D&C 128:7-8; grifo nosso.)

Às vezes nos parece que simplesmente não temos tempo de cuidar de nosso diário. Será mesmo? Em agosto último, o Presidente Kimball dizia na Conferência Mundial sobre Registros: "Até agora, quanto à minha história pessoal, consegui encher setenta e oito volumes grandes, que são meu diário pessoal. Houve



Élder Loren C. Dunn e Élder Theodore M. Burton, do Primeiro Quorum dos Setenta, à espera do início de uma sessão da conferência.

ocasiões em que eu estava tão cansado ao fim do dia, que o esforço parecia inexeqüível, mas sou grato por não haver deixado escapar de mim e de minha posteridade as coisas que precisavam ser registradas." (*Ensign*, outubro de 1980, p. 72.)

"A maior responsabilidade neste mundo que Deus nos impôs é a de buscar nossos mortos.

"Os membros da Igreja que negligenciam esse dever em favor de seus parentes mortos põem em perigo a si próprios." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 348 e 188.)

Para tornar-se um salvador no Monte Sião, portanto, é preciso muito mais do que a simples execução de ordenanças no templo. Requer também a história pessoal e familiar, bem como pesquisas genealógicas para as folhas de quatro gerações e além — mais a participação no programa de extração de nomes.

Naturalmente, nada disso teria grande valor, se não tivéssemos uma casa santa para realizar essa obra. Neste sentido, a construção de templos torna-se a mais importante obra da atual dispensação. Quão glorioso viver na terra nesta época, podendo participar da grande obra de edificação da casa do Senhor nas nações do mundo, para que as ordenanças salvadoras do evangelho e os laços que unem as famílias eternas sejam disponíveis a todos os filhos da terra! Sem dúvida, somos o povo mais abençoado que já viveu, do que presto testemunho em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

"Sobre Esta Rocha"



Élder Bruce R. McConkie
do Quorum dos Doze Apóstolos

Tenho um amigo, cuja memória bendigo, cujo nome reverencio e do qual aprendi muito mais que de com qualquer outra pessoa. Se eu puder ser guiado por seu Espírito, falar-vos-ei a respeito de algumas das grandes verdades que ele me ensinou.

Ele fez provavelmente o maior sermão já proferido por lábios mortais, num monte perto de Cafarnaum, onde morava há muitos, muitos anos atrás.

Suas assombrosas palavras, dirigidas então a milhares de seus amigos judeus, iluminaram suas almas com a luz do céu e inflamaram-nos com as chamas do testemunho. Jamais um homem falou como ele. E mesmo agora, lendo e ponderando suas palavras, o coração arde em nosso peito.

Como clímax do seu Sermão da Montanha, deu-nos este conselho:

"Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou sua casa sobre a rocha.

"E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa; contudo não caiu, porque estava fundada sobre a rocha.

"Mas todo aquele que ouve estas palavras, e não as põe em prática, será comparado a um homem que edificou sua casa sobre a areia.

"E desceu a chuva, correram as torrentes, sopraram os ventos, e bateram com ímpeto contra aquela casa, e ela caiu; e grande foi sua queda." (Mat. 7:24-27.)

Toda pessoa nascida neste mundo edifica uma casa sobre alicerces de sua própria escolha. E toda casa edificada nesta esfera mortal está sujeita a ventos e embates da vida. Nossa provação mortal exige chuvas, ventos, torrentes, de acordo com seu divino propósito.

Vivemos em meio ao torvelinho de um vendaval de pecado. As chuvas do mal e os ventos de falsa doutrina, e as torrentes da carnalidade assaltam toda casa.

Está em nosso poder edificar uma casa de fé, uma casa de retidão, uma casa de salvação.

Podemos, se o quisermos, edificar até uma casa de Deus, sagrado santuário, um templo do Deus vivo. Na verdade, todo santo dos últimos dias verdadeiro e fiel edificou para si um "santuário de Deus", no qual o "Espírito de Deus habita". E como diz Paulo: "Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque sagrado é o santuário de Deus, que sois vós." (I Cor. 3:16-17.)

Se nossa casa for edificada sobre a rocha com tijolos e argamassa de boas obras, resistirá às tempestades e perigos da vida, e nos preservará para a herança eterna na esfera vindoura. Se for edificada sobre as areias do mal com pregos enferrujados e o madeirame podre das coisas

carnais, ela será destruída pelas chuvas, e ventos, e os embates das torrentes.

Aprendamos com nosso velho Amigo onde e como ele quer que edifiquemos a casa que será nossa nos dias de nossa mortalidade.

Observemos a doce e tocante cena ocorrida perto de Cesaréia de Filipe, ao norte do Mar da Galiléia e proximidades do Monte Hermon. As multidões que pouco antes o queriam coroar rei e cujos clamores por pão terreno haviam provocado a recusa no Sermão do Pão da Vida — essas multidões se haviam afastado.

O pequeno grupo remanescente de verdadeiros e valorosos crentes que contemplamos necessita de alimento espiritual. Primeiro oram; depois Jesus testifica de sua filiação divina conforme fez tantas vezes durante sua vida terrena.

Ele pergunta aos discípulos quem os homens dizem ser o Filho do Homem. (Vide Mat. 16:13.) A própria pergunta é um testemunho de sua Divindade, pois ele sabe e os discípulos sabem que o nome de seu Pai é Homem de Santidade e que o nome de seu Filho Unigênito é Filho do Homem de Santidade.

Suas respostas desvendam as fantasias e ilusões de um povo apóstata. Alguns, dizem eles, aceitam a opinião expressa do malvado Antipas que, tendo morto o bendito Batista, agora o julga ressuscitado da morte.

Outros, dizem, julgam ser Elaías que deveria restaurar todas as coisas, ou Elias que deveria vir antes do grande e terrível dia; ou Jeremias que, segundo suas loucas tradições, escondera a arca do concerto numa caverna do Monte Nebo e viria preparar o caminho para o Messias, restituindo a arca e o Urim e Tumim ao Santo dos Santos.



Um coral de jovens canta em uma das sessões da conferência.

Segue a pergunta que toda alma vivente é obrigada a responder com acerto, para ganhar a salvação: "Mas vós... quem dizeis que eu sou?" (Mat. 16:15.) Vós, apóstolos do Senhor Jesus Cristo; vós, santos do Altíssimo; vós, almas devotas que buscais salvação: O que pensais? A salvação está em Cristo ou estamos a procura de outro alguém? Que todo homem fale por si mesmo!

Naquela ocasião, primeiro Simão Pedro, depois todos os outros o aclamaram: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mat. 16:16.) Tu és o Messias prometido, o Unigênito na carne; Deus é o teu Pai!

Que coisa maravilhosa, assombrosa. Conforme diz Paulo: "Grande é o mistério da piedade; aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória." (I Tim. 3:16.)



Visão geral dos visitantes da conferência ouvindo os discursos das Autoridades Gerais através de tradução simultânea.

E então, aos pés da montanha onde logo será transfigurado, o Filho do Homem, cujo Pai é divino, aceita e aprova o solene testemunho de seus amigos: a Pedro ele diz:

"Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas." (Mat. 16:17.) Com que cuidado e propriedade Jesus preserva a distinção entre ele e todos os homens. Ele é o Filho de Deus; Pedro é o filho de Jonas. O Pai de Jesus é o imortal Homem de Santidade; o genitor de Pedro é um homem mortal.

Mas, por que Pedro é tão bem-aventurado? Porque sabe, pelo poder do Espírito Santo, que Jesus é o Senhor; o Santo Espírito falou ao espírito que habita o corpo de Simão, declarando ao principal dos apóstolos a Filiação divina de Jesus de Nasaré, da Galiléia.

"Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas", disse Jesus, "porque não foi a carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus." (Mat. 16:17.)

E mais uma vez Jesus alude à diferença de paternidade entre ele e Pedro, e continua suas palavras de bênção e doutrina, dizendo: "E sobre esta pedra" — a rocha da revelação — edificarei minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mat. 16:18.)

E como poderia ser doutra maneira? Não existe outro fundamento sobre o qual o Senhor poderia edificar sua igreja e reino. As coisas de Deus são conhecidas somente pelo poder do seu Espírito. Deus é revelado ou permanece sempre desconhecido. Nenhum homem consegue saber que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.

Revelação: Revelação pura, per-

feita, pessoal — esta é a rocha!

Revelação de que Jesus é o Cristo: A simples, maravilhosa palavra vinda de Deus nos céus ao homem na terra, a palavra que afirma a divina Filiação de nosso Senhor — esta é a rocha!

A divina filiação de nosso Senhor: A palavra segura, celeste, de que Deus é seu Pai e que ele trouxe à luz a vida e imortalidade através do evangelho — esta é a rocha!

O testemunho de nosso Senhor: O testemunho de Jesus, que é o espírito de profecia — esta é a rocha!

Tudo isto é a rocha, e ainda muito mais. *Cristo é a Rocha:* a Rocha Eterna, a Rocha de Israel, o Firme Fundamento — o Senhor é nossa Rocha!

Novamente ouvimos a voz de Paulo: "Ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo." (I Cor. 3:11.) E mais: "Vós sois edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Cristo a principal pedra da esquina." (Ef. 2:20.)

Ao ponderar todas essas coisas e começar a entender seu pleno sentido, voltamos a ouvir a exortação de nosso velho Amigo apostólico: "Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos." (II Cor. 13:5.) E assim todos nos perguntamos: Será que as portas do inferno prevalecerão contra nós?

Se edificarmos nossa casa de salvação sobre a rocha da revelação pessoal, se a edificarmos sobre a realidade revelada de que Jesus é o Senhor, se a edificarmos sobre aquele que é a Rocha Eterna — ela resistirá para sempre.

Se nos deixarmos guiar pelo espírito de revelação, enquanto estivermos aqui na mortalidade, conseguiremos resistir a todas as torrentes e vendavais que nos atingirem.

Se estivermos fundamentados sobre a rocha, adoraremos o Pai em nome do Filho pelo poder do Espírito Santo.

Se estivermos fundamentados sobre a rocha, saberemos que salvação vem pela graça de Deus aos que crêem no evangelho e guardam os mandamentos.

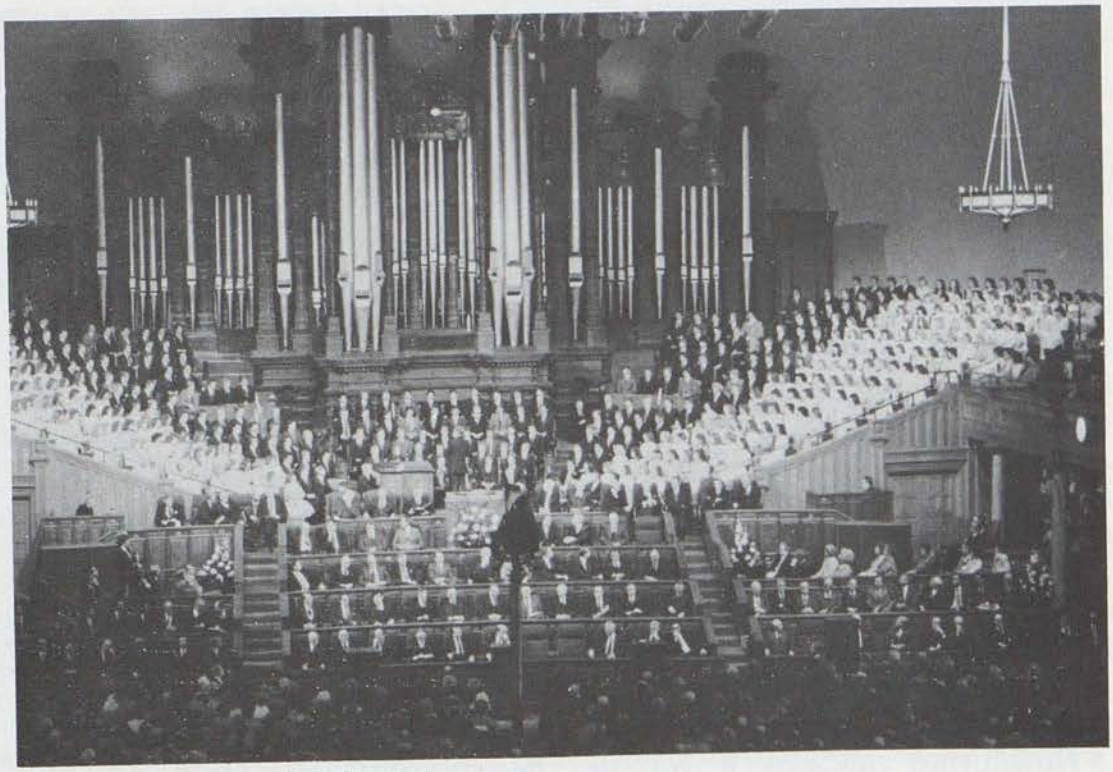
Se estivermos fundamentados sobre a rocha, abandonaremos o mundo, fugiremos das coisas carnais e levaremos uma vida justa e virtuosa.

Se estivermos fundamentados sobre a rocha, as portas do inferno não prevalecerão contra nós. Enquanto permanecermos dentro de nossa casa de fé, estaremos protegidos, quando sobrevierem as chuvas do mal, quando soprarem os ventos da falsa doutrina e quando formos atingidos pelas torrentes da carnalidade.

Graças sejam a Deus que nós, santos dos últimos dias, estejamos fundamentados sobre a rocha. E por isso, os fiéis entre nós ouvem uma calma voz de silenciosa certeza, dizendo: "Se tu construíres a minha igreja sobre o alicerce do meu evangelho e minha rocha, as portas do inferno não prevalecerão contra ti...

"Eis que tendes diante de vós o meu evangelho, a minha rocha e a minha salvação." (D&C 18:5, 17.)

E assim testificamos com Pedro e os outros apóstolos antigos, que sabemos como eles sabiam, essas coisas que a carne e o sangue não podem revelar ao homem. Nós sabemos pelo poder do Espírito Santo,



Uma visão geral do Coro do Tabernáculo.

que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivo e que foi crucificado pelos pecados do mundo.

Conceda Deus que consigamos ser fiéis àquele cujo nome é o único pelo qual vem a salvação. Ele é nosso Amigo, nosso Senhor, nosso Rei, nosso Deus e nossa Rocha.

E permiti-me acrescentar, falando como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, que entrelaçado a este testemunho que prestamos e foi prestado pelos antigos — e falo por mim mesmo e pelos demais Doze — que nós sabemos que Deus voltou a restaurar a plenitude do seu evangelho eterno nestes últimos dias, para a salvação de todos os homens na terra que creiam e obedeçam; e que ele chamou Joseph Smith Jr. para ser seu profeta moderno, o primeiro e principal apóstolo na dispensação da plenitude dos tempos, dando-lhe todas as chaves e sacerdócio e poder que Pedro e os apóstolos antigos tinham na época de seu ministério; e que essas chaves e esse santo apostolado foram transmitidos desta maneira: Joseph Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff, Lorenzo Snow, Joseph F. Smith, Heber J. Grant, George Albert Smith, David O. McKay, Joseph Fielding Smith, Harold B. Lee e Spencer W. Kimball; e que esse santo apostolado e essas chaves hão de continuar passando de um apóstolo para outro até que o Senhor Jesus Cristo venha nas nuvens do céu para reinar pessoalmente na terra. E isto eu digo não de mim mesmo, mas em nome do Senhor, como seu representante e dizendo o que ele diria, se estivesse aqui pessoalmente. Ele é o único nome dado debaixo do céu mediante o qual vem a salvação e nós somos os ministros dele. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Estamos a Serviço do Senhor



Presidente Spencer W. Kimball

Meus amados irmãos e irmãs, esta tem sido uma gloriosa conferência. Somos gratos a todos os que participaram de alguma forma. Meu coração sentiu-se comovido, regozijei-me e fui inspirado ouvindo as palavras dos oradores, a música e tudo o que se deu.

Estamos satisfeitos de poder receber o Élder Angel Abrea como membro do Primeiro Quorum dos Setenta. Por ora, ele retornará para Rosario, Argentina, a fim de continuar cumprindo seu presente encargo de presidente daquela missão. Ele contribuirá em muito para o vigor e intensidade da liderança de nossa Igreja, como o mais novo integrante das Autoridades Gerais.

Em nossas extensas viagens durante os últimos seis meses, a Irmã Kimball e eu nos sentimos grandemente incentivados e satisfeitos com a vitalidade e crescimento da Igreja, com a dedicação e serviço abnegado dos membros nas estacas, alas e missões.

Nesta conferência, fomos aconselhados a preservar nossos recursos e aliviar os fardos financeiros de nosso povo. Voltamos a recomendar o cultivo de hortas domiciliares e a manutenção de uma reserva de mantimentos e roupas para um ano, para tempos de necessidades.

Instamos com todos os santos dos últimos dias a serem bons vizinhos e bons cidadãos, leais a sua bandeira e pátria. "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, na obediência, honra e manutenção da lei." (12º Regra de Fé). Todos os norte-americanos, na verdade todas as pessoas do mundo civilizado, ficaram chocados e entristecidos com o terrível atentado ao presidente do Estados Unidos na semana passada, quando ele e mais



O Élder F. Enzio Busche, do Primeiro Quorum dos Setenta, ouve alguns visitantes da conferência.

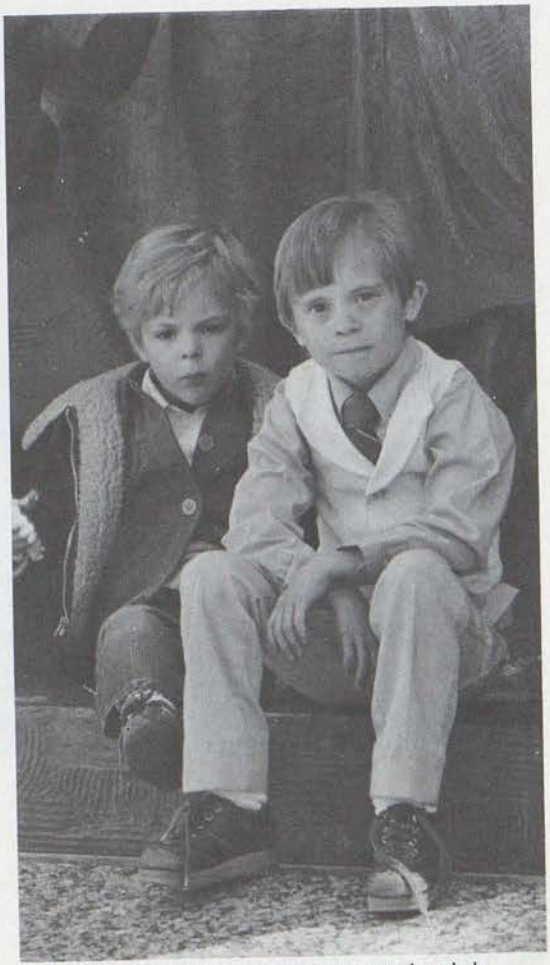
três pessoas foram gravemente feridos. Confio que todos vós me acompanheis em fervorosa oração para que o Presidente Reagan e seus companheiros possam retomar seu trabalho com plena saúde e vigor. Deploramos esses atos de violência onde quer que aconteçam.

Durante esta conferência, focalizamos principalmente a missão básica da Igreja. Fomos aconselhados a dirigir a expansão da Igreja com "sabedoria e ordem". (Mosiah 4:27.) Somos instados a qualificar-nos para receber todas as ordenanças e bênçãos do evangelho, guardando os mandamentos, cumprindo nosso dever e pagando o dízimo honestamente e generosas ofertas de jejum.

Reunidos neste histórico Tabernáculo para tratar das coisas da eternidade, pareceu-me que o tempo parou, ainda que lá fora os acontecimentos mundiais continuem precipitando-se.

Regozijo-me convosco pelo anúncio de planos para a construção de mais nove templos nos Estados Unidos, América Latina, Ásia, África e Europa. Quando estiverem prontos e dedicados daqui a aproximadamente dois anos, o número total de templos espalhados pelo mundo será de trinta e sete. Agrada-nos poder prover acesso mais fácil aos templos para os santos que agora são obrigados a empreender longas viagens com grande dispêndio de tempo e dinheiro para chegarem ao templo mais próximo.

Noutro dia, após a última sessão da conferência, ficamos surpresos em encontrar considerável número de santos da Coréia aqui presentes. E eles nos falaram de sua grande



Dois jovens visitantes encontram um local de descanso na base de uma das estátuas da Praça do Templo.

alegria ao serem informados da perspectiva de terem um templo na Coréia. Eles trouxeram consigo cerca de cinqüenta milhões de folhas genealógicas preenchidas de famílias coreanas.

Mas esses templos são apenas o começo. À medida que a obra progride, haverá grande número de templos espalhados pelo mundo.

Estamos todos plenamente cônscios, meus irmãos e irmãs, da conturbação do mundo. Somos continuamente provados e testados como indivíduos e como igreja, e devemos esperar ainda mais tribulações; mas não desanimeis nem esmoreçais.



Lembrai-vos sempre de que o adversário não ligaria a mínima para nós, se esta não fosse a obra do Senhor. Fosse a Igreja mera igreja de homens ensinando doutrinas de homens, encontraríamos pouca ou nenhuma oposição ou crítica. Mas como é a Igreja daquele cujo nome ostenta, não nos devemos surpreender com as críticas e dificuldades que sofremos. Com fé e boas obras, a verdade prevalecerá. Esta é a obra do Senhor. Não existe outra igual. Por isso, sigamos avante, alargando nossos passos e regozijando-nos com nossas bênçãos e oportunidades.

Ao chegarmos ao final desta grandiosa conferência, gostaria de dizer-vos, meus irmãos e irmãs, que vos amamos de todo o coração. Apreciamos tudo o que fazeis, mas, logicamente, como sempre, resta ainda muito o que fazer. O campo está branco, e o tempo é tão curto e tão escasso o número de obreiros para compartilhar o evangelho com os demais filhos de nosso Pai em todas as partes do mundo.

Rogamos ao Pai Celeste que vos dê forças para divulgar vosso conhecimento entre as pessoas de sua vizinhança que dele necessitam, e para levar o evangelho às regiões do mundo que hoje precisam dele mais do que nunca.

Meus irmãos e irmãs, testifico-vos que esta é a obra do Senhor e é verdadeira. Estamos a serviço do Senhor. Esta é a Igreja dele, ele a dirige e é sua principal pedra de esquina. Deus vive e Jesus é o Cristo, o Filho Unigênito, o Salvador e Redentor do mundo. Deixo-vos este testemunho com minhas bênçãos, meu amor e meu afeto, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Buscai as Coisas Fundamentais



Presidente Spencer W. Kimball

Meus queridos irmãos e irmãs: Ao ponderar as condições sociais e econômicas que enfrentamos hoje, meus pensamentos voltaram-se para nossa herança pioneira. Nosso povo sempre teve de enfrentar muitas e variadas dificuldades que puseram nossa fé à prova. Tem sido assim desde o princípio.

Durante o inverno de 1846-47, quando os santos se encontravam acampados em Winter Quarters, preparando-se para a longa e difícil jornada pelas planícies, meu avô, Heber C. Kimball, conselheiro de Brigham Young por vinte e um anos, era um deles. Naquele inverno, o Senhor declarou numa revelação ao Presidente Young: "Meu povo *deve ser provado* em todas as coisas, para que esteja pronto a receber a glória de Sião; e aquele que não suportar castigos, não será digno do meu reino." (D&C 136:31; grifo nosso.)

Poucos milagres em nossa história suplantam o da colonização de uma região deserta que ninguém queria, fazendo-a florescer como a rosa. Nosso povo não só sobreviveu, mas prosperou por causa de sua *fé* e *solidariedade familiar*. O caráter dos pioneiros foi forjado pelo trabalho árduo, sacrifício, solidariedade e dependência do Senhor.

Lembro-me muito bem de minha meninice no Arizona. Nosso sustento vinha da terra. Havia pouco dinheiro, e raras vezes. Passar sem ele e arranjar-se com o que tínhamos era nossa maneira de viver. Nós sempre compartilhávamos tudo — o trabalho, alegrias e tristezas, alimento e recursos. Havia uma preocupação genuína com os outros. As orações diárias lembravam-nos que dependemos do Senhor. Orávamos e trabalhávamos continuamente, para prover nosso pão de cada dia.

Dessas experiências pioneiras nasceram fortes laços familiares. Agora, nossos recursos estão escasseando. Porém, nossa disciplina herdada dos pioneiros pode e há de ajudar-nos a vencer estes tempos difíceis.

Embora realizando sessões de bem-estar há anos, nunca tivemos uma em ocasião mais importante que agora. Preocupados com as necessidades econômicas básicas de nosso povo, precisamos voltar aos princípios básicos. Sou grato pelas lições de nosso passado pioneiro, no qual as pessoas eram ricas, espiritualmente, embora tivessem de arranjar-se sem grande parte das boas coisas do mundo.

Os que militam na obra do Senhor precisam reconhecer que o trabalho é uma necessidade espiritual e econômica. Nossos antepassados pioneiros sabiam disso.

Assim como os pioneiros compartilhavam o que tinham com os pobres, devemos dar uma generosa oferta de jejum — não apenas o custo de duas refeições.

Nossos antepassados pioneiros



não esperavam que o governo cuidasse de sua família. Esta era seu tesouro e responsabilidade.

Planejai e trabalhai de maneira que sejais felizes, mesmo sem as coisas pretensamente necessárias a uma vida confortável. Vivei com o que tendes, evitai a todo custo as dívidas. Se tiverdes um pedacinho de chão, cultivai uma horta. Mexer na terra é bom para a alma. Fazei as compras essenciais com sabedoria e bom senso. Economizai um pouco de vossos ganhos. Não confundais certos desejos com necessidades básicas.

Ensinai esses princípios fundamentais aos vossos filhos nas reuniões de conselho de família. Nossos antepassados pioneiros cantavam um hino que dizia que o sacrifício produz bênçãos do céu. Isto ainda é verdade, irmãos! Não nos olvidemos do proveito da adversidade.

Sejamos serenos e capazes de amar, vivendo num mundo infelizmente repleto de crimes e violência. Guardemos o grande mandamento de amar e ser bons vizinhos. Se houver divergência ou mal-entendido, procuremos revolvê-lo ou abrandá-lo com bondade, prestimosidade e interesse genuíno e consideração.

Não falamos para alarmar, mas à guisa de bondoso conselho. Voltemos às coisas básicas e sigamos os princípios fundamentais. Haveremos de experimentar uma renovação espiritual que nos ajudará a vencer estes tempos tempestuosos.

Sou grato pelas instruções sobre o bem-estar que recebemos nesta sessão de conferência. São oportunas e merecedoras de nossa atenção e ação. Que o Senhor nos abençoe, para que as apliquemos e dirijamos nosso povo no caminho indicado por nossos líderes e pelo Senhor, oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Nossa Responsabilidade de Cuidar dos Nossos



Bispo H. Burke Peterson
Primeiro conselheiro no Bispado Presidente

Foi-me solicitado que falasse, nesta manhã, a respeito de nossa responsabilidade de cuidar dos nossos. Esta recomendação se aplica tanto à família imediata como aos demais parentes. A admoestação escriturística a respeito disso é bastante clara.

Entretanto, antes de entrar no assunto, eu gostaria de tecer algumas considerações preliminares sobre essa sagrada responsabilidade familiar. Em nossa caminhada pela vida, todos nós nos envolvemos numa variedade de interesses e atividades. Freqüentemente, nosso julgamento de sua importância relativa poderia ser questionado. Suponho que algumas coisas que fazemos pouco importam, vistas da perspectiva eterna. Na verdade, certos interesses nossos podem até mesmo prejudicar outras coisas boas que poderíamos fazer. Existem na vida algumas atividades básicas, fundamentais, muito mais produtivas como passos preparatórios para a exaltação, do que muitas outras a que talvez nos dediquemos. Muitos de nós estamos patentemente engajados em coisas pouco importantes. O Mestre, sem dúvida, referia-se a este grupo, quando propôs a parábola das dez virgens.

Aqui então, teríamos dez membros crentes da Igreja, seguramente convencidos de que se encontrariam com o "esposo". Aparentemente não eram maus, na acepção do termo. Presumo que até então haviam vivido como membros ativos da Igreja; todavia, como na parábola, cinco deles haviam feito coisas mais importantes que os demais. Metade deles se dedicara, na vida, a fazer coisas produtivas — coisas que importam — preparando óleo para suas lâmpadas. Referindo-se aos insensatos, diz a parábola: "E, tendo (eles) ido comprá-lo, chegou o esposo e (os) que estavam preparados entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta." (Mat. 25:10.)

Tomando isto como advertência, e a palavra do Senhor instruindo-nos a cuidar das coisas mais importantes, gostaria de recordar os ensinamentos de Alma, um dos grandes profetas e missionários do Livro de Mórmon.

Em um de seus mais importantes pronunciamentos a respeito do que significa ser um genuíno discípulo do Mestre, Alma descreve com toda clareza e simplicidade o convênio e responsabilidade dos que entram nas águas do batismo. Todos nós entramos nessa água. No capítulo dezoito de Mosiah, Alma descreve a conduta do verdadeiro seguidor, do genuíno discípulo do Salvador, dizendo: "E agora, como desejais entrar no rebanho de Deus, e seu povo ser chamado, e estais dispostos a

carregar mutuamente o peso de vossas cargas, para que sejam aliviadas;

"Sim, e estais dispostos a chorar com os que choram; confortar os que necessitam de conforto e servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, e em todas as coisas." (Mosiah 18:8-9.)

Ele declarou simplesmente: Se quisermos ser discípulos do Salvador, tornar-nos como ele é, devemos servir um ao outro, assumir a responsabilidade de ajudar o necessitado, assistir-nos mutuamente na árdua jornada da vida.

Outra escritura nos ensina que não importa quão grandes e significativas coisas tenhamos feito — como bispo, como secretário, como presidente, como professor ou como pai — se não aprendermos a ter caridade, nada seremos. (Vide I Cor. 13:1-3.) Todas as nossas boas obras não nos valerão de nada, se nos faltar caridade.

A caridade se mede de diversas maneiras. A suprema forma de caridade, talvez, demonstre aquele que evita julgar os atos ou conduta do próximo, lembrando-se de que uma única pessoa consegue olhar dentro do coração e conhecer o verdadeiro intento dele. Existe somente um com o direito de julgar o sucesso da jornada da vida de outra pessoa. Julgamentos indevidos ou preconcebidos impedem que muitos demonstrem caridade autêntica ou disposição de ajudar os necessitados, até mesmo dentro do próprio círculo familiar. O Rei Benjamim nos deixou uma advertência:

"E vós mesmos, também, socorrereis os que necessitarem de vossos socorros; repartireis vossos bens com aquele que deles necessitar e não permitireis que o mendigo vos peça em vão, afastando-o para que pereça.

"Talvez digais: O homem trouxe sobre si sua miséria; portanto, não estenderei minha mão, não lhe darei do meu sustento, nem o farei participar de meus bens para evitar que padeça, pois seus castigos são justos.

"Mas digo-te eu, ó homem, que quem assim agir tem grande necessidade de arrepender-se; e, a menos que se arrependa do que fez, perecerá para sempre e não terá parte no reino de Deus." (Mosiah 4:16-18.)

Acaso os de nossa própria família não têm direito a toda consideração? Muitas vezes fazemos caridade a outra pessoa quando suas ações ou conduta nos agradam. Nossa caridade não deve depender do seu desempenho. Deve ser demonstrada pelo que somos, não pelo que fazemos.

Agora, com estes pensamentos em mente, recordemos novamente as palavras de Alma descrevendo a atuação do verdadeiro discípulo, aquele:

— disposto a carregar o fardo alheio,

—disposto a chorar com os que choram,

— disposto a confortar os que precisam de conforto.

Irmãos e irmãs, de todos os lugares em que nossa caridade deve brilhar, em que nosso discipulado precisa superar as fraquezas do eu, a família é o mais importante. Não existe outro que lhe chegue aos pés. Ainda assim, muitos, — muitos demais — são mais caridosos para com terceiros que com seus próprios familiares.



O Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, à direita, é recebido em uma sessão da conferência pelo Élder James E. Faust, membro do quorum.

Pelo conteúdo desta mensagem, estou certo de que depreendeis nossa grande preocupação a respeito de como nós, como famílias, estamos cuidando das necessidades dos nossos. Muito se tem falado deste púlpito sobre nossa responsabilidade de cuidar dos nossos. As palavras são claras. Tememos que o entendimento e aplicação desses princípios não estão sendo seguidos por nós como o Senhor prescreveu.

Em sua época, dizia o Presidente Brigham Young: "Desde que estou nesta Igreja, jamais permiti que um parente meu fosse mantido por ela. Certos homens e mulheres, porém, jogam seus filhos e outros parentes sobre a Igreja. Se têm uma irmã idosa que não pode sustentar-se sozinha, eles transferem o problema para a Igreja; ou se for um pai ou mãe idosos, ora, 'deixe que a Igreja cuide deles'. É uma desgraça para todo homem e mulher com senso bastante para viver não cuidar de seus parentes, seus próprios pobres e planejar para eles." (*Journal of Discourses.*)

Temeroso de que nos estejamos afastando de certos princípios morais, gostaria de citar um trecho do manual de bem-estar que alguns de nós usávamos, quando bispos, uns vinte anos atrás:

"Obviamente nenhuma pessoa deveria tornar-se um encargo do público (ou Igreja), quando seus parentes têm condições de cuidar dela. Todo e qualquer aspecto de parentesco, de justiça e eqüidade, do bem comum e mesmo de humanidade, o requer." Ouvi também estas palavras: "Quando parentes, membros da Igreja, financeiramente competentes para cuidar de seus parentes se recusarem a fazê-lo, o assunto deve ser comunicado ao bispo da ala na qual esses parentes residem," (*Welfare Plan of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, Handbook of Instructions, 1969, p.4.)

E a seguir, o manual repete a instrução do Apóstolo Paulo a Timóteo: "Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Tim. 5:8.)

Talvez devêssemos esclarecer o que significa cuidar dos seus. Como fazê-lo? Só com dinheiro e outras coisas materiais? E quando existem necessidades que dinheiro não consegue comprar?

Falando a respeito de apoio familiar, geralmente nossos pensamentos se voltam logo para os aspectos físicos. Comida, roupa e abrigo parecem sobrepor-se a todo o resto. É elogiável que muitos pais assistam financeiramente seus filhos nos primeiros anos de casado, quando ainda estão estudando. Muitas vezes irmãos e irmãs se ajudam mütuamen-

te. Muitos filhos oferecem bastante auxílio temporal a pais e avós em idade avançada. E assim deve ser, e bem-aventurados os que assim cuidam dos seus.

Todavia, as necessidades familiares nem sempre são de caráter físico. Muitas vezes fé, perdão, incentivo, consolo, conselhos, atenção, ensino, apoio moral, exemplos de amor e interesse e uma porção de outras experiências, ajudarão um ente querido a vencer uma crise — e há crises que podem durar uma vida inteira. Algum tempo devotado a um familiar pode pagar dividendos maiores que tudo o mais.

Conta-se o caso de uma família em que havia uma avó obrigada a viver numa instituição para pessoas idosas. Eles a visitavam uma vez por ano, quando lhe levavam um cobertor novo. Na volta de uma dessas visitas, um dos filhos pequenos perguntou ao pai:

— Papai, por que visitamos a vovó todos os anos?

— Para que ela saiba que nós a amamos.

— E por que levamos um cobertor novo?

— Para que ela se lembre de que fomos visitá-la e não nos esquecemos dela, — foi a resposta do pai. Seguiu-se uma pausa, e depois:

— Papai, você gostaria de um cobertor de que cor, quando eu for visitá-lo?

Não existe meio justo de escapar ao mandamento: "Honra a teu pai e a tua mãe." (Êxo. 20:12.) Nenhuma família com esperança de perdurar na eternidade pode excluir avós, irmãos e outros parentes de seu convívio. Os céus proíbem que qualquer membro da família — seja qual for sua idade — seja considerado um fardo. Não seria maravilhoso que os membros da família planejassem juntos como assistir os necessitados?

Devido a certas experiências pessoais, acredito sinceramente que a família que ora e jejua junta consegue operar milagres. Ela literalmente consegue que coisas justas aconteçam por meio da oração. Às vezes, pode levar mais tempo do que achamos necessário, mas acaba acontecendo.

Aos que não pertencem a uma "típica" família SUD — e são muitos — gostaríamos de lembrar que todos nós somos literalmente irmãos, membros de uma família celeste. Esses princípios se aplicam a todos. Os fiéis serão abençoados por sua obediência.

Em tempos passados, quando famílias se recusaram a obedecer ao mandamento de cuidar dos seus — encontrando meios de justificar o não cumprimento dessa lei — o Mestre declarou:

"Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

"Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim.

"Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens." (Mat. 15:7-9.)

Nesta manhã, transmitimo-vos o que disse o Senhor. Usemos de nosso livre arbítrio para decidir se obedeceremos ou não; porém, se desobedecermos, teremos de arcar com a penalidade.

Eu testifico da veracidade desses ensinamentos e da realidade do seu Autor, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Buscar as Estrelas



Irmã Barbara B. Smith
Presidente geral da Sociedade de Socorro

Presidente Kimball, Presidente Tanner, Presidente Romney, meus amados irmãos e irmãs: poucas pessoas, hoje, não são afetadas pela situação econômica. Não só tomamos conhecimento dela através dos meios de comunicação, como a sentimos a praticamente toda compra que fazemos.

Quase todos os sábados à tarde, meu marido e eu vamos ao supermercado fazer as compras para a semana. Recentemente, depois de abastecido nosso carrinho de compras, fomos para a fila do caixa e ficamos observando a caixa somando as compras das pessoas a nossa frente. Quase todas representavam somas consideráveis. Discutimos o alto custo dos alimentos para famílias grandes com rendas limitadas, das pessoas idosas com pensões escassas e pais solteiros muitas vezes sem rendimento fixo. Concluímos que, na maioria das famílias, os recursos precisam ser administrados com todo cuidado, a fim de conseguirem com eles satisfazer as necessidades.

A atual situação econômica é grave. Requer de nós, mulheres, muita engenhosidade para enfrentá-la com sucesso e ao mesmo tempo, encontrar satisfação em fazê-lo bem feito.

Uma recém-casada foi viver com o marido numa instalação do exército à beira do deserto. As moradias eram poucas e caras. O melhor que puderam encontrar foi uma casinha perto de uma aldeia indígena. Durante o dia, a temperatura chegava a intoleráveis 45º C. O vento era constante, cobrindo tudo de areia e pó. Os dias se arrastavam na solidão. Quando o marido partiu para duas semanas de manobras no deserto, ela simplesmente não conseguiu agüentar mais e escreveu à mãe que estava voltando para casa. A resposta urgente incluía estas linhas.

Dois homens olhavam pelas grades da prisão:

Um via a lama, o outro as estrelas.

Ela leu as palavras repetidamente. Muito bem; então, procuraria encontrar as estrelas. Decidiu fazer amizade com seus vizinhos, os índios. Admirava seus artísticos trabalhos de tecelagem e cerâmica e pediu que lhe ensinassem seu artesanato. Assim que perceberam que seu interesse era autêntico, mostraram-se dispostos a fazê-lo. Ela acabou fascinando-se com sua cultura, sua história — tudo que lhes dizia respeito. O deserto transformou-se de um lugar desolado, inóspito, num mundo de fascinante beleza.

O que havia mudado? Não o deserto, as condições de vida; sua própria atitude transformara uma experiência deprimente numa vivência altamente gratificante. (*Bits and Pieces,* vol C, nº 5, pp. 21-23.)

Como pode a Sociedade de Socorro capacitar a mulher a olhar para as estrelas - estrelas-guia? Como poderia a Sociedade de Socorro capa-

citar a mulher a criar um ambiente de otimismo e aventura, ajudando ao mesmo tempo a "esticar" o dinheiro e recursos, implantando bons princípios econômicos no lar?

Permiti-me sugerir alguns minicursos que toda unidade da Sociedade de Socorro poderia ministrar, a fim de ajudar as mulheres a enfrentarem com êxito esse desafio:

Primeiro, administração doméstica e financeira. Uma boa instrução sobre esses tópicos ajudará as irmãs a enquadrar todas as despesas dentro do orçamento familiar. Foi dito com muita sabedoria que devemos sempre gastar um pouco menos do que ganhamos. Já não podemos mais ignorar o caráter imperativo deste princípio.

A primeira regra para se conseguir gastar menos do que se ganha é fazer um orçamento, dando prioridade às necessidades básicas e deixando a satisfação de outros desejos para um segundo plano.

Devemos ajudar todas as mulheres a sentir a paz mental decorrente de se elaborar um plano de despesas, e depois ater-se a ele. A vida delas passará a ter uma aura de serenidade quando as despesas não excederem os proventos.

A mulher precisa aprender a fazer um orçamento e ajudar os filhos a aprenderem-no igualmente. Mulheres e crianças precisam saber que, independentemente de quão importante ou valiosa alguma coisa possa parecer, se não temos meios de adquiri-la é uma compra insensata. Tais compras levam a fazer dívidas; e dívidas injustificadas levam à insegurança econômica, a principal causa das tensões familiares. Podemos facilitá-lo para nossos filhos, fazendo como sugere o Elder Marvin J. Ashton: "'Economize seu dinheiro' é o tipo de declaração sem sentido de pai para filho. 'Economize seu dinheiro para uma missão, uma bicicleta, um vestido ou enxoval' dá um sentido compreensível." (*A Liahona,* julho de 1976, p. 25.)

Viver dentro de um orçamento não é difícil e não precisa nem mesmo representar privações. Fazer um orçamento deveria ser uma grande lição.

A filha recém-casada de uma amiga escreveu à mãe contando como o marido e ela estavam conseguindo economizar, apesar dos rendimentos escassos. "Descobri que os alimentos preparados são muito caros para nosso orçamento, por isso faço quase tudo em casa. Outro dia, na Sociedade de Socorro, aprendi como preparar leite condensado, queijo branco, iogurte de queijo cremo-



Visitante da conferência.

so com o leite em pó de nosso armazenamento. É gostoso quando consigo economizar fazendo as coisas em casa.''

Podemos ensinar as mulheres a serem realistas em questões de dinheiro, sem perder seu espírito de inventividade e otimismo.

A seguir, poder-se-ia planejar um minicurso de administração de recursos, permitindo às irmãs compartilhar meios de economizar recursos energéticos. Por exemplo, caminhar, andar de ônibus ou compartilhar o carro, sempre que possível; não deixar as luzes ligadas desnecessariamente, ligar a máquina de lavar roupa só com carga completa etc.

A administração de recursos abrange a sábia mordomia de nossas posses e o reconhecimento do valor que ainda têm certas coisas usadas. Uma presidente de Sociedade de Socorro de estaca realizou uma reunião de Economia Doméstica na qual a melhor modista disponível ajudou as irmãs interessadas a fazer moldes para reaproveitamento de tecidos já usados. Isto ajudou as irmãs a economizar somas consideráveis, proporcionando-lhes ao mesmo tempo algumas roupas novas.

Outras miniclasses sobre administração de recursos poderiam focalizar como cuidar adequadamente das roupas — melhores meios de consertá-las, limpar ou lavá-las e reformá-las, para aproveitamento mais longo. Uma miniclasse sobre dicas de lavagem também poderia ajudar as irmãs a prolongarem a durabilidade das roupas. Outras aulas poderiam ensinar a arte de combinação de peças avulsas, como dar variedade e versatilidade ao guarda-roupa, para que haja menos necessidade de adquirir trajes completos. Nestes e noutros aspectos, a Sociedade de Socorro poderia ensinar as mulheres a cuidar melhor do que possuem, prolongando sua vida e utilidade e ao mesmo tempo colhendo satisfação e prazer.

Quando nos arranjamos criativamente com o que temos, não precisamos preocupar-nos com o que não temos. É possível enriquecer a vida de nossos familiares com despesas mínimas.

Um terceiro minicurso poderia girar em torna de vida sadia. Planejai meios de ajudar as irmãs a economizarem dinheiro, mantendo a saúde da família nas melhores condições possíveis. A Sociedade de Socorro deve fornecer treinamento em manutenção da saúde física com o mínimo de despesas médicas. Isto não custa nem mesmo o preço de uma aspirina. A doença que se evita também não custa nada. Bons hábitos de saúde poupam dinheiro. Para promover a boa saúde, as mulheres precisam planejar refeições nutritivas. A maioria de nós poderia comer menos sem prejudicar a saúde; mas todos nós precisamos comer regularmente refeições bem equilibradas. A Sociedade de Socorro deve instruir as irmãs, ajudando-as a compreender e aplicar os princípios fundamentais da boa nutrição. Temos de aprender a preparar pratos econômicos que sejam nutritivos e apetitosos. E, de acordo com o empenho da Igreja de reduzir as despesas, sugerimos que, embora a reunião de Economia Doméstica deva ser mensal, o almoço ou lanche que a acompanha seja reduzido para seis vezes ao ano, a menos que condi-



O Élder Hartman Rector Jr., do Primeiro Quorum dos Setenta, conversa com um colega.

ções especiais aconselhem o contrário. Dizemos às presidentes de Sociedade de Socorro que não se trata de uma ocasião para doces, salgados e refrescos comuns, mas deve ser uma experiência social promotora do viver previdente, e se resuma a pratos econômicos e nutritivos, servidos atraentemente e que possam ser facilmente preparados em casa.

Um dos conceitos básicos do sistema de bem-estar da Igreja é preparar-se para tempos difíceis com um minucioso planejamento. A Sociedade de Socorro tem condições de ajudar as irmãs a contribuírem para esse esforço, tornando seu lar um modelo do viver previdente, capaz de satisfazer as necessidades presentes além de eventuais emergências.

Tenho pensado a respeito dos preparativos para emergências, requeridos quando da construção da arca. Noé deve ter realizado o mais eficaz planejamento de bem-estar na história da humanidade, quando, com todo cuidado, seguiu as instruções do Senhor e construiu a arca. Sua mulher e filhos indubitavelmente trabalharam e planejaram com ele, a fim de compartilharem das bênçãos do Senhor. Pensemos somente nas provisões para um ano exigidas por todos aqueles animais que foram levados para a arca. Noé e sua família certamente foram capazes de planejar e providenciar tudo, para sentirem prazer em seus esforços (selecionando pares certos de cada animal), aventura em sua viagem (sem dúvida, havia novos filhotes todas as semanas) e alegria no esplendor do primeiro arco-íris a coroar o céu e no cumprimento da promessa do Senhor.

Poderíamos ser tão diligentes como eles, hoje? Somos nós, mulheres, responsáveis e capazes de ajudar a enfrentar as dificuldades econômicas, exercendo boa mordomia sobre aquilo com que o Senhor nos abençoou?

Possamos olhar para as estrelas e encontrar satisfação, mesmo alegria, vivendo de acordo com as recomendações destes profetas e apóstolos, a quem o Senhor escolheu para nos guiar nestes dias, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo, Amém.

Satisfazer Nossas Necessidades



Élder M. Russell Ballard
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Meus irmãos e irmãs, solicitaram-me qua falasse convosco a respeito de finanças familiares.

Em tempos de crédito fácil e crescente inflação, muita gente acaba descobrindo que as despesas são demais, e a renda insuficiente. Um entendido estima que um terço das famílias norte-americanas estão endividadas. No ano passado, dezenas de milhares de famílias declararam-se falidas.

Pesquisa recente realizada pelo Departamento de Serviços de Bem-estar apresentou estes resultados: Menos de metade dos membros pesquisados dispõe de uma reserva financeira para um ano, e 89% sentem o peso do aumento de impostos e inflação; 34% das mulheres SUD pesquisadas trabalham fora de casa; 57% destas trabalham para suprir necessidades básicas da família; 31% das famílias reduziram seu nível de vida; e 39% das famílias não ganham o suficiente para as necessidades básicas.

Estes resultados demonstram que hoje nós, líderes, precisamos ensinar nosso povo a tornar-se um eficiente administrador de seu tempo e recursos.

Como ponto de partida, quero ressaltar que o mais importante princípio que precisamos seguir na vida hoje é o ensinado por Alma a seu filho Helamã: "Mas, meu filho, isso ainda não é tudo; pois que deves saber, assim como eu sei, que enquanto guardares os mandamentos de Deus prosperarás na terra; e também deves saber que quando não os guardares serás afastado de sua presença." (Alma 36:30.)

Minha experiência nos meios empresariais ensinou-me que certas pessoas se deixam aprisionar numa rotina diária capaz de sufocar sua iniciativa, coragem e visão do futuro.

O maior mestre de todos os tempos revelou-nos o segredo repetidas vezes, dizendo: "Se podes crer, tudo é possível ao que crê." (Marcos 9:23.)

Irmãos e irmãs, o que podemos fazer para melhorar nossas finanças familiares? Gostaria de sugerir três importantes chaves: *atitude, planejamento e autodisciplina.*

A primeira chave é ter uma atitude positiva para conosco próprios. A atitude é parte importante do fundamento sobre o qual edificamos uma vida produtiva. Avaliando nossa atitude presente, poderíamos perguntar: Estou-me esforçando para tornar-me o melhor que posso? Estabeleço metas dignas e realistas? Procuro ver o lado positivo da vida? Fico alerta a meios de prestar mais e melhor serviço? Estou fazendo mais do que exigem de mim?

Lembrai-vos de que uma boa atitude produz bons resultados: uma atitude insegura, resultados insegu-

ros; uma atitude negativa, resultados negativos. Nós moldamos a própria vida, e a forma que toma é determinada em grande parte por nossa atitude. Dizia George Bernard Shaw: "As pessoas estão sempre culpando suas condições pelo que são. Não acredito em condições. As pessoas que se saem bem neste mundo são gente que vai em busca das condições que quer e, se não consegue encontrá-las, as cria." (*Mrs. Warren's Profession* em *Plays by George Bernard Shaw* New York: New American Library, 1960, p. 82.)

Nos Estados Unidos, hoje em dia, número excessivo de pessoas acham que o governo é obrigado a cuidar delas e sustentá-las. O próprio governo, de certa forma, tem incentivado essa atitude, mas os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias sabem que não é assim.

Algumas pessoas que passaram pela Grande Depressão e o período subseqüente, quando o governo prestou assistência financeira ao povo, desenvolveram a impressão de que o mundo lhes devia um meio de vida. Naquele clima, declarava a Primeira Presidência em 1936: "O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem-se a si mesmas. O trabalho deverá ser reintroduzido como o princípio que rege a vida dos membros de nossa Igreja." (Manual do Programa de Bem-Estar, p. 1.)

Os membros da Igreja precisam desenvolver amor ao trabalho. Sob certos aspectos, passamos por um período de grande prosperidade, que poderá provar-se tão devastador quanto a Grande Depressão em seus efeitos sobre a atitude do povo. Dizia o Presidente Harold B. Lee:



Visitante da conferência.

"Hoje estamos sendo provados por outro tipo de prova que eu poderia chamar de 'prova do ouro' — A prova da abundância, prosperidade, facilidade — talvez mais do que a juventude de qualquer outra geração teve de passar, pelo menos da Igreja." (*Sweet Are the Uses of Adversity....* Brigham Young University Speeches of the Year, Provo, 7 de fevereiro de 1962, p. 3.)

É preciso reentronizar o amor ao trabalho em nossa vida. Toda família deveria ter um plano de trabalho que envolvesse todos os familiares, a fim de incutir este princípio eterno em sua vida.

Gostaria de contar um exemplo de minha própria vida que ilustra a importância da atitude. Ao voltar de minha primeira missão, fui trabalhar como vendedor para meu pai. Como estava cursando a Universidade de Utah, eu trabalhava

meio período. Então tive uma quinzena ruim, na qual ganhei menos de dez dólares. Papai entregou-me o cheque de pagamento na reunião de vendas, na presença de todos os demais vendedores.

Na época, achei que estava sendo muito duro comigo. Mais tarde, porém, compreendi que era sua maneira de forçar-me a uma introspecção. Eu não estava ligando muito para meu trabalho. Decidi que nunca mais eu seria a pessoa com o menor cheque. Daí em diante, meus ganhos aumentaram.

Pois bem, o que aconteceu? Eu vendia a mesma mercadoria, da mesma procedência, na mesma época do ano. O que havia mudado? Minha mudança de atitude fez toda a diferença. William James, psicólogo e filósofo norte-americano, diz que o ser humano pode alterar sua vida, alterando suas atitudes mentais. (Vide *Vital Quotations* comp. Emerson Roy West, Salt Lake City: Bookcraft, 1968, p. 19.)

Irmãos e irmãs, vejamos a segunda chave, *planejamento,* isto é, pensar de antemão como pretendemos alcançar nossas metas na vida. Será que todos temos um plano para incrementar nosso valor, quando somos empregados? Demo-nos ao trabalho de anotar por escrito metas específicas, e fizemos um plano de ação para nos tornarmos mais eficientes e produtivos?

Soube recentemente que 75% dos gerentes de hotel e restaurante da Marriott Corporation começaram a trabalhar na empresa como atendente, ajudante de garçom, mensageiro ou caixa. Aperfeiçoando a própria pessoa e seus conhecimentos, eles estavam preparados para a promoção, quando surgia uma oportunidade. Para aumentar nossos proventos, talvez seja preciso considerar um aperfeiçoamento profissional. Talvez haja necessidade de achar um meio, através de minucioso planejamento, freqüentar uma escola noturna ou fazer um curso por correspondência. Estudos adicionais muitas vezes aumentam nossa capacidade profissional e valorizam nosso serviço.

Os pais precisam ensinar aos filhos, já bem cedo, que uma sólida base financeira é muito importante para a felicidade no lar. Podemos fazer muito por nossos jovens para que encontrem um trabalho gratificante e compensador. Devemos incentivá-los a aproveitar bem a escola e aprender a aproveitar as oportunidades que ajudarão a construir uma sólida base para sua segurança futura.

As crianças precisam explorar muitas oportunidades de trabalho, quando atingirem a adolescência. Assim, quando casarem e estabelecerem um lar, estarão bem encaminhadas para uma profissão ou ofício que lhes proporcionará uma remuneração suficiente para suas necessidades básicas.

Talvez pensemos que já não temos mais oportunidade de promoção em nosso emprego atual. Se assim for, devemos traçar um plano de ação, jejuar e orar em busca de confirmação e depois seguir em frente, mudando de colocação.

Um negócio próprio talvez possa aumentar nossos proventos. Entretanto, devemos ser prudentes e analisar bem todos os fatores, além de

nos aconselhar com um advogado, contabilista, banqueiro, e sobretudo, com um empresário bem sucedido em seu próprio negócio. Depois de feito o plano, devemos orar em busca de orientação; e, recebendo a certeza interior de que devemos iniciar nosso próprio negócio, então, pôr mãos à obra. Lembrai-vos do conselho do Senhor: "Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?" (Lucas 14:28.)

A terceira chave é praticar *autodisciplina,* tanto no trabalho como na redução de nossas despesas domésticas. Com referência a este ponto, os líderes da Igreja devem dar bom exemplo, cuidando de que as exigências financeiras de estaca e ala se limitem ao mínimo necessário. Os membros devem -

1. Evitar fazer empréstimos com juros exorbitantes. Podemos consolidar nossas dívidas por meio de um empréstimo bancário saldável em prazo razoável a juros razoáveis. Talvez seja preciso deixar de usar cartões de crédito.

2. Exercer autodisciplina, dizendo a nós próprios: "Está acima de nossas posses" e recusar-se a contrair novos compromissos.

Outro dia, alguém ouviu um casal discutindo. Dizia o marido:

— Quantas vezes tenho de te dizer que gastar dinheiro antes de tê-lo é economicamente ruinoso?

— Ora, — respondeu a mulher — nada disso. Assim, se a gente não conseguir o dinheiro, pelo menos temos alguma coisa.

Por favor, sede pacientes e cuidadosos, controlai vossas compras para não vos tornardes escravos dos credores.

3. Fazer um orçamento e ater-se a ele.

4. Cortar despesas, fazendo distinção entre desejos e necessidades. Economizar, controlando a utilização de bens, serviços e energia.

5. Aperfeiçoar-se nos trabalhos caseiros e providenciar que familiares façam cursos de consertos domésticos e mecânicos, se possível.

6. Investir com sabedoria. Evitar especulações e projetos de enriquecimento imediato.

Irmãos e irmãs, cada um de nós possui um potencial para progredir e aumentar seus rendimentos. Na verdade, é preferível aperfeiçoarnos e nos tornar mais produtivos em nosso emprego de tempo integral, do que procurar trabalhar em dois empregos, ou fazer a mãe da casa ir trabalhar fora.

Quando aprendemos a esperar mais sucessos que fracassos na vida, logo estaremos desenvolvendo uma atitude positiva.

"O sucesso atrai sucesso."

Lembrai-vos — atitude positiva, plano bem elaborado e autodisciplina constante ajudam-nos a melhorar nossas condições. Aplicar essas chaves no trabalho cotidiano nos ajudará a produzir e ganhar mais; e aplicá-las no lar, ajudará a reduzir as despesas. Combinando estes princípios com o cumprimento dos mandamentos de Deus, aprendemos a ser melhores administradores de nosso tempo e recursos, a ter segurança financeira.

Que o Senhor nos abençoe a todos nesse sentido, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Necessidade de Ensinar Preparação Pessoal e Familiar



Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos.

No capítulo vinte e cinco de Mateus, o Senhor deu uma aula sobre preparação e que fala de dez virgens aguardando a celebração do matrimônio. Cinco eram prudentes e estavam preparadas. As outras eram tolas e não se prepararam. As cinco tolas tiveram de ir comprar azeite para suas lâmpadas e, quando voltaram, encontraram a porta fechada. Os apelos para que a porta lhes fosse aberta tiveram como resposta: "Não vos conheço." (Mat. 25:12.)

Minha designação de hoje é tão fundamental para os serviços de bem-estar como o sacerdócio para a Igreja. Recebi a incumbência de intensificar a percepção da liderança do sacerdócio e da Sociedade de Socorro quanto à necessidade de ensinar e fornecer treinamento básico em preparação pessoal e familiar, em regime regular e contínuo.

Examinemos, por um minuto, nosso relatório de liderança, para verificar até que ponto cumprimos nossa designação de ensinar os princípios de preparação pessoal e familiar.

De 1970 a 1978, nosso índice de aumento de assistência total com fundos de jejum foi de 15%. Então tivemos um pequeno problema em nossa economia, e no ano passado esse índice pulou para 32,5%.

Examinando a assistência global, os resultados são ainda piores. No período de 1970 a 1978, o índice de aumento anual foi de 11,3%. No ano passado, atingiu o índice desastroso de 53,5%. Um pequeno decréscimo em nossa economia encontrou os membros sem azeite para suas lâmpadas. Imediatamente se tornou necessário, para os não-preparados, recorrer à assistência da Igreja.

Os resultados mostram que o ensino das famílias nos princípios fundamentais da auto-suficiência e independência nos últimos anos não foi tão eficaz como deveria ter sido.

Diante desses resultados alarmantes, precisamos lembrar a nós próprios que o sistema de bem-estar da Igreja jamais se destinou ou tencionou cuidar do membro fisicamente apto que, por falta de preparo ou por descuido, se encontra em dificuldades. Ele se destina a auxiliar os membros em caso de calamidade, tal como terremoto ou enchente; e a assistir os enfermos, feridos e incapacitados, reabilitando-os para uma vida produtiva. Num número excessivo de casos, membros que deveriam estar recorrendo a suas próprias reservas para emergência, vêem que não dispõem de coisa alguma e têm de recorrer à Igreja.

Está na hora de perguntar-nos: O que criou o problema de sobrecarregar a tal ponto a Igreja com o fornecimento de assistência de bem-estar? Minha análise do problema leva-me a crer que, como líderes, temos empregado tempo demais *prestando*

assistência e muito pouco com a *prevenção,* fazendo com que nossas famílias se preparassem para suprir suas próprias necessidades. Está na hora de ensinar mais uma vez os princípios básicos. Está em tempo de darmos a máxima prioridade à preparação pessoal e familiar. Temos de preparar-nos agora, para que em tempos de necessidade, um número maior de nossos membros esteja em condições de recorrer a suas próprias reservas e não tenha que pedir auxílio à Igreja.

Gosto da história do velho que vivia em Nova Hampshire, no século passado, e que prezava sua independência e auto-suficiência acima de tudo o mais na vida. Ele considerava que o verdadeiro cristianismo é cuidar dos seus e ajudar o próximo, e resistia tenazmente à idéia de que deveria aceitar ajuda de outro mortal qualquer. Quando faleceu sua idosa esposa, ele a sepultou pessoalmente, depois cavou sua própria sepultura e nela colocou seu caixão aberto, feito em casa.

"Quando minha hora for chegando," disse, "entro no caixão e cruzo os braços sobre o peito. Não quero incomodar ninguém. Basta eles pregarem a tampa e encherem a cova de terra."

O Presidente Marion G. Romney tem dito tantas vezes: "Nenhum membro que tenha auto-respeito transferirá a responsabilidade de seu próprio sustento a outro. Além disso, o homem não só tem a responsabilidade de cuidar de si próprio; ele tem também a responsabilidade de cuidar de sua família." (Princípios do Bem-Estar da Igreja, p. 3.)

O lar deve ser o coração do programa de bem-estar. Precisamos concentrar nosso ensino da preparação pessoal e familiar, para atingir a organização familiar. Temos de ensinar que toda família deveria ser dirigida por um comitê executivo composto do marido e esposa, e que reserve tempo suficiente para planejar a satisfação das necessidades familiares. No caso de famílias dirigidas por um só cônjuge ou pessoas solteiras que vivam sozinhas, ainda existe a necessidade de reservar tempo e reflexão com vistas a satisfazer suas necessidades.

Este é o ponto de partida. Cada família tem necessidades diferentes. Noto essa diferença em minha própria família, agora que meus filhos estão casados. Eu e minha mulher estamos sós, nossas necessidades mudaram. Uma filha com seu próprio lar e família, um filho morando em casa alugada num conjunto para estudantes com sua família, uma filha recém-casada vivendo com o marido, ambos ainda estudantes, numa universidade - todos têm necessidades diferentes, e elas mudam a cada ano.

O planejamento da preparação pessoal e familiar deve partir do comitê executivo familiar. Os planos devem adaptar-se às condições particulares da família levando em consideração os requisitos do desenvolvimento profissional, administração financeira e de recursos, educação, saúde, produção e armazenamento doméstico, e força socio-emocional e espiritual.

Toda organização familiar deve ter um conselho de família formado por todos os membros da unidade familiar, no qual são ensinadas as responsabilidades fundamentais da organização familiar aos filhos. Ali aprendem como tomar decisões e pô-las em prática. Um número excessivo de jovens está atingindo a idade para casar, totalmente despreparados para essa responsabilidade.

A ética do trabalho e da preparação pessoal pode ser ensinada de maneira muito eficaz no conselho de família. O Presidente J. Reuben Clark Jr. parafraseou um velho dito. Em lugar de "Só trabalho e nenhuma diversão faz de Jack um estúpido", ele dizia: "Só diversão e nenhum trabalho faz de Jack um inútil." (Citado por Harold B. Lee, "Administring True Charity", discurso proferido na reunião agrícola de bem-estar, 5 de outubro de 1968.)

Sou imensamente grato por ter tido um pai com paciência para ensinar-me a arte da horticultura. Quão frustrador deve ter sido encontrar um monte de mudas arrancadas de cenoura, em lugar de mato, depois de eu terminar uma de minhas designações. Nossa família aprendeu não só a arte de estocar latas e frascos nas prateleiras e fazer o devido rodízio, mas também a cultivar e produzir as frutas e hortaliças necessárias para encher novamente as latas e frascos.

A primeira linha de apoio das famílias na Igreja é o ensino familiar do sacerdócio e professoras visitantes da Sociedade de Socorro. Estes prestam dois importantes serviços: mantêm o bispo, o líder do quorum e a presidente da Sociedade de Socorro devidamente informados sobre as condições físicas, emocionais, temporais, e espirituais dos membros. Eles têm ainda oportunidade de ensinar e fornecer às famílias instrução sobre como preparar-se para a auto-suficiência.

O líder de quorum do Sacerdócio de Melquisedeque poderá ajudar o chefe da família, ensinando-lhe os princípios do bem-estar — como amar, como servir, como reconhecer sua mordomia, a trabalhar honesta e diligentemente para sua família e seu próximo, e a consagrar seu tempo e talentos à edificação do reino de Deus. Ele pode treinar os mestres familiares sobre como conhecer melhor as famílias e ser sensíveis a suas necessidades. Quando algum membro tem necessidades especiais, o presidente pode, trabalhando com o bispo e outros membros do quorum, providenciar que essas necessidades sejam preenchidas de maneira carinhosa e confidencial.

A reunião do quorum começa a preencher seu objetivo, que satisfaz as necessidades dos membros. É ali que podem ser ensinados a desenvolver suas aptidões em todas as áreas da preparação pessoal e familiar.

A presidente da Sociedade de Socorro fornece a mesma assistência e apoio às mulheres da ala, quando instrui as professoras visitantes na arte do serviço de solidariedade, quando as irmãs são visitadas e suas necessidades são satisfeitas confidencialmente, com amor e sensibilidade.

As irmãs costumam ser mais eficientes no ensino dos princípios do evangelho. Elas ensinam e praticam a arte de costurar, fazer conservas, desidratar alimentos e outros métodos de armazenagem alimentar. Elas ensinam princípios de nutrição e aptidão física. Ressaltam a necessidade de leitura e cultivo das artes manuais. Sobretudo, existe nelas um penetrante espírito de amor e prestimosidade, de operosidade e séria atenção às artes domésticas e viver do evangelho.

Assim, o sacerdócio e a Sociedade de Socorro, trabalhando de mãos dadas, fazem a família saber que a preparação pessoal e familiar é viver o evangelho.

Possivelmente lestes a história da família Hibbert (*A Liahona,* no-

vembro de 1980, p. 36). O Irmão Hibbert, pai de família numerosa, foi acometido de câncer incurável. Passado o primeiro choque e temor, o casal decidiu que a melhor coisa a fazer para terem alegria e paz mental era preparar a si próprios e a família para o que ia acontecer.

Decidiram criar lembranças familiares compartilhando experiências, completar a história familiar, ter uma provisão de alimentos e outras utilidades para um ano, a fim de enfrentarem as inevitáveis emergências financeiras do futuro. Fez-se um testamento e puseram em ordem todos os seguros e outros documentos legais. As crianças foram ensinadas a cuidar uma da outra e a assumir responsabilidades domésticas.

Poucas semanas antes da morte do Irmão Hibbert, sua casa foi destruída por um incêndio. Com isso, perderam grande parte dos gêneros armazenados, mas restava ainda a coesão de uma família que aprendera a cooperar, a planejar e preparar-se, a enfrentar a dificuldade de frente. A morte do Irmão Hibbert trouxe tristeza, mas não desastre. A família adquirira a capacidade de permanecerem juntos em amor. Eles estavam preparados.

Conforme podeis depreender das pesadas responsabilidades conferidas aos quoruns e à Sociedade de Socorro, seus oficiais necessitam de um cuidadoso treinamento prático. Isto cabe à organização da ala presidida por um bispo.

Como encarregado do comitê de serviços de bem-estar da ala, o bispo dirige todos os serviços de bem-estar em sua unidade. Ele identifica os necessitados e aflitos. Coordena o ensino dos princípios do evangelho e programas fundamentais para os serviços de bem-estar, coordena o ensino da lei do jejum. Providencia que os membros com necessidades especiais sejam assistidos com dignidade e o amor tão importante para eles. Coordena a assistência confidencial aos necessitados. Quando necessário, recorre a especialistas qualificados. (Ver *Manual dos Serviços de Bem-Estar.*)

O bispo é apoiado pela organização da estaca, podendo solicitar assistência de seu presidente no treinamento e qualificação de sua liderança. O presidente da estaca conta com o sumo conselho e organização da Sociedade de Socorro, para fornecer o treinamento solicitado.

Observai o impacto que a organização do Senhor pode exercer na assistência aos membros com referência à preparação pessoal e familiar, quando a carga de trabalho é devidamente distribuída. No âmbito da estaca, a relação é de um presidente para cerca de 1 180 famílias. Em nível de ala, a relação passa a ser de um bispo para umas 108 famílias. No nível de quorum, é de um líder para cerca de 60 famílias. E o mestre familiar costuma ter aos seus cuidados uma três famílias.

O fundamento do programa de bem-estar da Igreja é a preparação pessoal e familiar. O apoio organizacional existe e destina-se a treinar e preparar os membros em suas responsabilidades básicas. O que é preciso è que todo líder do sacerdócio e da Sociedade de Socorro dê a devida prioridade a esse importante trabalho.

Pois bem, pode ser que o velho de Nova Hampshire haja exagerado um pouco na preparação pessoal e familiar, cavando a própria sepultura e tudo o mais. Mas eu gostaria de ver todo o nosso povo movido por esse mesmo espírito de autosuficiência e independência.

Conceda-nos Deus a capacidade de enxergar o que precisa ser feito em nossas alas e estacas, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Princípios Básicos do Programa de Bem-Estar da Igreja



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Irmãos e irmãs: Estive ouvindo com interesse o que foi dito esta manhã. Há quarenta anos agora, venho a este edifício duas vezes ao ano, a fim de receber instruções referentes ao que conhecemos como serviços de bem-estar da Igreja. Originalmente, este plano era denominado *plano de segurança da Igreja,* nome que recebeu ao ser iniciado. O que se pretendia dizer com esse nome precisa ser entendido hoje; isto é, a segurança, a *genuína* segurança só se consegue vivendo os princípios do evangelho. *A segurança é fruto de uma vida reta.*

O Livro de Mórmon conta a história de um povo que, no decurso de mil anos, demonstrou os frutos da retidão e os da impiedade. Sempre que guardavam os mandamentos do Senhor, eles prosperavam na terra; quando se mostravam desobedientes, caíam em iniqüidade, guerras, fome e escravidão. Repetidas vezes vemos famílias, tribos e nações inteiras guardando os mandamentos do Senhor e com ele fazendo convênios e sendo abençoados por seu Espírito. Devido à retidão, prosperavam temporal e espiritualmente. Quando não guardavam seus mandamentos, sofriam deterioração temporal e espiritual.

O Livro de Mórmon contém princípios que, seguidos, nos proporcionariam verdadeira segurança num mundo acossado por iniqüidade, medo e muitos problemas econômicos. Acredito que nosso povo queira conseguir a verdadeira segurança, mas muitos de nós não estamos seguindo o curso que conduz a ela. Hoje, indivíduos e governos parecem achar possível alcançar prosperidade econômica, apesar de uma mentalidade perdulária. Gastam e gastam, hipotecam e hipotecam, fazem dívidas e mais dívidas, e com isso perdem a estabilidade, segurança e independência.

Gostaria de ressaltar aqui um ponto facilmente esquecido - *o Senhor está interessado em tudo o que fazemos na vida:* em nossa família, nosso trabalho. nosso desenvolvimento pessoal. Ele deu verdades eternas para guiar-nos nesses assuntos. Além disso, concede-nos seu Espírito para ajudar-nos a aplicar esses princípios. Mas só teremos segurança, seguindo-o.

Recentemente, reli alguns discursos das Autoridades Gerais, por época do início do então chamado plano de segurança da Igreja. Fiquei emocionado com a força e solenidade dos pensamentos expressos pelos irmãos. Eis um trecho do pronunciamento do Presidente J. Reuben Clark Jr., na conferência de outubro de 1936, no dia em que o Presi-

dente Heber J. Grant leu uma carta da Primeira Presidência, criando o referido plano. Notai como o Presidente Clark ressalta que o plano é mera e genuína expressão dos princípios cristãos fundamentais contidos no evangelho. Dizia ele:

"Temos proclamado ao mundo, e proclamamos o que sabíamos, que temos o plano do evangelho e que este supre não só nossas necessidades espirituais, mas igualmente as temporais... Ele nos ensina a viver em grupo sob uma organização e princípios que nos permitem conviver como irmãos e irmãs, iguais em todas as coisas à medida que vivemos para essa igualdade.

"Isto nos impõe uma responsabilidade, porque o plano dado a nós permitirá que, por meio dele, o governo cristão possa e há de vir às nações da terra." (J. Reuben Clark Jr., Conference Report, outubro de 1936, pp. 113-14.)

No dia 4 de abril de 1943 declaramos deste púlpito, que o plano de segurança, ou bem-estar da Igreja compõe-se de três elementos fundamentais :

"Primeiro, todo indivíduo deve valorizar sua independência e empenhar-se com todas as forças para conservá-la, cuidando do próprio sustento. Isto foi uma injunção do Senhor, quando expulsou nossos primeiros pais do Jardim do Éden, com o severo mandamento: 'No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra.' (Gên. 3:19.)

"Segundo, depois dele próprio, a responsabilidade de sustentar um indivíduo cabe à família — aos pais sustentar os filhos, aos filhos sustentar os pais. É muito ingrato o filho que, estando em condições, se nega a ajudar seus pais a não dependerem de assistência de terceiros.

"Finalmente, depois de o próprio indivíduo e sua família haverem feito tudo ao seu alcance para o sustentarem, então a Igreja estará pronta para, através do plano de bem-estar, cuidar de seus membros que *aceitarem o plano e nele trabalharem na medida de sua capacidade,* 'de acordo com sua família e segundo as circunstâncias, carências e necessidades'. (D&C 51:3.)" (Marion G. Romney, Conference Report, abril de 1943, pp. 27-28.)

Estou certo de que os membros mais idosos ouviram esta doutrina sendo repetida muitas vezes pelas Autoridades Gerais. Mas, quem sabe, alguns de nossos irmãos mais novos, jovens bispos e presidentes de estaca, não tiveram tempo para realmente apreender seu significado. Mais importante ainda, fico imaginando se nós, como povo, nação e como comunidade mundial, realmente compreendemos a premissa fundamental na qual se baseia todo o resto — isto é, a *auto-suficiência.*

O princípio da auto-suficiência é fruto de uma doutrina fundamental da Igreja, o do livre arbítrio. Ao criar o homem e colocá-lo aqui na terra, Eloim deu-lhe o livre arbítrio de agir por si próprio.

"Pois", diz ele "é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável, como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as minhas criaturas...

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, eu preparei todas as coisas, e permiti que os filhos dos homens fossem seus

próprios *árbitros.* (D&C 104:13,17; grifo nosso.)

Assim como toda pessoa é responsável por suas escolhas e atitudes em questões espirituais, ela é igualmente responsável nas coisas temporais. É com nosso *próprio* esforço e decisões que *ganhamos* nosso sustento. Embora o Senhor nos queira magnificar tanto de modo sutil como dramático, ele só pode guiar nossos passos, quando movemos os pés. Em última análise, nossas próprias ações determinam as bênçãos que recebemos ou deixamos de receber. É uma conseqüência direta de nosso livre arbítrio e responsabilidade.

O princípio da auto-suficiência encontra igualmente expressão num contexto mais amplo, no da unidade básica da Igreja — a família.

Na Igreja, o conceito de cuidar de nossa família e dela depender para crescimento, ajuda mútua e assistência, é igualmente fundamental para a auto-suficiência. A família *é* a unidade básica da Igreja. Nenhum organismo ou instituição pode ou deve substituir a família. A unidade familiar eterna é estabelecida por sagrado convênio e eterno governo do sacerdócio. O mesmo convênio que obriga os pais a cuidarem dos filhos, obriga os filhos a cuidarem dos pais, quando necessário. O mandamento de honrar pai e mãe (Êxo. 20:12), estende-se à moderna Israel e é exigido de todos os membros fiéis da Igreja.

Em conseqüência do princípio da dependência familiar, devemos compreender que, em geral, ninguém tem direito aos recursos da Igreja para resolver seus problemas e necessidades temporais, até que a



Visitante da conferência.

família haja feito tudo ao seu alcance para ajudá-lo. Esta é a doutrina do Senhor estabelecida, quando disse:

"E depois *disso,* elas têm direito ao auxílio da igreja ou, em outras palavras, ao celeiro do Senhor, se seus pais não tiverem o que lhes dar." (D&C 83:5; grifo nosso.)

Finalmente, suponho que poderíamos pensar na *dependência da Igreja;* isto é, quando tudo houver sido feito da parte da pessoa e sua família, então o Senhor deu instruções sobre como devemos cuidar uns dos outros como família da Igreja. A extensão desse auxílio e como é prestado, entretanto, estão igualmente sujeitos a princípios fundamentais. Gostaria de compartilhar convosco um pensamento muito profundo a respeito de caridade, exposto pelo Presidente Joseph F. Smith, na conferência geral de abril de 1898: (Isto, obviamente, antes de existência do programa de bem-estar como o conhecemos.)

"Homens e mulheres não devem

aceitar a caridade, a menos que se vejam compelidos a fazê-lo para escapar à penúria. Todos devem ser auto-suficientes e ter independência para que possam dizer, quando em necessidade: 'Estou disposto a trabalhar em troca do que você me der.' Ninguém deve ficar satisfeito de receber sem nada dar em troca." (*Doutrina do Evangelho,* p. 212.)

Se toda pessoa capaz que pede auxílio ao bispo, seguisse esta regra de caridade, bênçãos genuínas adviriam ao que dá e ao que recebe. Todos sentir-se-iam dispostos a contribuir para o plano de bem-estar da Igreja, se os necessitados buscassem ajuda nesse espírito. Assim motivadas, as pessoas necessitadas procuram tornar-se logo auto-suficientes de novo, além de quererem contribuir com tudo o que puderem para o programa quando se houverem recuperado.

Quis hoje, meus irmãos e irmãs, dirigir novamente nossa atenção para os princípios básicos fundamentais dos serviços de bem-estar. Volto a reiterar que os serviços de bem-estar não são um simples programa, mas o próprio evangelho em ação. Seus princípios são princípios do evangelho, a lei cristã para assuntos temporais. É meu desejo que aprendamos das escrituras e dos conselhos dos profetas vivos, que façamos nossa parte para o próprio sustento, para cuidar de nossa família e contribuir generosa e humildemente para o sustento dos menos afortunados que nós.

Gostaria de concluir, citando o Rei Benjamim (o qual já foi citado hoje) — o grande líder nefita que, no final de seu ministério, deixou este sábio conselho aos membros da Igreja que por muitos anos viveram sob sua bondosa e inspirada liderança:

"E eis que vos digo que, se isso fizerdes, regozijar-vos-eis sempre, estareis cheios do amor de Deus e sempre tereis a remissão de vossos pecados...

"E agora, por causa das coisas que vos falei, isto é, por querer reter a remissão de vossos pecados de dia para dia, para que possais andar sem culpa diante de Deus, quisera que désseis de vossos bens aos pobres, cada um de acordo com o que possui, assim alimentando o faminto, vestindo o despido, visitando o doente e aliviando seu sofrimento, tanto espiritual como corporal, conforme suas necessidades.

"E vede que estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem." (Mosiah 4:12,26-27.)

Que possamos ter a sabedoria e disciplina e viver para implantar esses grandes princípios, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Discursos da Conferência Correlacionados Com o Currículo da Igreja

A presente tabela coordena os discursos da conferência geral de abril de 1981 ao currículo de jovens e adultos para uso dos pais, professores e membros da Igreja, que estudam diligentemente o evangelho.

GUIA DE ESTUDO PESSOAL DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE

Lição	Autoridade Geral
2	Kimball, S.W. (Bem-Estar); Perry, L.T.; Ballard, M.R.; Smith, B.B.
3	Brown, V.L.; Peterson, H.B.
4	Monson, T.S.
7	Burton, T.M.
8	Packer, B.K.; Ashton, M.J.
11	Rector, H., Jr.
12	Benson, E.T.
14	Packer, B.K.
15	Dunn, L.C.
16	Romney, M.G. (Sacerdócio)
18	Paramore, J.M.
19	Tanner, N.E.
20	Petersen, M.E.; Richards, F.D.; Brewerton, T.E.
21	Packer, B.K.
22	Hinckley, G.B.
23	Haight, D.B.; de Jager, J.
25	Derrick, R.G.; Rector, H., Jr.; Howard, F.B.
27	Kimball, S.W. (Sacerdócio)
28	McConckie, B.R.
29	Tanner, N.E.
30	Paramore, J.M.; Howard, F.B.; Goaslind, J.H., Jr.
32	Hunter, H.W.
33	Faust, J.E.

NOITE FAMILIAR 1981

Lição	Autoridade Geral
1	Ashton, M.J.
2	Rector, H., Jr.
4	Faust, J.E.
8	Benson, E.T.
11	Packer, B.K.; Derrick, R.G.
13	Monson, T.S.; Paramore, J.M.; Goaslind, J.H., Jr.
16	Tanner, N.E.
17	Dunn, L.C.
20	Richards, F.D.; Ballard, M.R.
21	Perry, L.T.
23	Kimball, S.W. (Bem-Estar); Perry, L.T.; Ballard, M.R.; Peterson, H.B.
26	Petersen, M.E.; Smith, B.B.

PRINCÍPIOS DO EVANGELHO

Lição	Autoridade Geral
1	Richards, F.D.
2	McConkie, B.R.
3	Tanner, N.L.; Dunn, L.C.
6	Haight, D.B.
7	Kimball, S.W. (Sábado de manhã); Richards, L.
8	Packer, B.K.
9	Ashton, M.J.; Paramore, J.M.; Goaslind, J.H., Jr.
10	Brown, V.L.
11	Benson, E.T.; Derrick, R.G.; Rector, H., Jr.; Peterson, H.B.
12	Derrick, R.G.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 14

Lição	Autoridade Geral
23	Burton, T.M.
31	Monson, T.S.
32	de Jager, J.; Howard, F.B.
35	Petersen, M.E.
36	Brown, V.L.
37	Ashton, M.J.; Paramore, J.M.; Goaslind, J.H., Jr.
38	Packer, B.K.
39	Derrick, R.G.; Rector, H., Jr.; Peterson, H.B.
42	Haight, D.B.; Faust, J.E.; Richards, F.D.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 16

Unidade	Lição	Autoridade Geral
1	1	Burton, T.M.
	2	Petersen, M.E.
	4	Haight, D.B.
2	3	Rector, H., Jr.
3	1	Richards, F.D.
	2	Faust, J.E.
	7	Brewerton, T.E.
	11	Monson, T.S.
	13	de Jager, J.; Howard, F.B.
	15	Derrick, R.G.; Goaslind, J.H.; Jr.; Peterson, H.B.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 17

Lição	Autoridade Geral
1	Petersen, M.E.
2	Faust, J.E.
3	Ashton, M.J.
11	Packer, B.K.; Derrick, R.G.
15	Romney, M.G. (Sacerdócio)

TÓPICOS PARA LIÇÕES ADICIONAIS PARA OS CURSOS 16 E 17

1. *Mordomia*	*Kimball, S.W. (Sábado de manhã)*
	Kimball, S.W. (Sacerdócio)
	Kimball, S.W. (Domingo à tarde)
2. Restauração de Israel	Romney, M.G. (Sábado de manhã)
3. Princípios básicos de bem-estar	Romney, M.G. (Bem-Estar)
4. As funções dos pais	Benson, E.T.
5. Revelação	Richards, L.
6. O documento de Joseph Smith III	Hinckley, G.B.
7. As chaves do reino	McConkie, B.R.
8. Preparação pessoal e familiar	Perry, L.T.
9. Provendo por nossas necessidades	Ballard, M.R.
10. Fé	Dunn, L.C.
11. Amai-vos uns aos outros	Paramore, J.M.
12. Gratidão	Abrea, A.
13. Oferta de jejum	Brown, V.L.

ARTIGOS DE A LIAHONA

14. "O Presidente Kimball Fala Sobre Moralidade"	Kimball, S.W., Março 1981, p. 136
15. "Confissão"	Clark, J.R., Outubro 1981.
16. "O Presidente Kimball Fala Sobre Profanidade	Kimball, S.W., Setembro 1981.
17. "Crocodilos Espirituais"	Packer, B.K., Agosto 1976, p. 24
18. "Amanhecer"	Dunn, L.C., Novembro 1981.
19. "Ele a Fez (a Obra) de Todo Seu Coração e Foi Bem Sucedido"	Kimball, S.W., Outubro de 1981.

Os discursos da conferência correlacionados às seções do *Manual do Programa de Bem-Estar ajudarão os líderes do* sacerdócio e da Sociedade de Socorro no ensino e implementação dos princípios e diretrizes do programa.

MANUAL DE RECURSOS DOS SERVIÇOS DE BEM-ESTAR (Edição 1980)

Título da Seção	Autoridade Geral/Outro Líder
1. "Princípios Básicos dos Serviços de Bem-Estar"	Kimball, S.W. (Bem-Estar) Romney, M.G. (Bem-Estar) Petersen, M.E. Monson, T.S. (Domingo de manhã) Packer, B.K. Ashton, M.J. Perry, L.T. Richards, F.D. Ballard, M.R. de Jager, J. Paramore, J.M. Howard, F.B. Goaslind, J.H., Jr. Brown, V.L. Peterson, H.B.
2. "Organização e Deveres"	Kimball, S.W. (Domingo à tarde)
3. "Viver Previdente e Prevenção através da Preparação Pessoal e Familiar"	Petersen, M.E. Packer, B.K. Perry, L.T. Faust, J.E. Rector, H., Jr. Dunn, L.C. Ballard, M.R. Smith, B.B.

4. "Prestação e Aceitação de Assistência"	Romney, M.G. (Bem-Estar) Monson, T.S. (Domingo à tarde)
5. "Sistema de Recursos do Armazém"	Petersen, M.E. Brown, V.L.
6. "Membros com Necessidades Especiais"	Monson, T.S. (Domingo à tarde)
7. "Planejamento e Treinamento"*	

* Implicito em muitas mensagens estava o conselho aos líderes e membros para viverem os princípios básicos dos serviços de bem-estar e para se preparar nas seis áreas de preparação pessoal e familiar. Isto implica organização, deveres, planejamento e treino em todos os níveis, do indivíduo e da família para todos os conselhos e comitês dos serviços de bem-estar. OBSERVAÇÃO: Os comitês e conselhos dos serviços de bem-estar são encorajados a devotar pelo menos dez minutos de cada reunião para treinamento. O conselho dado nos discursos relacionados acima provêem excelente orientação para treinamento durante os próximos seis meses.

SOCIEDADE DE SOCORRO 1981

Lição	Mensagem das Prof. Visit.	Viver Espiritual	Economia Doméstica	Relações Sociais
8	Monson, T.S.; Goaslind, J.H., Jr.			
9			Smith, B.B.	Kimball, S.W. (Domingo à tarde)
10		Romney, M.G. (Sacerdócio)		Monson, T.S.
11		McConkie, B.R.; Abrea, A.		



